

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE

LUANA TIBURI DANI

**A AFRICAÇÃO NA INTERLÍNGUA PORTUGUÊS-INGLÊS NA REGIÃO DE
COLONIZAÇÃO ITALIANA DO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL**

CAXIAS DO SUL - RS
2013

LUANA TIBURI DANI

**A AFRICAÇÃO NA INTERLÍNGUA PORTUGUÊS-INGLÊS NA REGIÃO DE
COLONIZAÇÃO ITALIANA DO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, com concentração na área de Linguística e Cultura Regional, pela Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Carmen Maria Faggion

CAXIAS DO SUL - RS
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

D183a Dani, Luana Tiburi

A africção na interlíngua português-inglês na região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul / Luana Tiburi Dani. - Caxias do Sul, RS. 2013.

132 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade 2013.

“Orientação: Profª. Drª. Carmen Maria Faggion”

1. Língua portuguesa – Palatalização. 2. Língua inglesa – Palatalização. 3. Língua portuguesa – Fonética. 4. Língua inglesa – Fonética. 5. Sociolinguística. 6. Aquisição de segunda língua. I. Título.

CDU 2.ed. : 811.134.3(81)'342.53

Índice para o catálogo sistemático:

1. Língua portuguesa – Palatalização	811.134.3(81)'342.53
2. Língua inglesa – Palatalização	811.111'342.53
3. Língua portuguesa - Fonética	811.134.3(81)'242
4. Língua inglesa – Fonética	811.111'242
5. Sociolinguística	81'27
6. Aquisição de segunda língua	81'243

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Márcia Servi Gonçalves – CRB 10/1500

A africação na interlíngua português-inglês na Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul

Luana Tiburi Dani

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, Área de Concentração: Estudos de Identidade, Cultura e Regionalidade. Linha de Pesquisa: Língua, Cultura e Regionalidade.

Caxias do Sul, 25 de outubro de 2013.

Banca Examinadora:



Dra. Carmen Maria Faggion
Universidade de Caxias do Sul



Dra. Cátia de Azevedo Fronza
Universidade do Vale do Rio dos Sinos



Dra. Giselle Olívia Mantovani Dal Corno
Universidade de Caxias do Sul



Dra. Vitalina Maria Frozi
Universidade de Caxias do Sul

Dedico este trabalho ao meu pai, Faustino Dani (*in memoriam*), e à minha mãe, Lenir Tiburi Dani, que acompanharam toda a minha caminhada acadêmica de perto, apoiando-me e torcendo por mim incondicionalmente. Sem vocês, nada teria sido possível e tampouco teria feito sentido.

AGRADECIMENTOS

À UCS, pela concessão da bolsa parcial de estudo.

À coordenação de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da UCS, professora Dra. Heloisa Pedroso de Moraes Feltes, por sua atenção e apoio.

À professora Dra. Carmen Maria Faggion, orientadora e amiga, por sua paciência, durante meu amadurecimento teórico, por sua orientação séria (antes mesmo do ingresso no mestrado, na orientação do pré-projeto), por ser uma das pessoas que mais me inspira na vida acadêmica e por ter me motivado com seus elogios e com suas observações delicadas, cuidadosas e precisas.

À professora Dra. Vitalina Maria Frosi e à professora Dra. Gisele Olivia Mantovani Dal Corno por terem aceitado participar da minha banca de qualificação, pelas recomendações teóricas e pela permissão, juntamente com a da professora Dra. Carmen Faggion, para eu utilizar, nesta investigação, a versão adaptada do Teste de Pares Ocultos utilizada no projeto Estigma/UCS.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade - Mestrado da UCS, por suas experiências e conhecimentos acadêmicos transmitidos desde a graduação.

À secretaria do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, em especial à Ariela Siqueira Dal Piaz, pela recepção calorosa e pelo atendimento cuidadoso.

À Magda Monica Cauduro Custódio, coordenadora do Programa de Línguas Estrangeiras da UCS, bem como as professoras Aline Brustulin e Márcia Zambon Farias e suas turmas de inglês *Basic 2*, participantes cujos testes aplicados são objetos de análise da pesquisa, por terem tornado possível a realização deste estudo.

À professora Adriana Speggorin Verza, assessora para pesquisas institucionais da UCS, pela orientação na análise estatística dos dados.

À amiga Heloisa Pedroso de Moraes Feltes, pela amizade e atenção para comigo.

Ao meu pai, Faustino Dani (*in memoriam*), mestre na escola da vida, por ter me ensinado a nunca desistir dos meus sonhos e por ter sempre acreditado no meu potencial, oportunizando de todas as formas meu crescimento pessoal e intelectual.

A minha mãe e melhor amiga, Lenir Tiburi Dani, por seu exemplo de resiliência e por sua paciência durante os momentos difíceis e por suas palavras de estímulo.

A Samuel Gauer, por estar novamente ao meu lado, sendo meu companheiro para todas as horas.

Aos colegas de curso da Turma 10 (literalmente!) – desde a sua formação inicial –, pelo coleguismo e pela amizade conquistada.

Aos ex-colegas de graduação em Letras da UCS e aos meus colegas de Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul, pelo apoio e incentivo.

A todos aqueles que contribuíram para realização deste trabalho.

“Live as if you were to die tomorrow. Learn as if you were to live forever.”

Gandhi

RESUMO

A AFRICAÇÃO NA INTERLÍNGUA PORTUGUÊS-INGLÊS NA REGIÃO DE COLONIZAÇÃO ITALIANA DO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL

LUANA TIBURI DANI

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

2013

Professora Orientadora: Dra. Carmen Maria Faggion

A variável dependente deste estudo é a africacão (ou palatalização) espúria das oclusivas alveolares /t/ e /d/ na interlíngua português-inglês de aprendizes de uma mesma comunidade de fala em Caxias do Sul, município pertencente à Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul. No português brasileiro, as consoantes alveolares são suscetíveis a processos alofônicos e servem como um marcador dialetal, portanto sua produção em inglês pode tornar-se problemática, conforme se depreende da leitura de Bettoni Techio (2005). Por meio da Análise de Interlíngua, investigamos a L2 de 16 participantes aprendizes de língua inglesa como língua estrangeira em nível inicial de aprendizagem. Houve aplicação da regra em 5,3% dos contextos obtidos. As variáveis independentes do estudo foram: transferência da L1, transferência de outra(s) L2, variabilidade devido(a) à/ao: a) ambiente linguístico, b) gênero, c) ascendência e d) atitude linguística. Das variáveis controladas, variabilidade devido ao ambiente linguístico (composta por contexto seguinte, sonoridade, e tonicidade) foi considerada significativa pelo testes estatísticos realizados para o estudo. Na comunidade de fala investigada, a africacão (ou palatalização) espúria de oclusivas alveolares na interlíngua português-inglês é condicionada favoravelmente pelos fatores: a) consoante-alvo /t/ e /d/ seguida de vogal, b) consoante-alvo desvozeada e c) consoante-alvo localizada em sílaba tônica.

PALAVRAS-CHAVE: Africacão. Interlíngua. Aquisição Fonética/Fonológica de Segunda Língua. Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

AFFRICATION IN BRAZILIAN PORTUGUESE-ENGLISH INTERLANGUAGE IN ITALIAN COLONIZATION REGION IN NORTHEASTERN RIO GRANDE DO SUL

LUANA TIBURI DANI

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

2013

Supervising Professor: Dr. Carmen Maria Faggion

The dependent variable of this study is the spurious affrication (or palatalization) of alveolar stops /t/ and /d/ in Brazilian Portuguese-English interlanguage of learners of the same speech community in Caxias do Sul, town which belongs to the Italian Colonization Region in Northeastern Rio Grande do Sul. In Brazilian Portuguese, alveolar stops are subject to allophonic processes and serve as a dialect marker. Considering L1 transfer, it is expected that the production of English final alveolar stops is problematic, as it is inferred by Bettoni Techio (2005). Through Interlanguage Analysis, we investigated the L2 phonology of sixteen beginning learners of English as a Foreign Language. There was rule application in 5.3% of contexts obtained. The independent variables of the study were: L1 transfer, other(s) L2 transfer, variability due to: a) linguistic environment, b) gender, c) ancestry and d) linguistic attitude. Out of the controlled variables, variability due to the linguistic environment (composed of following context, voicing and tone) was considered significant by statistical tests carried out for this study. In the community of speech and practice investigation, spurious affrication (or palatalization) of alveolar stops in Brazilian Portuguese-English interlanguage is conditioned favorably by the factors: a) target sound /t/ and /d/ followed by a vowel, b) voiceless target sound /t/ and c) target sound in stressed syllable.

KEY-WORDS: Affrication. Interlanguage. Second Language Phonetical/Phonological Acquisition. Italian Colonization Region in Northeastern Rio Grande do Sul.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	A articulação dos sons /t/ e /d/	36
Figura 02	A articulação dos sons /tʃ/ e /dʒ/	37
Figura 03	Três estágios no tempo de produção de uma oclusiva ou africada	38
Figura 04	Localização de Caxias do Sul em relação ao estado e ao país	62
Figura 05	Comparativo de porcentual entre a africacão na L1 e a africacão espúria na L2 por participante	83

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Esquema em anéis de tipos de interlínguas de aprendizes de LE	27
Quadro 02	Palatalização de oclusivas alveolares na pronúncia de brasileiros falantes de inglês	35
Quadro 03	Correlatos ortográficos de /t/ e /d/ no inglês	43
Quadro 04	Correlatos ortográficos de /tʃ/ e /dʒ/ no inglês	44
Quadro 05	Pronúncia do inglês x pronúncia marcada do falante brasileiro de inglês	44
Quadro 06	Contraste entre /t/- /tʃ/ e /d/- /dʒ/ no inglês	45
Quadro 07	Contraste entre os sons /t/, /ti/, /tʃ/ e /d/, /di/, /dʒ/ no inglês	46
Quadro 08	Convenções utilizadas na aplicação e análise do Teste de Pares Ocultos	74
Quadro 09	Relação de <i>tokens</i> na L2 cuja consoante-alvo /t/ e /d/ é seguida de vogal	84
Quadro 10	Relação de <i>tokens</i> na L2 cuja consoante-alvo /t/ e /d/ é seguida de vogal em fronteira lexical	85
Quadro 11	Relação de <i>tokens</i> na L2 cuja consoante-alvo /t/ e /d/ é seguida de ø	85
Quadro 12	Relação de <i>tokens</i> na L2 - consoante-alvo /t/	87
Quadro 13	Relação de <i>tokens</i> na L2 - consoante-alvo /d/	88
Quadro 14	Relação de <i>tokens</i> na L1 - consoante-alvo /t/	90
Quadro 15	Relação de <i>tokens</i> na L1 - consoante-alvo /d/	91
Quadro 16	Relação de <i>tokens</i> na L2 – sílaba tônica	92
Quadro 17	Relação de <i>tokens</i> na L2 – sílaba átona	93
Quadro 18	Relação de <i>tokens</i> na L2 – monossílabos	93
Quadro 19	Relação de <i>tokens</i> L1 – sílaba tônica	95
Quadro 20	Relação de <i>tokens</i> L1 – sílaba átona	95
Quadro 21	Relação de <i>tokens</i> L1 – monossílabos	96
Quadro 22	Teste de amostras emparelhadas – Resultados do Teste de Pares Ocultos	104

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Frequência e porcentual de africacão espúria na L2 por participante	80
Tabela 02	Frequência e porcentual de africacão na L1 por participante	82
Tabela 03	Estatísticas para os fatores controlados na variável <i>Variabilidade devido ao ambiente linguístico</i> : contexto fonológico seguinte	86
Tabela 04	Estatísticas para os fatores controlados na variável <i>Variabilidade devido ao ambiente linguístico</i> : sonoridade – africacão espúria na L2	90
Tabela 05	Estatísticas para os fatores controlados na variável <i>Variabilidade devido ao ambiente linguístico</i> : sonoridade – africacão na L1	92
Tabela 06	Estatísticas para os fatores controlados na variável <i>Variabilidade devido ao ambiente linguístico</i> : tonicidade – africacão espúria na L2	94
Tabela 07	Estatísticas para os fatores controlados na variável <i>Variabilidade devido ao ambiente linguístico</i> : tonicidade – africacão na L1	96
Tabela 08	Estatísticas de grupo (ascendências alemã, italiana e luso-brasileira) para a africacão espúria na L2	98
Tabela 09	Estatísticas de grupo (ascendências alemã, italiana e luso-brasileira) para a africacão na L1	98
Tabela 10	Teste de Pares Ocultos – áudio 01 – Variedade de português brasileiro padrão – falante masculino – frequência e porcentual	100
Tabela 11	Teste de Pares Ocultos – áudio 02 – Variedade de português brasileiro com marcas fonético-fonológicas de talian – falante feminino – frequência e porcentual	100
Tabela 12	Teste de Pares Ocultos – áudio 03 – Variedade de português brasileiro com marcas fonético-fonológicas de talian – falante masculino – frequência e porcentual	101
Tabela 13	Teste de Pares Ocultos – áudio 04 – Variedade de português brasileiro padrão – falante feminino – frequência e porcentual	101
Tabela 14	Resultado do Teste de Pares Ocultos para áudios 01, 02, 03 e 04	102
Tabela 15	Estatísticas para os resultados do Teste de Pares Ocultos	103

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E CONVENÇÕES

AC	Análise Contrastiva
AE	Análise de Erros
AI	Análise de Interlíngua
CEP/UCS	Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Caxias do Sul (CEP/UCS)
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
IL	Interlíngua
LA	Linguística Aplicada
LC	Linguística Contrastiva
LO	Língua-alvo ou Língua objeto de aprendizagem
RCI/RS	Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
L1	Língua materna ou língua nativa (português brasileiro)
L2	Segunda língua ou língua estrangeira ou interlíngua português-inglês
LE	Língua estrangeira
LM	Língua materna
P01	participante número 01
P02	participante número 02
P03	participante número 03
P04	participante número 04
P05	participante número 05
P06	participante número 06
P07	participante número 07
P08	participante número 08
P09	participante número 09
P10	participante número 10
P11	participante número 11
P12	participante número 12
P13	participante número 13
P14	participante número 14
P15	participante número 15
P16	participante número 16
TPO	Teste de Pares Ocultos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	AQUISIÇÃO FONÉTICA/FONOLÓGICA DE SEGUNDA LÍNGUA	21
2.1	LINGUÍSTICA CONTRASTIVA (LC)	21
2.1.1	Modelo de Análise Contrastiva (AC)	22
2.1.2	Modelo de Análise de Erros (AE)	25
2.1.3	Análise de Interlíngua (AI)	26
2.1.3.1	Variáveis (extra)linguísticas que incidem na constituição da interlíngua	29
3	A AFRICAÇÃO NA INTERLÍNGUA PORTUGUÊS-INGLÊS	34
3.1	INTRODUÇÃO	34
3.2	CONSOANTES OCLUSIVAS ALVEOLARES E PROCESSOS ALOFÔNICOS	35
3.2.1	Consoantes oclusivas alveolares e processos alofônicos no português brasileiro	39
3.2.2	Consoantes oclusivas alveolares e processos alofônicos no inglês	43
3.2.3	Consoantes oclusivas alveolares e processos alofônicos na interlíngua português-inglês	44
4	A REGIÃO DE COLONIZAÇÃO ITALIANA DO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL E SUA VARIEDADE LINGUÍSTICA	48
4.1	A REGIÃO DE COLONIZAÇÃO ITALIANA DO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL – RCI/RS	48
4.1.1	Região	48
4.1.2	Aspectos geo-históricos da RCI/RS	49
4.1.3	Aspectos sociolinguísticos	51
4.1.3.1	Atitudes linguísticas: prestígio e estigmatização linguística	54
5	METODOLOGIA	61
5.1	INTRODUÇÃO	61
5.2	A REGIÃO DE ESTUDO	61
5.2.1	O município de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul	61
5.2.2	A amostra	63
5.3	QUESTÕES DE PESQUISA E HIPÓTESES	64
5.4	DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS	67
5.4.1	Variável dependente	68
5.4.2	Variáveis independentes	68
5.4.2.1	Transferência	69
5.4.2.1.1	<i>Transferência da L1</i>	69
5.4.2.1.2	<i>Transferência de outra(s) L2</i>	69
5.4.2.2	Variabilidade	70
5.4.2.2.1	<i>Variabilidade devido ao ambiente linguístico</i>	70
5.4.2.2.2	<i>Variabilidade devido ao gênero</i>	71
5.4.2.2.3	<i>Variabilidade devida à ascendência</i>	71
5.4.2.2.4	<i>Variabilidade devida à atitude linguística</i>	71

5.5	INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS	72
5.5.1	Questionário sobre Participantes de Pesquisa de Campo	72
5.5.2	Teste de Leitura Oral de Sentenças em Língua Inglesa e em Língua Portuguesa	72
5.5.3	Teste de Pares Ocultos	73
5.5.4	Análise estatística dos dados através do SPSS	76
6	DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	79
6.1	AFRICAÇÃO NA INTERLÍNGUA PORTUGUÊS-INGLÊS (L2)	79
6.2	TRANSFERÊNCIA	81
6.2.1	Transferência da L1	81
6.2.2	Transferência de outra(s) L2	83
6.3	VARIABILIDADE	84
6.3.1	Variabilidade devido ao ambiente linguístico	84
6.3.2	Variabilidade devido ao gênero	97
6.3.3	Variabilidade devida à ascendência	97
6.3.4	Variabilidade devida à atitude linguística	99
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
	REFERÊNCIAS	110
ANEXO A	COLÔNIAS ORIGINAIS E SEUS DESDOBRAMENTOS EM MUNICÍPIOS	118
ANEXO B	MAPA DOS MUNICÍPIOS DERIVADOS DAS COLÔNIAS ITALIANAS OFICIAIS	120
ANEXO C	PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP, Nº 303.248 DE 27.05.2013	121
ANEXO D	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	125
ANEXO E	QUESTIONÁRIO SOBRE PARTICIPANTES DE PESQUISA DE CAMPO	127
ANEXO F	TESTE DE LEITURA DE SENTENÇAS EM LÍNGUA PORTUGUESA	129
ANEXO G	TESTE DE LEITURA DE SENTENÇAS EM LÍNGUA INGLESÁ	130
ANEXO H	TESTE DE PARES OCULTOS	131

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como tema a africacão espúria¹ de t e d seguido de [i], [i:] ou [ɪ] na interlíngua português-inglês² e sua possível relação com fatores linguísticos e/ou sociais, numa comunidade de fala³ ítalo-brasileira pertencente à Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul (doravante RCI/RS). Orientado pelas pesquisas no domínio da Sociolinguística e da Linguística Aplicada, este estudo, de cunho interdisciplinar, objetiva, em havendo o processo de africacão espúria na interlíngua português-inglês de aprendizes nativos da RCI/RS, identificar como se dá o processo a partir de seu(s) possível(is) condicionante(s) linguístico(s) e/ou extralinguístico(s).

No português brasileiro, “as consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/ frequentemente apresentam variação, mais especificamente nos contextos em que são seguidas pela vogal alta anterior [i], pela semivogal [y], ou pela vogal proveniente da elevação de vogal média /e/, como nos exemplos *tinta/dívida*, *pátio/médio* e *antes/verdade*, respectivamente”. (SILVA, H., 2009, p. 14). Denomina-se tal processo de *palatalização de oclusivas alveolares*. Nos dialetos em que este processo se aplica as oclusivas t/d manifestam-se como africadas alveopalatais tʃ/dʒ quando seguidas da vogal i (oral ou nasal). Nestes dialetos temos [tʃ]ia para “tia” e [dʒ]ia para “dia”. Os dialetos que não têm este processo apresentam as pronúncias tia “tia” e dia “dia”. Segundo Bisol (1986), esse fenômeno linguístico ocorre em regiões diversas do Brasil⁴ e pode ser analisado diferentemente a depender da perspectiva teórica que se considere.

No que diz respeito à interlíngua português-inglês, Silva, T. (2012) atenta para a tendência de os aprendizes brasileiros de inglês africarem t e d seguido de [i], [i:] ou

¹ O termo “*spurious affrication*” aparece em NEVINS e BRAUN (2009). Nesse estudo analisam-se as sequências em inglês [tu] articuladas como [tʃu] no português brasileiro. Decidiu-se, portanto, adjetivar a africacão de t e d seguido de [i], [i:] ou [ɪ] na interlíngua português-inglês de “espúria”, pois no inglês, tal processo alofônico (assim como o descrito por Nevins e Braun (2009)) não opera nessas circunstâncias.

² Para os fins deste trabalho, utilizar-se-ão, de forma intercambiável, os termos L2, segunda língua, língua estrangeira e interlíngua português-inglês.

³ Conforme Silva, T. (2011, p. 78) comunidade de fala é uma “comunidade de falantes que apresentam características linguísticas comuns e que podem ser agrupados a partir de critérios metodológicos específicos, como, por exemplo, critérios linguísticos, geográficos, sociais ou etários.”

⁴ Para conhecer mais sobre a palatalização de oclusivas alveolares na RCI, ver o estudo de Elisa Battisti, resultado dos projetos de pesquisa Variação linguística e sociedade: a palatalização das oclusivas alveolares como prática social em Antônio Prado/RS (BDSer-Var) (2005-2008) e Variação fonológica e globalização (2009-atual).

[ɪ]. Ao longo da experiência docente da autora desta pesquisa como professora de língua inglesa em cursos livres de idiomas e em escolas regulares, a observação direta permite que se perceba a produção variável dos fonemas /t/ e /d/ seguidos de [i], [ĩ] ou [ɪ] na interlíngua português-inglês de aprendizes nativos da RCI/RS. Palavras da língua inglesa, como *tea* /ti:/, *different* /'dɪfrənt/, *still* /stɪl/, *candy* /'kændi/, *twenty* /'twentɪ/ e *lady* /'leɪdɪ/ são, frequentemente, assim pronunciadas: [tʃi], ['dʒɪfrənt], [stʃɪl], ['kændʒi], ['twentʃi] e ['leɪdʒi].

Frente a isso, elaboram-se os seguintes questionamentos:

- a) poder-se-ia afirmar que esses aprendizes de língua inglesa nativos da RCI/RS transferem os padrões de variação dos fonemas /t/ e /d/ em sua língua nativa para a sua interlíngua?
- b) além da transferência da língua nativa, há outros fatores (extra)linguísticos, envolvidos na africacão espúria na interlíngua desses aprendizes?

Com o intuito de analisar a contribuição dos fatores (extra)linguísticos em estudo quanto à sua contribuição no (não)condicionamento da africacão na interlíngua português-inglês da amostra coletada, acredita-se que a africacão espúria na L2 pode ser favorecida pelos seguintes fatores linguísticos e sociais:

- transferência da L1;
- transferência de outra(s) L2;
- ambiente linguístico;
- gênero;
- ascendência;
- atitudes linguísticas em relação à variedade de língua portuguesa com marcas fonético-fonológicas do talian.

A partir dessa hipótese geral, surgiram os seguintes questionamentos com base nas variáveis elencadas para investigação no estudo junto às referentes hipóteses⁵ que foram levantadas:

- a) ocorre africacão espúria na interlíngua português-inglês (L2)? Em que medida?
Hipótese: Ocorre africacão espúria na interlíngua português-inglês e a média do

⁵ As hipóteses aqui expostas encontram-se resumidas para dar conta dos propósitos do capítulo introdutório. Cada uma das hipóteses aqui citada será explorada em detalhes na seção 5.3, Questões de pesquisa e hipóteses, no capítulo 5, referente à metodologia.

- percentual de aplicação dessa regra é aproximada à média do percentual de africacão na língua portuguesa (L1);
- b) há correlacão significativa entre a frequênciade africacão na L1 e a frequênciade africacão espúria na L2? Hipótese: A taxa percentual de africacão na L1 e na L2 dos participantes é similar;
 - c) na L2, a africacão espúria é mais frequente quando a consoante-alvo /t/ ou /d/ é seguida de (1) vogal, (2) vogal em fronteira lexical ou (3) ø (zero)? Hipótese: A africacão espúria na L2 é mais frequente quando a consoante-alvo /t/ ou /d/ é seguida de (1) vogal ou (2) vogal em fronteira lexical;
 - d) a africacão espúria na L2 é mais recorrente quando a consoante-alvo é vozeada ou desvozeada? Hipótese: A africacão espúria na L2 ocorre com mais frequênciade quando a consoante-alvo é desvozeada;
 - e) o que mais favorece a africacão espúria na L2: consoante-alvo /t/ ou /d/ situada em (1) sílaba tônica, (2) sílaba átona ou em (3) monossílabo? Hipótese: Consoante-alvo /t/ ou /d/ situada em sílaba tônica propicia a africacão espúria na L2.;
 - f) a frequênciade africacão espúria na interlíngua português-inglês é menor quando o aprendiz está exposto a mais de uma L2? Hipótese: A frequênciade africacão espúria na L2 é menor quando o aprendiz está exposto a mais de uma segunda língua;
 - g) em qual grupo ocorre mais africacão espúria na L2: no feminino ou no masculino? Hipótese: A africacão espúria na L2 é mais recorrente entre mulheres;
 - h) Em qual grupo ocorre mais africacão espúria na L2: (1) ascendência alemã, (2) ascendência italiana ou (3) ascendência luso-brasileira? Hipótese: A africacão espúria na L2 é mais frequente entre os participantes na seguinte ordem: participantes de ascendência luso-brasileira, alemã e italiana;
 - i) há correlacão entre a africacão espúria na L2 e a atitude linguística favorável frente à variedade de português padrão? Hipótese: A africacão espúria na L2 é favorecida pela atitude linguística favorável à variedade de português padrão;
 - j) há correlacão entre a africacão espúria na L2 e a atitude linguística desfavorável frente à variedade de português com marcas do talian? Hipótese: A africacão espúria na L2 é favorecida pela atitude linguística desfavorável à variedade de português com marcas do talian.

Nortearmos nosso estudo a partir dos seguintes objetivos específicos:

- a) mensurar a africacão espúria na interlíngua português-inglês e africacão na língua portuguesa de aprendizes nativos e/ou residentes em Caxias do Sul (RCI/RS);
- b) identificar o(s) possível(is) fator(es) (extra)linguístico(s) condicionante(s) da africacão espúria na interlíngua português-inglês de aprendizes nativos da RCI/RS;
- c) analisar, de forma interdisciplinar, nas áreas de Sociolinguística e de Linguística Aplicada, os dados que serão obtidos a partir dos instrumentos aplicados na pesquisa;
- d) fornecer, a partir da discussão dos dados nesta investigação, subsídios teóricos à área de estudos voltada para a interfonologia de aprendizes brasileiros de inglês, bem como aos profissionais envolvidos no ensino da pronúncia do inglês no contexto da RCI/RS.

Com o fito de contemplar os objetos propostos, aplicar-se-ão a cada um dos dezesseis participantes da pesquisa⁶, aprendizes de inglês como LE, três testes: dois de leitura oral de sentenças, em língua inglesa e portuguesa, além dos Testes de Pares Ocultos, técnica originada por Lambert e adaptada por Frosi, Faggion e Dal Corno (2008)⁷. Averiguar-se-á, a partir dos dados coletados por meio desses instrumentos, a relativa contribuição das variáveis (extra)linguísticas postas aqui em exame, à luz da fundamentação teórica eleita para este estudo.

Conforme informação levantada por Silveira & Baptista (2006) por meio de uma busca de dissertações de mestrado e teses de doutorado no Banco de Teses virtual da CAPES, constata-se um crescente interesse em compreender melhor como se dá a aquisição do sistema fonológico do inglês por falantes nativos do português do Brasil (PB), revelando o fortalecimento da área de interfonologia nos programas brasileiros de pós-graduação, a partir do ano de 2001. Esse aumento mostra-se em consonância com o crescimento pelo qual a área vem passando em nível mundial, conforme aponta Eckman (2004 *apud* ALVES, 2008) em sua revisão do estado da arte nesse campo de investigação. Conforme Alves (2008) é indispensável mencionar que tal aumento no número de estudos, seja em um contexto nacional ou global, incide em trabalhos que variam no que diz respeito ao modelo de análise

⁶ Detalhes sobre a constituição da amostra da pesquisa na seção 5.2.2.

⁷ Frosi, Faggion e Dal Corno gentilmente autorizaram a utilização dessa adaptação do Teste de Pares Ocultos para os propósitos desta investigação.

adotado, bem como no que diz respeito ao grau de teor explicativo ou meramente descritivo dos dados, verificados os diferentes objetivos e as orientações teóricas seguidas pelos autores.

Esta pesquisa, inserida no Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, visa a contribuir com um estudo interdisciplinar, no domínio dos estudos da Sociolinguística e de Linguística Aplicada, acerca da interlíngua português-ínglês no contexto da RCI/RS. Espera-se que os resultados obtidos agreguem informações de ordem teórico-científica, que auxiliem profissionais envolvidos com o ensino de língua inglesa no entendimento e avaliação das dificuldades orais de aprendizes oriundos dessa região.

Com a intenção de melhor conduzir a organização deste estudo, dividimos este trabalho em sete capítulos. No primeiro capítulo, são apresentados o seu tema, os seus objetivos e questões norteadoras, que guiaram a execução de todo o trabalho.

No segundo capítulo, intitulado “Aquisição fonológica de segunda língua”, consta a fundamentação teórica deste estudo. Realiza-se uma revisão do estado da arte dos modelos de análise da Linguística Contrastiva: Análise Contrastiva, Análise de Erros e Análise de Interlíngua. A atenção é mais direcionada à Análise de Interlíngua, pelos propósitos do trabalho em questão. Na seção referente a esse modelo de análise explorar-se-á o conceito de interlíngua, bem como das variáveis de ordem (extra)linguística que incidem em sua constituição.

A africação na interlíngua português-ínglês é assunto do terceiro capítulo, de título homônimo. Discutem-se, primeiramente, os processos alofônicos aos quais as consoantes oclusivas alveolares estão sujeitas no português brasileiro e no inglês, para depois chegar-se à discussão da africação espúria na interlíngua português-ínglês, processo alofônico alvo desta investigação.

O quarto capítulo, “A configuração da RCI/RS e sua variedade linguística”, trabalhar-se-á o conceito de região e de Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul. Após breve contextualização histórico-geográfica, deter-nos-emos nos aspectos sociolinguísticos dessa região: o talian, o português da RCI/RS, as atitudes linguísticas frente a essas variedades linguísticas, bem como os estudos já realizados sobre esse tema.

No capítulo destinado à metodologia, fornecer-se-á dados sobre a região de estudo, o município de Caxias do Sul, e a constituição da amostra utilizada neste estudo. Retomar-se-ão as questões de pesquisas e hipóteses e definir-se-ão as variáveis sob investigação. Além disso,

descrever-se-ão os instrumentos utilizados e os procedimentos de coleta e tratamento dos dados.

A descrição e discussão dos resultados serão tratadas no sexto capítulo, no qual se verificará o *quantum* cada fator das variáveis independentes influencia a africação espúria na L2 utilizando o programa computacional para testes estatísticos SPSS.

No último capítulo, das considerações finais, promover-se-á uma discussão geral dos resultados apresentados pelo estudo, suas implicações pedagógicas e possíveis contribuições desta investigação.

2 AQUISIÇÃO FONÉTICA/FONOLÓGICA DE SEGUNDA LÍNGUA

“Como nunca antes, as pessoas tem tido que aprender uma segunda língua [...]. Nesse momento, há uma necessidade óbvia de descobrir mais sobre como segundas línguas são aprendidas⁸.”

Rod Ellis

2.1 LINGÜÍSTICA CONTRASTIVA

Segundo Edwards e Zampini (2008), as últimas três décadas têm testemunhado um ressurgimento e crescimento do interesse na investigação sobre a aquisição fonológica de uma segunda língua (L2), além de uma constante expansão e mudança no repertório de técnicas e modelos para estudá-la. Pesquisas têm evidenciado que

existem inúmeros fatores que afetam o nível relativo de facilidade ou dificuldade na aquisição fonológica de uma L2, bem como a precisão relativa (ou *nativeness*) do discurso em L2, que vão muito além de uma consideração geral acerca da idade do aprendiz no início da aquisição. Além disso, os avanços tecnológicos mudaram as formas pelas quais os pesquisadores coletam seus dados e conduzem suas análises, bem como desenvolvem aplicações pedagógicas, especialmente nos últimos anos⁹.

A formação do arcabouço teórico que fundamenta a investigação aqui proposta provém da Linguística Contrastiva (doravante LC), também chamada de Linguística de Contrastes, que é para Durão (2007) “o solo sobre o qual se erguem as análises de interlíngua de aprendizes de LE¹⁰.” Em outras palavras, a LC é “a área que se centra na observação de sistemas linguísticos próprios de aprendizes de línguas estrangeiras (LE) frente a sua língua materna (LM), [...] com o objetivo de desnudar o modo como cada sistema se constitui em relação ao outro¹¹.”

⁸ **Do original:** “As never before, people have had to learn a second language, not just as a pleasing pastime, but often as a means of obtaining an education or securing employment. At such a time, there is an obvious need to discover more about how second languages are learned.” (ELLIS, 1997, p. 03). Todas as traduções do inglês e do espanhol para o português que aparecem neste trabalho são de responsabilidade da pesquisadora.

⁹ **Do original:** “[...] there are numerous factors that affect the relative level of ease or difficulty in L2 phonological acquisition, as well as the relative accuracy (or ‘nativeness’) of L2 speech, that go far beyond a general consideration of the learner’s age at the onset of acquisition. In addition, technological advances have changed the ways in which researchers collect their data and conduct their analyses as well as develop pedagogical applications, especially in recent years.” (EDWARDS & ZAMPINI, 2008, p. 01).

¹⁰ **Do original:** “[...] el suelo sobre el que se erigen los análisis de interlengua de aprendices de LE.” (DURÃO, 2007, p. 11).

¹¹ **Do original:** “[...] el área que se centra en la observación de sistemas lingüísticos propios de aprendices de lenguas extranjeras (LE) frente a su lengua materna (LM), [...] con el objeto de desnudar el modo como cada sistema se constituye con respecto al otro.” (*Ibidem*, p.11).

As investigações que a LC vem desenvolvendo sobre o processo de aprendizagem de uma Língua Estrangeira são feitas a partir de três modelos de análise, que, segundo Farias (2005), se cristalizaram e que, por suas diferenças, devem ser estudadas separadamente: Análise Contrastiva (doravante AC), Análise de Erros (doravante AE) e Análise de Interlíngua (doravante AI). Cada um desses modelos “apresenta diferenças quanto aos princípios metodológicos em que se baseia, no corpus de dados que emprega, nos resultados e nas consequências didáticas. A passagem de um modelo a outro não supõe um abandono dos pressupostos teóricos dos modelos anteriores e sim uma evolução e superação destes num esforço científico comum.” (FARIAS, 2005, p. 27).

2.1.1 MODELO DE ANÁLISE CONTRASTIVA (AC)

A primeira vertente da LC, denominada Modelo de Análise Contrastiva (AC), é um modelo de análise no qual se compara uma língua nativa com uma língua estrangeira a ser aprendida. Com o término da Segunda Guerra Mundial e depois de uma série de mudanças sociais sofridas por alguns países, houve uma forte demanda no que diz respeito ao ensino de línguas. Surgiram, com isso, novos métodos e materiais de ensino, já que, até o momento, os que existiam eram insatisfatórios. Foi justamente nessa época, dos anos 1940 e 1950, que a AC aparece amparada no estruturalismo americano e na psicologia behaviorista. Portanto, a AC baseia-se, principalmente, no trabalho de Fries (1945) e Lado (1957), que pertenciam à Universidade de Michigan, nos Estados Unidos.

A hipótese da AC influenciou sensivelmente a área da Linguística Aplicada e do ensino da segunda língua por mais de vinte anos. Conforme destacam Dulay, Burt e Krashen (1993), é importante que os princípios teóricos da AC sejam revistos, porque, embora estudos posteriores tenham mostrado um papel mais positivo da LM na aprendizagem de uma LE, a AC ainda permanece na base de grande parte da metodologia do ensino da L2 e dos materiais utilizados.

Fries (1945) e Lado (1957), os principais investigadores da AC, entendiam que a aprendizagem de uma LE era a substituição de hábitos da LM por hábitos novos – da língua objeto de aprendizagem (LO). Nesse processo de substituição, hábitos antigos (da LM), inevitavelmente, interfeririam nos hábitos novos (da LE), de tal modo que a única forma de superar a interferência seria identificar e quantificar previamente traços distintivos entre as línguas, evitando o cometimento de erros. O erro, para os defensores dessa primeira versão da AC, era, conforme Durão (2007), algo totalmente negativo e, com o fito de evitá-lo, o modelo

da AC propunha, além de previsão de dificuldades, práticas controladas de estruturas problemáticas, mediante aplicação de exercícios baseados em tabelas de substituição (*drills*).

Conforme Durão (2007),

uma das principais metas da AC é alertar sobre as diferenças existentes entre a LM e a LE, porque, segundo seus postulados, essas diferenças provocariam interferências na língua em construção. A previsão de dificuldades propiciaria os meios adequados para evitar a imposição de uma estrutura sobre outra¹².

A AC partiu, portanto, dos seguintes princípios, consoante Konzen (1997):

- a) *as línguas são distintas e o estudo de uma LE não se ampara nos mesmos fundamentos que o estudo da LM.* Enquanto a aquisição da LM se dá naturalmente, sem condicionamentos, a de uma L2 pode ser prejudicada por uma competência previamente desenvolvida;
- b) *com o aprendizado de uma nova língua formam-se hábitos novos.* Essa teoria, comportamentalista, fundamenta-se na psicologia behaviorista, defendida por Fries (1971) na apresentação feita para a *Introdução à Linguística Aplicada*, de Lado (1971, p. 06): “Os problemas básicos não são causados por nenhuma dificuldade intrínseca das prioridades da nova língua, consideradas em si mesmas, mas essencialmente pelo “conjunto” especial criado pelos hábitos da língua materna.”
- c) *a LM influencia a L2 em aquisição.* A elaboração cuidadosa de um inventário (levando-se em conta não apenas as diferenças, mas também as semelhanças constatadas entre as estruturas em confronto), mostra que a aquisição de uma L2 passa por estágios graduais, sob a influência dos mecanismos da LM que podem influenciar ou de modo positivo – pela semelhança com os da L2 – ou de modo negativo – frente às diferenças de organização da língua –, ou facilitando ou dificultando a aprendizagem do novo código linguístico;
- d) *a previsão de semelhanças e diferenças pode ser feita pela comparação sistemática.* As semelhanças e as diferenças entre as duas línguas eram consideradas como índice de facilidades ou dificuldades encontradas pelo aprendiz na passagem de um sistema linguístico a outro.

Durante os primeiros anos da década de 1960, o modelo da AC foi considerado ideal.

No entanto, a partir dos últimos anos dessa mesma década, vários teóricos viram que algumas

¹² **Do original:** “Una de las principales metas del AC es alertar sobre las diferencias existentes entre la LM y la LE, porque según sus postulados, esas diferencias provocarían interferencias en la lengua en construcción. La previsión de dificultades propiciaría los medios adecuados para evitar la imposición de una estructura sobre la otra.” (DURÃO, 2007, p. 12).

de suas premissas eram discutíveis, o que desencadeou uma série de tentativas em recusá-lo como modelo teórico confiável, embora também tenha havido teóricos que entenderam que a AC tinha muitos pontos positivos quanto à aprendizagem das línguas não-nativas. Segundo Durão (2007), foi Wardhaugh (1970) um dos que pretenderam preservar a AC como modelo teórico de utilidade. Ele acreditava que esse modelo tinha apenas um problema: tentar fazer predições de erros sem que se comparassem as produções dos aprendizes com as predições feitas. Chamou a primeira versão da AC, versão forte¹³ e, para substituí-la, propôs uma nova, que denominou versão fraca¹⁴, cujo propósito era explicar a conduta dos aprendizes sem predizê-la. Findando sua análise das duas versões, Wardhaugh (1970, p. 129) afirma:

A hipótese da Análise Contrastiva tem provado ser possível trabalhar, pelo menos não na versão “forte” na qual foi originalmente expressa. Essa versão pode funcionar somente para quem estiver preparado para ser bastante crédulo nos problemas lingüísticos¹⁵. A versão “fraca”, entretanto, tem provado ser de ajuda e indubitavelmente continuará a sê-lo na medida em que a teoria lingüística de desenvolve.

Embora essa versão tenha limitações importantes, já era em si um grande avanço ao compará-la com os fins preditivos da versão forte. No entanto, Durão (2007) relata que, ao longo de praticamente toda a década de 70, a AC foi perdendo seu prestígio, sendo derrubado por críticas contundentes, entre elas:

- a) a ideia de que a língua não é um conjunto de hábitos automatizados;
- b) a afirmação de que todas as estruturas diferentes da LM invariavelmente provocariam dificuldades de aprendizagem;
- c) a suposição de que a interferência é o único fator que levava os aprendizes a cometerem erros.

A AC não explicava grande parte dos erros cometidos pelos estudantes de uma LE. No entanto, as opiniões sobre qual método usar são variadas. Segundo Pavón (2009, p. 122-123), há linguistas que pensam que a AC é um método de investigação inapropriado e insuficiente (e, como consequência, deveria ser substituído pela AE) e os que opinam que a AC deve ser trabalhada de forma paralela com a AE, retroalimentando-se, obtendo-se, assim, resultados muito mais completos. Alguns autores, como Corder (1974), acreditam que a AE deve complementar e/ou verificar a AC. Outros acreditam que a AC deverá ser feita somente depois da AE, com o propósito de explicar os erros cometidos.

¹³ Também denominada ‘versão *a priori*’ ou ‘versão preditiva’.

¹⁴ Também denominada ‘versão *a posteriori*’ ou ‘versão explicativa’.

¹⁵ Todas as citações respeitam a ortografia da obra original.

2.1.2 MODELO DE ANÁLISE DE ERROS (AE)

A Análise de Erros, ou também chamada Versão Fraca da Análise Contrastiva, surgiu no final dos anos 1960 e, mesmo que posteriormente tenha sido considerada o elo entre a AC e a AI, a AE, num primeiro momento, nasceu como reação à AC. O artigo de Corder (1967), intitulado *The significance of learners errors* (A significância dos erros dos aprendizes), dá o pontapé inicial para a constituição da AE e outros trabalhos do autor (Corder, 1971, 1973 e 1981, entre outros) estabelecem a base e os procedimentos de investigação.

Conforme Farias (2005, p. 35), o objetivo da AE, em seu primeiro momento, era “predizer as áreas de dificuldade na aprendizagem mediante um inventário de erros mais frequentes, valorizando a gravidade dos mesmos desde o ponto de vista gramatical”. Em publicações posteriores, Corder ampliou os objetivos da Análise de Erros, “centrando-se nas aplicações didáticas do modelo, em como melhorar o material didático e em corrigir as deficiências na aprendizagem de uma LE.”

Segundo Corder (1967), a AE tinha a preocupação de coletar dados dos alunos e, a partir deles:

- a) detectar os desvios passando a classificá-los em sistemáticos e não sistemáticos;
- b) estabelecer a frequência com que eles ocorrem e suas causas prováveis;
- c) precisar o grau de distúrbio que os erros causam na veiculação da mensagem;
- d) fixar estratégias pedagógicas para a superação desses erros.

Para Durão (2007), no novo modelo da LC que estava se configurando – a AE –, os erros passaram a ser entendidos como indício de que a aprendizagem estava se desencadeando. Eram dois os propósitos do modelo da AE: tratar de superar alguns dos problemas da AC e demonstrar que muitos dos erros cometidos por aprendizes de línguas não maternas refletiam estratégias universais de aprendizagem, sendo a transferência apenas uma delas.

Durão (2004, p. 21) apresenta uma comparação entre a AC e a AE. Enquanto na AC (em sua versão forte) se realizam predições de erros sem considerar a produção dos aprendizes, ou (em sua versão fraca) considera-se a produção dos aprendizes, não levando em conta outros fatores além da interferência da língua materna na língua estrangeira, no modelo da AE, os pesquisadores trabalham sobre problemas reais e não sobre problemas hipotéticos.

No que se refere aos erros, na AC os erros prejudicam o processo de aprendizagem de línguas, por isso procura-se erradicá-los ou até mesmo evitá-los antes que cheguem a

materializar-se na produção dos estudantes, enquanto que na AE, os erros funcionam como indicadores das áreas de dificuldade, servindo como fonte de informação para que se elaborem ou se adaptem materiais didáticos e/ou estratégias psicolinguísticas que os causaram. Conforme Boéssio (2003), com essa valorização do “erro” se passa ao conceito de “interlíngua” (explorado na seção seguinte). O estudo dos erros sistemáticos “reflete a competência de transição do aluno na LE, e podem ser atribuídos à interferência da LM ou ao domínio incompleto de estruturas menos gerais da língua alvo.” (BOÉSSIO, 2003, p. 22).

Mesmo com todas as críticas feitas à Análise Contrastiva e à Análise de Erros, Oliveira (2006) atenta para o aspecto fundamental que o conhecimento dessas análises tem para o professor de línguas estrangeiras para ajudar seus alunos na aquisição da LE e facilitar a formulação e reformulação de planos de aula, para se obter a melhor aprendizagem.

Tem-se discutido muito se a AE deve considerar-se como a alternativa à AC ou como um subcomponente desta. Atualmente, propõe-se que ambas são mutuamente complementares, relacionando-se uma a outra. De fato, os estudos de AE ampliaram o conhecimento sobre o processo de aquisição de uma L2 e contribuíram sobretudo para caracterizar do sistema linguístico dos aprendizes, com o qual nos ocuparemos a seguir.

2.1.3 ANÁLISE DE INTERLÍNGUA (AI)

Conforme Selinker (1972), é necessário estudar os dados das produções linguísticas do aprendiz para determinar que elementos são relevantes para o desenvolvimento de uma adequada teoria psicolinguística da aprendizagem de LE. Em outras palavras, para entender melhor o processo de aprendizagem da língua-alvo, a aprendizagem deve ser analisada a partir do ponto de vista do aprendiz, ou seja, partindo de como se aprende uma língua.

Os dados psicológicos mais significativos na aprendizagem de uma língua-alvo são os dados linguísticos produzidos pelo aprendiz. Dados que propiciam a compreensão das estruturas psicolinguísticas e dos processos que estão subjacentes à intenção de uma produção significativa. Tal produção significativa se refere à situação na qual um adulto tenta expressar significados que ele já pode ter, em uma língua na qual ele está em processo de aprendizagem.

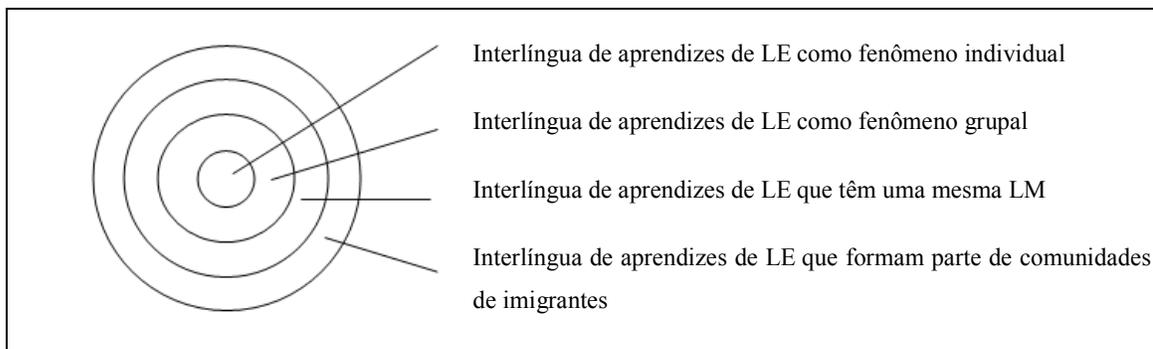
O termo “interlíngua” (com o sentido de *língua do aprendiz de LE* – introduzido por Larry Selinker em 1969 e elaborado por esse mesmo autor em 1972), então, é sugerido para intitular os estágios intermediários entre a LM e a L2, observáveis a partir do resultado de uma tentativa do aprendiz de produzir uma norma da língua-alvo. À medida que apenas uma análise dos erros dos aprendizes não dá conta de explicar uma série de questões referentes à

aquisição de uma L2, vários pesquisadores propõem o estudo de todo o seu sistema linguístico: os acertos podem ser tão significativos e reveladores quanto os erros.

Conforme Selinker (1972), as interlínguas caracterizam-se por sua transitoriedade, devida, entre outros fatores, ao próprio tipo de matéria prima de que se constitui: a LM dos aprendizes, as línguas estrangeiras conhecidas previamente e a LO, língua objeto de aprendizagem. Selinker (1972) propõe que para melhor entender o que é a interlíngua e como ela se desenvolve, deve-se estudar a produção linguística obtida de cada um dos três sistemas – LM, IL e LO –, bem como estudar o aspecto psicológico que intervém na formação da própria interlíngua.

Um mesmo aprendiz de LE pode aglutinar em seu sistema linguístico idiossincrático características peculiares de mais de um tipo de interlíngua, tal como se pode constatar no seguinte esquema em anéis proposto por Durão (2007, p. 24):

Quadro 01: Esquema em anéis de tipos de interlínguas de aprendizes de LE



Fonte: Durão (2007, p. 24).

A autora explica que a interlíngua de aprendizes de LE é, em primeira instância, um fenômeno individual, um sistema linguístico em construção que resulta das peculiaridades de cada aprendiz. No entanto, Durão (2007) salienta que, apesar de cada aprendiz desenvolver interlínguas próprias, se participa em um contexto de aprendizagem, tenderá a incorporar a suas interlínguas aspectos que convergirão com outros das interlínguas dos demais aprendizes que compartilham com ele o mesmo espaço de aprendizagem. Além disso, segundo ela, quando os aprendizes têm uma mesma LM e um nível similar de preparação acadêmica nessa língua, tenderão a expandir a seus sistemas linguísticos em construção aspectos dessa língua que, de certo modo, a uniformizarão em alguns aspectos. Durão (2007) encerra a explicação do esquema por ela proposto observando que, se os aprendizes de LE são descendentes de membros de uma determinada comunidade de imigrantes e se interagem com eles em sua LM,

poderão também, apresentar em sua interlíngua marcas características dessa comunidade linguística.

As análises de interlíngua foram, pouco a pouco, adquirindo autonomia teórica; no entanto, como destaca Baralo Ottonello (2004 *apud* DURÃO, 2007), as interlínguas podem ser interpretadas através de vários filtros. A tentativa de entendimento do fenômeno “interlíngua” a partir de perguntas, objetivos e metodologias de investigação diferentes pode levar, conseqüentemente, a respostas diferentes ou parcialmente diferentes.

Conforme explica Ellis (1997), a perspectiva prevalecente nos estudos sobre interlíngua é psicolinguística, pois os pesquisadores estiveram primeiramente preocupados em identificar os mecanismos internos responsáveis pelo desenvolvimento interlinguístico. Entretanto, a importância dos fatores sociais também tem sido reconhecida pelo campo de estudos da Aquisição de Segunda Língua (ASL).

Apresentam-se, na seqüência, o ponto de vista de três estudiosos que dedicaram sua investigação ao intento de compreender as interlínguas do ponto de vista da psicolinguística. São eles: Nemser (1971), Selinker (1972) e Corder (1981).

Nemser (1971) caracteriza a interlíngua, a qual denomina como sistemas aproximados ou aproximativos, como um sistema linguístico que utiliza elementos da LM e da LO e que, portanto, difere tanto de uma como de outra, variando rápida e progressivamente no sentido de reestruturar os elementos introduzidos nos processos de aprendizagem. Durão (2007) explica que para esse estudioso as interlínguas formam séries evolutivas nas sucessivas etapas de tais processos, permitindo que se identifiquem os aprendizes por níveis de conhecimento e como membros de comunidade linguísticas concretas. A variabilidade desse sistema se dá em função da personalidade, do nível de domínio da LO, das experiências prévias de aprendizagem de línguas, das funções comunicativas executadas e das atitudes pessoais do aprendiz referente à aprendizagem.

Selinker (1972) propõe a existência de uma estrutura mental diferenciada que supostamente seria acionada pela maioria dos aprendizes para desencadear a aprendizagem de uma LE. É um sistema aberto, de grande dinamicidade, que vai se constituindo e incrementando pouco a pouco. Conforme Durão (2007), para Selinker as regras que a estruturam não provém nem da LM nem da LE: são próprias da língua que está em construção. Ao ser regida por regras, a interlíngua tem sistematicidade, de tal modo que se pode afirmar que, em linhas gerais, segue uma ordem determinada e, até certo ponto, previsível, principalmente devido a cinco fatores: a transferência linguísticas, a transferência

de instrução, a supergeneralização, as estratégias de aprendizagem e as estratégias de comunicação.

As interlínguas são, para Corder (1981b), relatos pessoais das propriedades estruturais da língua objeto, criados a partir dos dados aos quais os aprendizes estão expostos. Em outras palavras, os aprendizes, quase sempre de forma inconsciente, formulam hipóteses sobre a LO e vão constituindo gramáticas pessoais e transitórias que requerem confirmação. Corder (1981) esclarece que a interlíngua se caracteriza por ser uma mescla dos sistemas linguísticos que vão se sofisticando conforme se avança na aprendizagem da LO. Há três fatores que condicionam o desenvolvimento da interlíngua, segundo Corder (1981b): o repertório linguístico que o aprendiz tem em sua LM, os dados aos quais o aprendiz está exposto e as estratégias empregadas.

Resumindo, para Corder a interlíngua não é tão somente um processo reestruturante, como postula Nemser (1971), ou meramente uma língua com regras próprias, como propõe Selinker (1972), senão um *continuum* de complexidade crescente.

2.1.3.1 Variáveis (extra)linguísticas que incidem na constituição da interlíngua

Segundo Durão (2007), a denominação *Análise de Interlíngua* (AI) faz referência às investigações que tratam de averiguar especificamente que tipos de variáveis linguísticas e/ou extralinguísticas incidem nas interlínguas de aprendizes de LE. Apesar de a Análise Contrastiva e a Análise de Erros – modelos teóricos da LC que precederam as AI – não terem uma metodologia totalmente homogênea, Durão (2007) afirma que ambas têm parâmetros e critérios mais ou menos genéricos que servem de marco para a maior parte das análises empíricas realizadas. As AI são uma continuação dos modelos de AC e de AE, mas, além de prever erros, como a AC, e de identificar usos linguísticos e comunicativos desviados, como a AE, as AI tratam de identificar o que subjaz às construções produzidas pelos aprendizes de LE, mesmo sem constituir um modelo ou paradigma que reúna postulados em comum, como se chegou a afirmar em Durão (1999, 2004a, 2004b). Segundo a pesquisadora,

as AI podem tomar como ponto de partida distintas posições teóricas dependendo da corrente adotada pelo investigador que a realiza, o que determina o emprego de diferentes técnicas de coleta de dados, bem como posturas diversas frente aos dados que (não) se tem em conta¹⁶.

¹⁶ **Do original:** “Los AI pueden tomar como punto de partida distintas posiciones teóricas cara a la corriente a la que se adscribe el investigador que los realiza, lo que determina el empleo de diferentes técnicas de toma de datos, así como posturas diversas ante los datos que se tienen o que no se tienen en cuenta.” (DURÃO, 2007, p. 33).

Em consonância com Farias (2007, p. 41), o objetivo principal do estudo da interlíngua é “descrever o sistema de regras utilizado pelo estudante ao tentar se comunicar numa língua que não é a sua.” Metodologicamente as pesquisas em interlíngua supõem a análise e descrição da língua do estudante de língua estrangeira, a língua que está usando no processo de aprendizagem. Tarone (1982 *apud* SANTOS GARGALLO, 1993, p. 137), enumera os passos que o estudo da interlíngua deve seguir:

- a) determinação do perfil do informante ou dos informantes;
- b) determinação do tipo de análise, que poderá ser longitudinal (por um período de tempo com os mesmos informantes) ou transversal (em um momento determinado do processo de aprendizagem);
- c) planejamento da tarefa, com a segurança de que o modelo empregado seja mais apropriado para limitar os aspectos que se propõem como objetivo de estudo (tema de conversação, lugar da prova, relação entre os informantes e seus interlocutores);
- d) exame dos fatores que se levará em conta como causadores da variabilidade na interlíngua (os contextos nos quais uma determinada forma linguística é obrigatória);
- e) análise dos dados seguindo o critério dos contextos obrigatórios.

No que diz respeito às variáveis que incidem na constituição da interlíngua¹⁷, a transferência linguística da LM para a LE, segundo Jarvis (2000, *apud* DURÃO, 2007, p. 35-36), “se refere a qualquer exemplo de dados do aprendiz em que se prove que existe uma relação estatisticamente importante (ou uma relação embasada na probabilidade) entre algumas características de desempenho da interlíngua do aprendiz e sua L1¹⁸.” Como bem observa Durão (2007), essa definição indica, de forma muito clara, que a LM é o ponto de partida para compreender o que ocorre na interlíngua dos aprendizes.

A construção do sotaque¹⁹, “mal” do qual a grande maioria dos aprendizes de uma segunda língua ou língua estrangeira padece, é altamente complexa, na opinião de Archibald (1998, p. 37). Isso porque o aprendiz de uma segunda língua ou língua estrangeira deve

representar e executar informação relacionada a inventário segmental, fonotática, estrutura silábica, tonicidade, ritmo e entonação da língua em questão. Cada um desses fenômenos é altamente complexo em ambas as línguas (materna e segunda/estrangeira) e, por consequência, a natureza da gramática da interlíngua é obrigada a ser igualmente complexa²⁰.

¹⁷ Durão (2007) expõe de forma detalhada as variáveis de cunho (extra)linguístico que incidem na interlíngua de aprendizes de LE.

¹⁸ **Do original:** “[...] se refiere a cualquier ejemplo de datos del aprendiz en que se pruebe que existe una relación estadísticamente importante (o una relación basada en la probabilidad) entre algunos rasgos del desempeño de la interlengua del aprendiz y su L1.” (JARVIS *apud* DURÃO, 2007, p. 35-36).

¹⁹ Segundo Halliday, McIntosh & Strevens (1974, p. 98-135), o sotaque consiste em transferir padrões fonológicos e ortográficos da nossa língua materna para o aprendizado de uma nova língua.

²⁰ **Do original:** “A second language learner must learn to represent and implement information related to such things as the segmental inventory, phonotactics, syllable structure, stress, rhythm, and intonation of the language in question. Each of these phenomena are highly complex in both the L1 and the L2 and, as a result, the nature of the interlanguage grammar is bound to be complicated.” (ARCHIBALD, 1998, p.37).

Yavaş (2011) afirma que um acento estrangeiro é criado quando há desajustes entre a língua nativa do aprendiz (L1) e a língua alvo (L2) que é adquirida. Pessoas com línguas nativas distintas têm, notavelmente, diferentes produções em sua pronúncia numa dada língua estrangeira. Os padrões sonoros de sua língua nativa governam, em parte, suas produções em L2.

Os termos “interferência” ou “transferência” têm sido muito utilizados para designar a influência da língua nativa nos padrões da língua alvo. Teoricamente, qualquer característica da LM pode ser transferida para a língua que se aprende, podendo haver interferências na fonética, na morfologia, na sintaxe, na semântica, na cultura, no discurso, etc. Segundo Durão (2007), no seio dessa concepção, a transferência pode atuar de forma facilitadora (transferência positiva) ou interferente (transferência negativa ou interferência). Para ela, quando a transferência é positiva, encurta-se a distância interlinguística entre a LM e a LO²¹. Quando, por outra parte, a transferência é negativa, pode haver problemas de entendimento, de comunicação e/ou de aprendizagem.

Desajustes entre a língua nativa e a língua alvo podem tomar diferentes formas. Uma situação comum é representada pela falta do som alvo na língua nativa. Outro desajuste frequentemente atestado entre a L1 e L2 é criado pela subdiferenciação de distinções fonêmicas da língua alvo. Sobre o assunto, Weinreich (1979) explica que a interferência surge quando um bilingue identifica um fonema da L2 com um da L1 e, ao reproduzi-lo, sujeita-o às regras fonéticas da linguagem primária, ou seja, da L1. É de Yavaş (2011, p. 183) o exemplo a seguir:

O contraste que existe no inglês entre /tʃ/ e /t/ (por exemplo: chip - tip) não é padronizado da mesma forma em português; antes, esses dois sons são alofones de um único e mesmo fonema, /t/. A produção em português do fonema /t/ é [tʃ] antes de /i/. Portanto, é esperado que os falantes de português pronunciem a palavra *teacher*, por exemplo, com um filtro português: [tʃitʃɐ] como [tʃitʃɐ]²².

Segundo Yavaş (2011, p. 205), a primeira situação envolve a aquisição de novo(s) fonema(s), e o segundo tipo é a criação de uma cisão fonêmica de uma variação alofônica existente na língua nativa. Pesquisas têm evidenciado que a aprendizagem torna-se mais difícil quando as estruturas ou sons são similares na L1 e na L2. Ou seja, rearranjar dois sons

²¹ Segundo Durão (2007) a distancia interlinguística é o grau de semelhança/diferença entre as línguas.

²² **Do original:** “The English contrast between /tʃ/ and /t/ (e.g. chip - tip) is not patterned in the same way in Portuguese; rather, these two sounds are the allophones of one and the same phoneme, /t/. The Portuguese production of the phoneme /t/ is [tʃ] before /i/. Thus, it is only to be expected that speakers of Portuguese pronounce the target word *teacher* [tʃitʃɐ] as [tʃitʃɐ] via a Portuguese filter.” YAVAS (2011, P. 183).

existentes de alofones de um mesmo fonema para fonemas distintos é mais difícil do que adquirir novo(s) fonema(s).

Hoje em dia, a transferência revestiu-se de uma natureza cognitiva, a qual entende que o aprendiz é dotado da capacidade de fazer uso de seus conhecimentos linguísticos prévios e de fatores afetivos e socioculturais para construir seus enunciados. Ou seja, “a transferência já não é mais vista como uma simples transposição da LM à LO, senão como um mecanismo cognitivo do qual o aprendiz lança mão e que pode dotar sua interlíngua de diferentes perfis²³.”

De acordo com Larsen-Freeman (1991), interlínguas são variáveis, assim como todas as línguas naturais. Entretanto elas são muito mais variáveis sincronicamente que a maioria das outras línguas naturais. Consoante Romaine (2005, p. 436), “a variação é geralmente condicionada por múltiplos fatores, o que implica que seus pesquisadores devem se ocupar em identificá-los e avaliá-los quanto a sua relativa contribuição²⁴.”

Na década de 1970, a interlíngua era depreciada como objeto de estudo de análises variacionistas praticadas na Sociolinguística devida a sua aparente instabilidade (DURÃO, 2007). Ao constatar que nas interlínguas há variação sistemática similar à produzida em comunidades de fala, deram-se início às análises variacionistas, não apenas para entender as interlínguas, mas também para compreender o próprio processo de aprendizagem de LE.

Conforme Durão (2007), é de Tarone (1982, 1988) e Ellis (1985) a proposição da existência de dois tipos de variabilidade na interlíngua: a sistemática (foco da nossa investigação) e a não sistemática.

A variabilidade sistemática obedece a regras lógicas e ocorre quando duas ou mais formas gramaticais variam contextualmente ao mesmo tempo, podendo estar motivada por fatores sociais, tipos de tarefa, domínio do discurso e ambiente linguístico. Para os propósitos dessa investigação, deter-nos-emos na variabilidade motivada por fatores sociais e pelo ambiente linguístico.

Denominada por Ellis (1985) de variabilidade situacional, a variabilidade devida a fatores sociais consiste, conforme Durão (2007), na alternância de duas ou mais formas linguísticas de acordo com fatores extralinguísticos, tais como idade, sexo, procedência, etnia, religião, papel social, profissão, status, fluidez verbal e personalidade do aprendiz.

²³ **Do original:** “[...] la transferencia ya no se ve como una simple transposición de las formas de la LM a la LO, sino como un mecanismo cognitivo del que el aprendiz echa mano y que puede dotar su interlengua de diferentes perfiles.” (DURÃO, 2007, p. 37).

²⁴ **Do original:** “Variation is usually conditioned by multiple causes, which means that researchers will be concerned with identifying multiple factors and assessing the relative contribution of each.” (ROMAINE, 2005, p. 436).

No que tange à variabilidade devida ao ambiente linguístico, os elementos que se empregam em cada situação comunicativa “estabelecem um ambiente linguístico definido pelo que foi dito anteriormente e que vai condicionado pelo que será dito, obrigando os interlocutores a realizar constantes ajustes para que o discurso seja fluido²⁵.” (DURÃO, 2007, p. 51).

Para melhor ilustrar essa passagem, a autora reporta um estudo sobre variabilidade sistemática no campo da fonologia. Com dados procedentes da produção de estudantes japoneses de inglês como LE, Dickerson (1975) constatou que o [r] do inglês era usado com mais frequência antes de uma vogal baixa do que antes de uma vogal alta. Ou seja, constatou que a qualidade fonética de determinados fonemas variava em função do ambiente fonético.

Durão (2007) conclui que, para analisar uma interlíngua, é necessário considerar o conhecimento linguístico do aprendiz em conjunto com variáveis de ordem extralinguística, pois não se pode esperar que todos os aprendizes que iniciam a aprendizagem de uma LE manifestem as mesmas condições. As interlínguas são construídas sobre experiências anteriores que variam em cada caso.

²⁵ **Do original:** “[...] establecen un ambiente lingüístico definido por lo que se ha dicho anteriormente y que va condicionado por lo que será dicho, obligando a los interlocutores a realizar constantes ajustes para que el discurso sea fluido.” (DURÃO, 2007, p. 51).

3 AFRICAÇÃO NA INTERLÍNGUA PORTUGUÊS-INGLÊS

“Dois ou mais sons podem ser compartilhados por duas ou mais línguas/sistemas, mas a aparente identidade fonética desses sons não significa identidade fonológica, assim como eles podem ser empregados de forma distinta em sistemas diferentes²⁶.”

Mehmet Yavaş

3.1 INTRODUÇÃO

Africação é “um fenômeno fonológico em que consoantes oclusivas se tornam africadas.” (SILVA, T., 2011, p. 47). No português brasileiro, a africação ocorre com as consoantes oclusivas alveolares²⁷ [t] e [d] que, quando seguidas da vogal alta anterior [i], manifestam-se como africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (que serão tratadas em detalhes nas próximas seções). Os seguintes exemplos mostram as pronúncias alternativas: *tia* [tia] ou [tʃia] e *dia* [dia] ou [dʒia]. Esse processo é também conhecido como *palatalização de oclusivas alveolares*. Os falantes brasileiros de inglês – dentre eles, aqueles cujo dialeto apresenta o processo de *palatalização de oclusiva alveolar* – “tendem a aplicar esse processo quando falam inglês.” (SILVA, T., 2012, p. 101). Nos exemplos que seguem, oferecidos por Silva, T. (2012 p. 101), observa-se que a palatalização de oclusiva alveolar ocorre na pronúncia de brasileiros falantes de inglês – quando ocorre tʃ ou dʒ – e que, na pronúncia do inglês, ocorre t ou d.

²⁶ **Do original:** “Two or more sounds may be shared by two or more languages/systems, but the apparent phonetic identity of these sounds does not mean phonological identity, as they may be employed differently in different systems.” (YAVAS, 2011, p. 51).

²⁷ Silva, T. (2010) explica que consoantes alveolares diferem de consoantes dentais apenas quanto ao articulador passivo e que algumas consoantes em português podem ser articuladas como dentais ou alveolares. A pronúncia de /t/ e /d/ pode se dar com a ponta da língua tocando os dentes (sendo portanto uma consoante dental) ou pode se dar com a ponta da língua tocando os alvéolos (sendo portanto uma consoante alveolar). Consoantes dentais têm como articulador passivo os dentes incisivos superiores e consoantes alveolares têm como articulador passivo os alvéolos. Pode-se articular um segmento dental ou alveolar com o ápice ou com a lâmina da língua como articulador ativo. O fato de uma consoante ser dental ou alveolar expressa uma variação linguística dialetal (ou de idioleto) e não uma variação que seja condicionada pelo contexto.

Quadro 02: Palatalização de oclusivas alveolares na pronúncia de brasileiros falantes de inglês

		Português	Inglês
t	party	'pa: . tʃi	'pa: . ti
d	body	'bo . dʒi	'bo . di

Fonte: Silva, T. (2012, p. 101)

A palatalização é a variação alofônica mais comum envolvendo oclusivas alveolares no português brasileiro e é um processo que se espalha rapidamente no país (MONARETTO; QUEDNAU; HORA, 1999). No inglês as africadas são fonemas, e não variações alofônicas de /t/ e /d/ e, por isso não devem ser usadas de forma intercambiável (YAVAŞ, 2011). Segundo Yavaş (2011), é comumente observado que, enquanto dois sons são alofones²⁸ do mesmo fonema em um sistema, os mesmos dois sons podem pertencer a fonemas diferentes em outro sistema. A análise fonêmica, que lida com a função distribucional dos sons, não é apenas uma ferramenta para linguistas, mas “um meio muito importante e útil para profissionais que lidam com a incompatibilidade dos sistemas em remediação²⁹.” (YAVAŞ, 2011, p. 51). Este capítulo tem por objetivo analisar os processos alofônicos sofridos pelas oclusivas alveolares no português brasileiro, no inglês e na interlíngua português-inglês³⁰.

3.2 CONSOANTES OCLUSIVAS ALVEOLARES E PROCESSOS ALOFÔNICOS

Encontradas em todos os sistemas fonológicos, as oclusivas, frequentemente consideradas simples (articulatoriamente) e básicas (fonologicamente), são altamente complexas aerodinâmica e acusticamente (FOULKES; DOCHERTY; JONES, 2012). Ainda conforme Foulkes, Docherty e Jones (2012), as oclusivas apresentam um grande potencial de variação: seus detalhes fonéticos diferem de forma intra e extralinguística e a motivação pode ser fonológica, sociolinguística e/ou idiossincrática. Além disso, análise de oclusivas pode ser abordada de vários ângulos e pode apresentar considerável complexidade.

²⁸ Segundo Silva, T. (2012, p.52), alofone pode ser definido como: “som que apresenta equivalência funcional com um ou mais sons, constituindo o conjunto de realizações de um mesmo fonema. Quando alofones são substituídos no mesmo contexto de uma palavra não propiciam mudança de significado.”

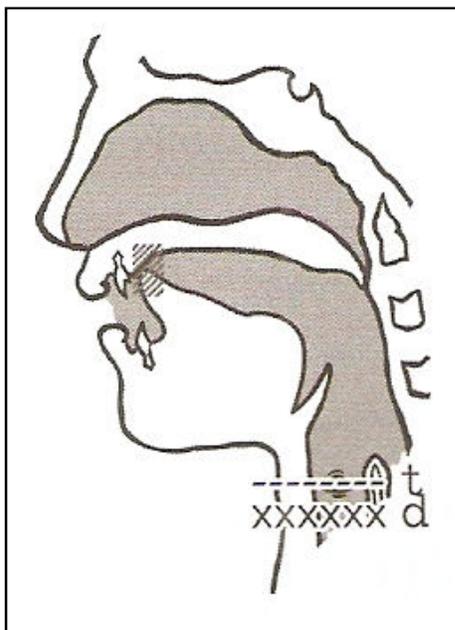
²⁹ **Do original:** “[...] a very important and helpful means for professionals (language teachers and therapists) who deal with the mismatches of systems in remediation.” (YAVAŞ, 2011, p. 51).

³⁰ Para este capítulo, adotou-se a mesma sequência que Bettoni-Techio (2005) seguiu para a descrição da produção das oclusivas alveolares e de seus processos alofônicos. Analisa-se, primeiramente, o sistema da L1, passando pelo sistema da língua-alvo, o inglês, concluindo com a interlíngua português-inglês, L2.

As consoantes oclusivas alveolares *t* e *d* são assim classificadas, pois, durante a sua produção, ocorre oclusão ou obstrução da passagem de ar pelo trato vocal entre a ponta da língua e os alvéolos. Quanto ao vozeamento, a oclusiva *t* é desvozeada e aspirada (no inglês), enquanto que a oclusiva *d* é completamente vozeada em português e parcialmente vozeada em inglês (SILVA, T., 2012).

A articulação dos sons *t* e *d* em inglês está ilustrada na figura a seguir, extraída de Silva, T. (2012). A consoante *t*, que é desvozeada, está representada na figura que segue por (-----), indicando que as cordas vocais se encontram separadas e não ocorre vibração delas. A consoante *d*, por sua vez, vozeada, está representada na figura que segue por (xxxxxx), indicando que as cordas vocais se aproximam e ocorre vibração delas. A parte hachurada indica o ponto de contato dos articuladores.

Figura 01: A articulação dos sons /t/ e /d/



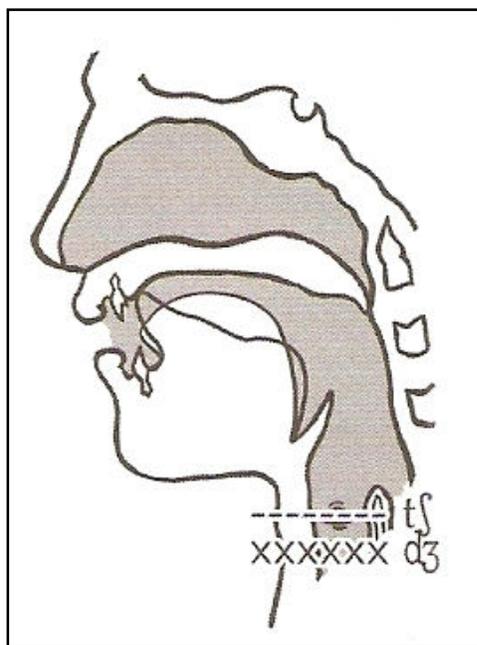
Fonte: Silva, T. (2012, p. 100)

As consoantes *tʃ* e *dʒ* são africadas. Uma consoante africada “combina a articulação de uma consoante oclusiva – no caso, *t* e *d* – com uma consoante fricativa – no caso, *ʃ* e *ʒ*” (SILVA, T., 2012, p. 136). Ou seja, são “consoantes produzidas com completa e total obstrução da passagem do ar pelo trato vocal, que é imediatamente seguida de uma articulação fricativa sibilante.” (SILVA, H., 2009, p. 16). Segundo ele, há dois momentos

contíguos na produção de africadas: “uma obstrução completa da passagem de ar [uma oclusão (com t e d)], que é seguida por um ruído intenso de energia acústica, característico das fricativas sibilantes. A fricativa sibilante pode ser alveolar³¹ ou alveopalatal e vozeada ou desvozeada: [tʃ, tʃ̥, dʒ, dʒ̥].”

Podemos, também, agrupar as consoantes quanto ao vozeamento. A consoante tʃ é desvozeada, e a consoante dʒ é vozeada (e parcialmente vozeada no inglês, conforme Silva T. (2012)). A figura a seguir, retirada de Silva, T. (2012) ilustra a articulação dos sons tʃ e dʒ em inglês. A consoante tʃ, que é desvozeada, está representada na figura que segue por (-----), indicando que as cordas vocais se encontram separadas e não ocorre vibração delas. A consoante dʒ, por sua vez, vozeada, está representada na figura que segue por (xxxxxx), indicando que as cordas vocais se aproximam e ocorre vibração delas. A parte hachurada indica o ponto de contato dos articuladores.

Figura 02: A articulação dos sons /tʃ/ e /dʒ/



Fonte: Silva, T. (2012, p. 136)

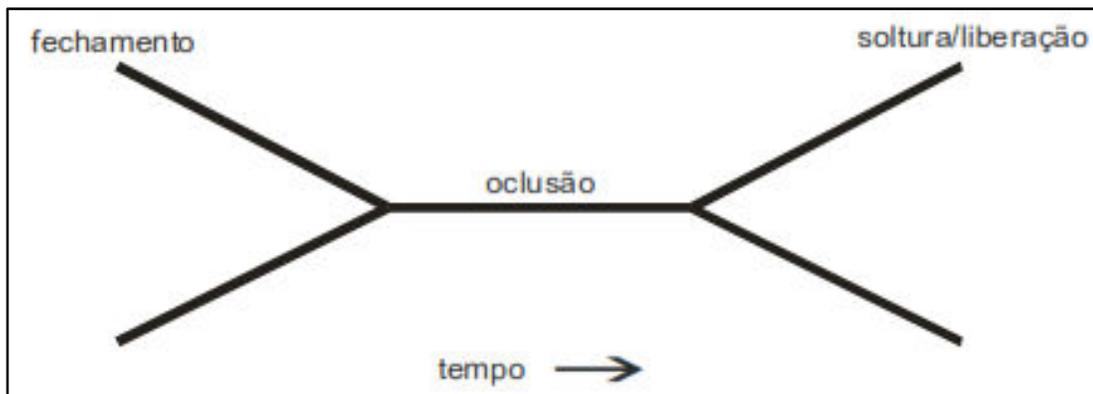
³¹ O conceito de africada alveolar é explorado na seção 3.2.1.

Conforme Silva, H. (2009, p. 16) as oclusivas e africadas “têm propriedades articulatórias e acústicas mais complexas do que as vogais e as fricativas.” Segundo esse pesquisador,

o processo de articulação de oclusivas e africadas corresponde a três intervalos de tempo, definidos por Johnson (2005) como estágios. O primeiro estágio é o movimento de um articulador rumo a um fechamento do trato vocal; o segundo é a oclusão em si, e o terceiro é a liberação desta oclusão. (SILVA, H., 2009, p.16).

Na figura a seguir, “Três estágios no tempo de produção de uma oclusiva ou africada”, adaptado de Johnson (2005 *apud* SILVA H., 2009, p. 16), temos um esquema desse processo. A linha indica os articuladores ativos se movendo em direção aos passivos durante o estágio de fechamento, e separando-se durante o estágio de soltura/liberação.

Figura 3: Três estágios no tempo de produção de uma oclusiva ou africada



Fonte: Johnson (2005 *apud* SILVA, H., 2009, p. 16)

Segundo Roca e Johnson (1999 *apud* SILVA, H., 2009, p. 17), “a diferença fundamental entre oclusivas e africadas é o fato de, nestas últimas, o momento de liberação do ar ser acompanhado de uma forte fricção.” Segundo o autor, na maioria dos casos,

a liberação do ar na articulação das oclusivas é acompanhada de uma ligeira fricção, causada por uma estreita passagem deixada entre os articuladores, no momento da constrição. A fricção mencionada, semelhante à que ocorre na produção das fricativas (porém de bem menor duração), é considerada parte do processo de liberação da oclusiva. Africadas são oclusivas em que o referido processo é modificado, de forma a prolongar o período de fricção após a liberação da oclusão. Ladefoged e Maddieson (1996) definem as africadas como “uma categoria intermediária entre oclusivas simples e uma sequência de oclusiva e fricativa.” (SILVA, H., 2009, p. 17).

3.2.1 Consoantes oclusivas alveolares e processos alofônicos no português brasileiro³²

Em consonância com Dias (2009, p. 58), no português brasileiro registra-se a ocorrência das consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/ que “se palatalizam quando seguidas de uma vogal foneticamente realizada como alta anterior [i], em várias regiões brasileiras³³.” Segundo a pesquisadora, a realização fonética dessa vogal alta anterior pode ser

a realização fonológica do [i] como nas palavras *típico* [tʃipiku] e *dia* [dʒia], ou ser produto da elevação da vogal [e]³⁴ como em *leite* [leitʃi] e *pode* [podʒi], ou como a realização do *glide* [y] em processo de ditongação como no exemplo retirado de Abaurre de Pagotto (2002), *de um jeito* [dyũ'zɛytu], assim como na realização de um [i] epentético³⁵, a exemplo de *advogado* [adʒivogaðu], *ritmo* [ritimu] ou um [i] nasalizado, como em *tinha* [tĩna].

Esse processo descrito como “a assimilação do traço coronal da vogal [i] pela consoante produz um novo segmento complexo que, conseqüentemente, é realizado como uma africada³⁶ [tʃ] no lugar do fonema /t/ e [dʒ] para o fonema /d/.” (DIAS, 2009, p. 59). O que ocorre é, segundo Silva, H. (2009, p. 14), “um processo de alofonia posicional, no qual as referidas oclusivas podem manifestar-se em diferentes possibilidades de articulação.”

O processo de palatalização pode também ser chamado de africacão, mas “nem toda a africacão decorre de um processo de palatalização”, conforme assinala Silva, H. (2009, p. 14-15). Assim o pesquisador explica:

Entenda-se por africacão o processo em que há a combinação de características de oclusiva (consoante produzida com oclusão total à passagem do ar no trato vocal) e

³² No que se refere aos aspectos diferenciadores entre o Português Brasileiro e o Português Europeu, a palatalização de dentais seguidas de semivogal ou vogal anterior é um fenômeno exclusivamente brasileiro, pois, embora não seja geral no Brasil, não ocorre em Portugal (MATTOS E SILVA, 2004).

³³ Conforme Bettoni-Tecchio (2005), o processo alofônico mais comum envolvendo oclusivas alveolares no português brasileiro é a palatalização.

³⁴ Segundo Silva (2011, p. 49), o alçamento (*vowel raising*) é um “fenômeno fonológico que envolve a elevação da propriedade de altura da língua das vogais médias-altas [e] e [o] que se realizarão como as vogais altas [i] e [u]. O alçamento, em português, ocorre em posição postônica [...], em que a vogal átona final é foneticamente manifestada como uma vogal alta. No contexto postônico, o alçamento é sistemático e presente em praticamente todas as variedades do português brasileiro. O alçamento também pode ocorrer em posição pretônica [...]. Alguns estudos do português brasileiro indicam que o alçamento de vogais médias pretônicas apresenta grande variação dialetal no português brasileiro.”

³⁵ Conforme Silva, T. (2011, p. 99-100), epêntese é um “fenômeno fonológico de inserção de vogal ou consoante. No português, a epêntese se caracteriza pela inserção de uma vogal entre as consoantes em encontros consonantais que envolvam oclusivas, africadas, nasais ou fricativas. Uma vogal epentética pode também ocorrer em final de palavra. A vogal [i] é a vogal epentética recorrente no português.”

³⁶ Silva, T. (2012) atenta para a ocorrência das consoantes africadas alveopalatais [tʃ, dʒ] seguidas de vogais diferentes de [i] em neologismos e empréstimos no português brasileiro, como por exemplo *capuccino*, *jazz*, *pitchula*, *tcham*, *tchau*, *tchê*, *Tchecoslováquia*, *tchurma* e *tchutchuca*.

de fricativa (consoante em que há grande proximidade entre os articuladores, ocorrendo um forte ruído de fricção durante a passagem da corrente de ar) em sua produção.

Na produção articulatória, “se a parte anterior da língua estiver na posição alveopalatal diz-se que a africada é palatal (tia > tʃia, dia > dʒia); se a lâmina da língua for em direção aos alvéolos, a africada é alveolar (tia > tsia, dia > dzia).” (AMARAL, 2009, p. 93). Ainda segundo a autora, esse processo variável também pode ser

o resultado da perda de uma vogal situada entre as referidas consoantes, como na palavra parentes (pa'rentʃis ~ pa'rentis ~ pa'rents). Nesta última, houve a síncope da vogal alta, ou seja, a perda do fonema /i/, em *ants*, *dscascava*, *dzgosto*, *dspesa* [...] emergindo então africadas alveolares [...], uma sequência de coronal alveolar ensurdecida que se considera variante. (AMARAL, 2009, p. 93).

Conforme Bisol (1986 *apud* AMARAL, 2009, p. 96), “a africacão é produto da aplicação de duas regras: a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de /i/ ou da elisão de /e/ antecedida de /t/ e /d/ e seguida de /s/ e /z/, as quais originam, respectivamente, as africadas palato-alveolares [tʃ] e [dʒ] e as alveolares [ts] e [dz].”

Faggion (2010, p. 52) comenta que Frosi (1987 b) acrescenta aos traços mencionados por Frosi e Mioranza (1983, p. 334), “a ausência de palatalização, pois a transformação de oclusiva em africada que ocorre com /t/ e /d/, diante de /i/, é muito usada no português gaúcho, mas é menos comum na RCI/RS³⁷.” Os autores explicam a recorrência reduzida de palatalização de oclusivas alveolares na região:

As consoantes africadas tʃ e dʒ do dialeto italiano são foneticamente semelhantes às do português. Entretanto a distribuição das mesmas no sistema dialetal italiano não coincide com a da língua portuguesa, colocada acima³⁸. [...] Conclui-se, pois, que o fenômeno da não realização das africadas correspondentes a t e d constitui-se numa interferência fônica do dialeto italiano no sistema fonológico da língua portuguesa. Conforme explanação efetuada em páginas anteriores, é uma regra fonológica do dialeto italiano que o falante ítalo-brasileiro aplica em sua fala de língua portuguesa. (FROSI & MIORANZA, 1983, p. 364-365).

³⁷ Frosi e Mioranza (1983) enumeram as seguintes características do português dos ítalo-descendentes: não-realização do ditongo nasal *ão*, geralmente pronunciado *on*; realização da vogal nasal /a/ com timbre aberto em vez de fechado; realização de /a/ pleno em posição átona final (sem redução); realização de /o/ e de /e/ como vogais átonas finais (sem elevação); e neutralização das vibrantes (a múltipla e a simples são realizadas da mesma maneira).

³⁸ Segundo Babini (2002), no italiano, t, d, tʃ e dʒ são fonemas: /t/ e /d/ são transcritos pelos grafemas “t” e “d”, respectivamente; o fonema /tʃ/, por sua vez, é transcrito pelo grafema “c” e dígrafo “ci”, ao passo que /dʒ/ é transcrito pelo grafema “g” e dígrafo “gi”.

Ainda referente ao português da RCI/RS, no que se refere à realização de /o/ e de /e/ como vogais átonas finais (sem elevação), mencionada por Frosi e Mioranza (1983, p. 334) e por Frosi (1987 b), a posição de Faggion (2010) é de estimular investigações para verificar em que passo se encontra o processo, visto que há sinais de variação. Segunda a pesquisadora, na RCI/RS, “um estudo mais aprofundado das vogais átonas poderá revelar mais sobre o índice de frequência de palatalização, visto que se subtrai ambiente de palatalização, ao não elevar³⁹.” (FAGGION, 2010, p. 52).

Segundo Alves (2008), o fenômeno de palatalização não se caracteriza como categórico em nosso país, tampouco no Rio Grande do Sul. Esse fato abre espaço para diversos estudos variacionistas que objetivam investigar a ocorrência do fenômeno em uma dada comunidade de fala. Neste trabalho, serão revisados apenas Almeida (2000), Battisti, Dornelles, Lucas e Bovo (2007), Mauri (2008) e Matté (2009) que analisaram o processo em comunidades próximas a Caxias do Sul ou no próprio município, cidade-natal e de residência da maior parte dos participantes desta pesquisa.

No estudo de Almeida (2000) investigou-se a palatalização em Flores da Cunha (RS) entre bilíngues falantes de português e de italiano. A taxa de aplicação de 47% aponta que o processo esteja em aquisição na sociedade. As variáveis controladas foram linguísticas – Contexto Fonológico Precedente e Seguinte, Sonoridade, Tonicidade, Tipo de Vogal Alta – e extralinguísticas – Idade, Escolaridade e Gênero –. Condicionam a regra os fatores: vogal, vibrante e fricativa alveolar precedentes, lateral e labial seguintes, consoante-alvo desvozeada, sílaba postônica final e vogal alta derivada de /e/ átono, gênero (feminino), escolaridade (pessoas com ensino médio completo) e idade (menos de 50 anos de idade).

Battisti *et al.* (2007) investigaram a palatalização em Antônio Prado. A proporção total de palatalização na comunidade é 30%. Foram controladas as variáveis linguísticas: Contexto Fonológico Precedente e Seguinte, *Status* da Vogal Alta, Posição da Sílaba na Palavra, Tonicidade da Sílaba e Qualidade da Consoante-Alvo, e as variáveis extralinguísticas Gênero, Idade e Local de Residência. Vogal alta fonológica /i/, jovens e indivíduos habitantes da zona urbana do município são os fatores responsáveis por propiciar a aplicação da regra. O processo não pode ser considerado mudança em progresso, porque, apesar de

³⁹ No município de Flores da Cunha, Rio Grande do Sul (ALMEIDA, 2000), a aplicação da palatalização das oclusivas dentais foi diretamente proporcional ao alçamento da vogal /e/, ou seja, quanto maior o processo de alteamento vocálico maior a produtividade da regra de palatalização das oclusivas dentais.

existir um aumento na taxa com a diminuição da idade dos informantes, as taxas se consolidam nas faixas etárias mais jovens.

Mauri (2008) examinou a palatalização das oclusivas alveolares em Forqueta, zona rural de Caxias do Sul. As variáveis linguísticas controladas foram: Contexto Fonológico Precedente e Seguinte, Sonoridade, Tonicidade, Vogal; as extralinguísticas, Gênero, Idade, Capela. A vogal /i/ e a consoante /t/ condicionam a palatalização, assim como idade (jovens). Quanto à variável “capela”, a de São Roque apresenta um índice de aplicação maior do que as outras. A autora argumenta que essa é a única capela onde existe uma escola de Ensino Fundamental e, também, a única que faz parte da rota turística da região, frequentemente recepcionando turistas para degustação de vinhos. A autora conclui que a região, por mais preservadora da tradição italiana que seja (que promoveria resistência à variação), vem introduzindo a palatalização por meio de práticas socioeconômicas suscitadas pelo contato com indivíduos de além da comunidade.

Em Matté (2009) testou-se a hipótese de que Caxias do Sul (RS) difundiria a palatalização de /t, d/ a municípios vizinhos. A taxa de palatalização encontrada em Caxias do Sul foi de 35%, valor muito próximo aos 30% encontrados no estudo realizado em Antônio Prado (BATTISTI et al., 2007). Esse fato não corrobora a hipótese de que Caxias do Sul estaria difundindo a palatalização para outros municípios da RCI/RS. Das variáveis controladas (linguísticas – Contexto Fonológico Precedente e Seguinte, *Status* da Vogal Alta, Posição da Sílabla na Palavra, Tonicidade da Sílabla, Qualidade da Consoante Alvo – e extralinguísticas – Gênero, Idade, Local de Residência –), a vogal alta fonológica /i/ e a consoante desvozeada /t/ condicionam a regra, assim como as faixas etárias mais jovens, os moradores da zona urbana e o gênero feminino. Verificou-se que Caxias do Sul apresenta uma taxa de palatalização moderada, seguindo a tendência de outros municípios de origem italiana do interior do estado do Rio Grande do Sul. Segundo Battisti e Guzzo (2009 *apud* MATTÉ, 2009, p. 54), esse padrão dos municípios interioranos é causado “pelo perfil socioeconômico da região, bem como por restrições de ordem linguística sobre a palatalização e sobre a realização da vogal média átona, que, se elevada, pode alimentar a palatalização. Aparentemente, a aplicação da regra está em progresso.”

3.2.2 Consoantes oclusivas alveolares e processos alofônicos no inglês

Conforme Thomas (2011), as mais significantes mudanças dialetais referentes às consoantes oclusivas do inglês centram-se nas oclusivas alveolares. Bettoni-Techio (2005) enumera os processos alofônicos mais importantes envolvendo /t/ e /d/ finais no inglês: aspiração (*aspiration*), elisão (*elision*), *flapping*, geminação (*gemmination*), *glottalization*, palatalização (*palatalization*) e *unreleasing*. Silva, T. (2012), por sua vez, menciona em seu estudo sobre a pronúncia do inglês para falantes do português brasileiro, os processos de aspiração, africacão, *flapping* ou *tapping* e *glotalling* envolvendo as oclusivas alveolares. Para os nossos objetivos, deter-nos-emos apenas na palatalização (BETTONI-TECHIO, 2005) e na africacão (SILVA, T., 2012).

Conforme Bettoni-Techio (2005), em posição de final de palavra, a palatalização pode ocorrer quando /t/ ou /d/ aparecem antes de /j/ como em *would you*. A respeito desse processo, a pesquisadora sinaliza para o fato de [tʃ] e [dʒ] ocorrerem no inglês como alofone de /t/ e /d/ e como fonemas /tʃ/ e /dʒ/, ao contrário do português brasileiro, no qual [tʃ] e [dʒ] são apenas alofones de /t/ e /d/.

As consoantes t e d, quando seguidas de r na mesma sílaba, têm, de fato, a pronúncia de uma africada - tʃ ou dʒ. Silva, T. (2012, p. 102) fornece exemplos que ilustram tʃ ou dʒ seguida de r. São eles: “*true* [tʃru:], *train* [tʃreɪn], *trip* [tʃrɪp], *try* [tʃraɪ], *travel* [ˈtʃræv.əl], *drive* [dʒraɪv], *drink* [dʒrɪŋk], *draw* [dʒrɔ:], *dress* [dʒres] e *children* [ˈtʃɪl.dʒrən].”

Para encerrar essa seção os quadros elaborados por Silva, T. (2012) referentes aos correlatos ortográficos, isto é, as representações gráficas, de t, d, tʃ e dʒ na língua inglesa são reproduzidos na íntegra com a intenção de melhor ilustrar as diferenças em nível fonêmico desses sons.

Quadro 03: Correlatos ortográficos de /t/ e /d/ no inglês

(continua)

Correlatos ortográficos de t			Correlatos ortográficos de d		
t	top	tɒp	d	door	dɔː
tt	letter	ˈlɛt.ə	dd	ladder	ˈlæd.ə

(conclusão)

ed	looked	lʊkt	ed	begged	bɛgd
----	--------	------	----	--------	------

Fonte: Silva, T. (2012, p. 100)

Quadro 04: Correlatos ortográficos de /tʃ/ e /dʒ/ no inglês

Correlatos ortográficos de tʃ			Correlatos ortográficos de dʒ		
ch	choice	tʃɔɪs	j	joy	dʒɔɪ
tch	witch	wɪtʃ	g	gin	dʒɪn
c	cello	'tʃɛl.ou	ge	cage	kɛɪdʒ
cz	czech	tʃɛk	dj	adjective	'ædʒ.ɛk.tɪv
t	nature	'neɪ.tʃə	gg	suggest	sə.'dʒɛst
te	righteous	'raɪ.tʃəs	d	educate	ɛd.juk.eɪt
ti	question	'kwɛs.tʃən	dg	edge	ɛdʒ
			di	soldier	'soul.dʒə

Fonte: Silva, T. (2012, p. 137)

3.2.3 Consoantes oclusivas alveolares e processos alofônicos na interlíngua português-inglês

Mencionou-se anteriormente que, em alguns dialetos do português brasileiro, ocorre um processo denominado palatalização de oclusivas alveolares. Esse processo se aplica aos sons t e d, que passam a ser pronunciados como tʃ e dʒ, respectivamente. Silva, T. (2012, p. 136) observa essa tendência: “falantes do português brasileiro – dos dialetos com palatalização – vão tender a palatalizar – ou seja, pronunciar tʃ e dʒ - sempre que ocorrerem t e d seguidos de i. Isso é exatamente o que se observa entre falantes brasileiros de inglês.”

Quadro 05: Pronúncia do inglês x pronúncia marcada do falante brasileiro de inglês

(continua)

	Pronúncia do inglês	Pronúncia marcada do falante brasileiro de inglês
tea	tɪ:	tʃi:
notice	'nou.tɪs	'nou.tʃɪs

practice	'præk.tɪs	'præ.ki.tʃɪs
city	'sɪt.i	'sɪ.tʃi
difficult	'dɪf.ɪk.əl.t	'dʒɪ.fi.kəl.tʃi
deal	di:l	dʒiw
body	'bɒd.i	'bɒ.dʒi
dinner	'dɪn.ə	'dʒɪ.nə

Fonte: Silva, T. (2012, p. 138)

Conforme a autora, os quatro primeiros exemplos – *tea*, *notice*, *practice*, *city* – mostram que as sequências *ti*, *tɪ*, *ti:* são tipicamente pronunciadas como *tʃi*, *tʃɪ*, *tʃi:* (de fato, geralmente, opta-se por *tʃi*), por falantes de português brasileiro. O mesmo acontece com as sequências *di*, *dɪ*, *di:*, que são, tipicamente, pronunciadas como *dʃi*, *dʃɪ*, *dʃi:* (e mais frequentemente *dʒi*) por falantes brasileiros de inglês.

Como *t-tʃ* e *d-dʒ* são sons distintos no inglês, “ao trocar *t* por *tʃ* ou *d* por *dʒ*, pode-se estar pronunciando uma outra palavra do inglês com significado diferente (ou uma palavra que não existe em inglês).” (SILVA, T. (2012, p. 138). Os exemplos a seguir ilustram o contraste entre *t-tʃ* e *d-dʒ* no inglês.

Quadro 06: Contraste entre /t/- /tʃ/ e /d/- /dʒ/ no inglês

tip	tɪp	chip	tʃɪp
till	tɪl	chill	tʃɪl
tin	tɪn	chin	tʃɪn
dean	di:n	Jeans	dʒi:nz
dill	dɪl	Jill	dʒɪl
deep	di:p	Jeep	dʒi:p

Fonte: Silva, T. (2012, p.139)

Silva T. (2012, p. 139) alerta que os falantes brasileiros de inglês – cujos dialetos têm o *processo de palatalização* – devem estar atentos para não palatalizar t e d quando seguidos de i, pois, “além de marcar a pronúncia típica do falante brasileiro, também há o risco de pronunciar uma palavra diferente.”

A autora menciona outro aspecto relevante a ser mencionado em relação à *palatalização de oclusivas alveolares*: a interferência da escrita na produção oral:

quando as letras “t, d” ocorrem em final de palavra em inglês, o falante brasileiro tende a inserir a vogal i no final da palavra e, conseqüentemente, ocorre a palatalização das oclusivas t e d [...]. A inserção da vogal i após t, d em final de palavra – com ou sem a produção de palatalização tipicamente produzida pelo falante brasileiro de inglês – contrasta os sons t, ti, tʃ e d, di, dʒ em inglês. (SILVA, T., 2012, p. 139).

Quadro 07: Contraste entre os sons /t/, /ti/, /tʃ/ e /d/, /di/, /dʒ/ no inglês

bit	bɪt	red	rɛd
bitty	bɪt.i	ready	rɛd.i
bitch	bɪtʃ	ledge	lɛdʒ

Fonte: Silva, T. (2012, p. 139)

Observa-se que o *processo de palatalização de oclusivas alveolares* em inglês se aplica em duas circunstâncias diferentes do português: “quando t e d são seguidos de j (*tune, dune*) ou quando, em junção de palavras, a primeira palavra termina em t ou d, e a palavra seguinte começa com j (*at you ou did you*). Quando t e d são seguidos de i: ou ɪ, o *processo de palatalização não* ocorre no inglês.” (SILVA, T., 2012, p. 141).

Em 2005, Bettoni-Techio investigou a produção de oclusivas alveolares em final de sílaba na interfonologia do português brasileiro-inglês. A amostra foi constituída por aprendizes de inglês nativos de Santa Catarina, onde a palatalização não é categórica entre os sujeitos. Por essa razão, a pesquisadora precisou também averiguar a produção em L1 dos informantes, com o objetivo de separar aprendizes que palatalizavam daqueles que não realizavam tal processo. A organização dos sujeitos nesses dois grupos permitiu à pesquisadora avaliar o papel da palatalização na L1 sobre a produção da consoante oclusiva alveolar final da L2.

A análise dos dados levantados por Bettoni-Techio (2005) evidenciou que aprendizes transferem os padrões da L1 para a L2. Os dados, nesse sentido, apontam que a ausência da palatalização na L1 pode ser indicadora de sua ausência na interfonologia português-inglês. A

palatalização “se mostra como uma forma de interlíngua típica dos dialetos da L1 em que /t/ é produzido como [tʃ] antes de [i],” (ALVES, 2008, p. 130), como sugere a pesquisadora.

4 A REGIÃO DE COLONIZAÇÃO ITALIANA DO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL E SUA VARIEDADE LINGUÍSTICA

“Um instituto, ou um programa de estudos regionais vão ter que enfrentar essa perplexidade [a ideia de região]⁴⁰.”

José Clemente Pozenato

4.1 A REGIÃO DE COLONIZAÇÃO ITALIANA DO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL – RCI/RS

4.1.1 Região

Nesta seção, retomamos o conceito de região devido ao fato de o termo não ser “operacional⁴¹” em Linguística, fazendo-se mister, portanto, explorá-lo neste trabalho.

Na ótica de Pozenato (2001, p. 591; 2003, p. 157), região é “um feixe de relações a partir do qual se estabelecem outras relações, tanto de proximidade como de distância.” Essa conceituação, de caráter superestrutural, “carrega um grau alto de abstração, já que busca a fixação de traços constantes na definição, o que permite que seja aplicada de forma bastante ampla.” (FELTES, 2003, p. 98). A autora esclarece o significado de “feixe de relações” e, na sequência, de “relações de proximidade e de distância”:

Assim, por “feixe de relações”, entenda-se, primeiramente, a existência de pelo menos duas posições ligadas por arcos ou vetores (...). Um ponto pode ligar-se a outros por arcos ou vetores com diferentes valores e diferentes intensidades. Um ponto “comunica-se” com outros pela natureza da relação, representada, então, por arcos ou vetores. Hipotetizando várias posições em um campo, essas relações multidirecionais formam uma rede de relações. Essas relações podem ser de (a) de antagonismo ou oposição; (b) atração ou proximidade; (c) difusão, (d) retração, entre outras tantas possibilidades. Ao mesmo tempo, essas relações têm natureza temporal, ou seja, uma conectividade pode ser ativada ou desativada, intensificada ou enfraquecida, dado um período temporal fixado. O feixe de relações seria, portanto, um estado de conexões ponto a ponto vistos em sua simultaneidade. Isso caracteriza um exame sincrônico, a partir do qual, pela descrição dos estados sincrônicos dessas conexões, poder-se-ia proceder a um exame diacrônico. Em síntese, um feixe de relações, além de indicar pontos que se aproximam ou distanciam, pode indicar a intensidade dessa aproximação ou do distanciamento⁴².

⁴⁰ Pozenato (2003, p. 155).

⁴¹ Feltes (2004) resgata a conceituação de região feita por Pozenato (2001, 2003), no sentido de analisar a trajetória de sua formulação.

⁴² *Ibidem*, p. 106.

A região, “sem deixar de ser em algum grau um espaço ‘natural’, com fronteiras ‘naturais’, é antes, de tudo um espaço construído por decisão, seja política, seja da ordem das representações, dentre as quais as de diferentes ciências.” (POZENATO, 2001, p. 585-591).

Segundo ele, a região, em sua origem, não é uma realidade ‘natural’, mas sim

uma divisão do mundo social, estabelecida por um ato de vontade. Tal divisão só não é totalmente arbitrária porque, por trás do ato de delimitar um território, há certamente, critérios, dentre os quais o mais importante é o do alcance e da eficácia do poder de que se reveste o auctor [um cientista, um governo, uma coletividade, uma instituição ou um líder separatista] da região. Enquanto esse poder é reconhecido, a região por ele regida existe. (POZENATO, 2003, p. 2).

Região é, portanto, “um construto, uma representação, que resulta de uma ‘luta classificatória’, uma luta por demarcações de caráter e poder simbólicos.” (FELTES, 2004, p. 101-102).

Para Lipietz (1994), “as regiões ora aparecem definidas em si mesmas, na sua genealogia, ora pelo seu lugar sincrônico na divisão inter-regional do trabalho. [...] Ou seja, a região não podia deixar de apresentar as cicatrizes de estruturas mais globais que lhe tinham imposto sucessivamente suas marcas.” (BENKO; LIPIETZ, 1994, p. 10). Segundo Herédia (2004, p. 43), essa conceituação tem elementos para explicitar que

a zona de colonização italiana no RS tem essa definição em si mesma, ou seja, é marcada pela sua genealogia e adquiriu um lugar na divisão inter-regional do trabalho, quando definida como uma região histórica do Rio Grande do Sul. Ao mesmo tempo, apresenta a dualidade global e local. Produziu a cultura em estudo e permite, por meio dos estudos sobre a região, responder ‘por que somos e como somos’.

4.1.2 Aspectos geo-históricos da RCI/RS

Em 1870, quando o Governo Imperial do Brasil decidiu povoar terras incultas e devolutas do Sul do País⁴³, houve grande receptividade nas regiões vêneto-lombardo-trentinas (Norte da Itália) e iniciaram-se, a partir de 1875, os movimentos e fluxos migratórios para o Rio Grande do Sul⁴⁴. (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 22).

⁴³ As terras (devolutas ou despovoadas) selecionadas pelo governo imperial do Brasil para a colonização italiana, no Nordeste do Rio Grande do Sul, situavam-se na Encosta Superior da Serra, entre o rio das Antas e as colônias alemãs do baixo Taquari e da bacia do rio Caí, conforme Frosi e Mioranza (2009, p. 49)

⁴⁴ Além do Rio Grande do Sul, os estados da Federação nos quais os imigrantes estabeleceram-se, iniciada a emigração italiana para o Brasil, são: Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Para uma visão geral da imigração-colonização italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul, ver FROSI & MIORANZA, 2009.

O seguinte esquema distributivo, elaborado por Frosi e Mioranza (2009, p. 69) fixa os marcos mais significativos dos movimentos e períodos de fenômeno imigração-migração:

- 1) imigração da Itália para o Nordeste do Rio Grande do Sul – Colônias: Nova Milano⁴⁵, Caxias, Dona Isabel, Conde D’Eu⁴⁶ [– terras aquém do rio das Antas –] (1875-1884);
- 2) imigração da Itália para o Nordeste do Rio Grande do Sul – Colônias Antônio Prado e Alfredo Chaves⁴⁷ [– terras além do rio das Antas –] (1884-1894);
- 3) imigração da Itália para o Nordeste do Rio Grande do Sul e migração interna para a Colônia Guaporé⁴⁸ [– faixa areal entre os rios Carreiro e Guaporé, a oeste das Colônias Dona Isabel e Alfredo Chaves –] (1892-1900);
- 4) migrações internas⁴⁹ na Região de Colonização Italiana, em geral, e expansionismo espontâneo (1880-1920);
- 5) migrações internas para o Alto Uruguai e para outros estados da Federação, especialmente Santa Catarina e Paraná (1910 em diante).

Com a intenção de “equacionar os marcos desse esquema cronológico com as áreas geográficas de influência italiana, numa perspectiva atual”, é de Frosi e Mioranza (2009, p. 104-105) a elaboração do quadro “Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul: colônias originais e seus desdobramentos em municípios”, reproduzido no Anexo A deste trabalho.

Sabbatini e Franzina (1977, p. 94, *apud* FROSI; MIORANZA, 1983, p. 57), explicam a denominação *Região de Colonização Italiana*, de largo uso na atualidade:

A definição de *Região de Colonização Italiana* é uma definição de origem histórica, adotada na linguagem comum e oficial, que, com propriedade, diria respeito

⁴⁵ O primeiro grupo de imigrantes fixou-se na colônia Fundos da Colônia Nova Palmira, onde hoje está Nova Milano, distrito de Farroupilha.

⁴⁶ As Colônias Conde D’Eu e Dona Isabel foram criadas, na realidade, em 1870, mas foi somente a partir de 1875 que começaram a receber contingentes de imigrantes italianos. Salvo áreas anexadas aos municípios de Caxias do Sul e São Marcos, em 1921 e 1954, da Antiga Colônia Caxias, originaram-se os atuais municípios de Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha e São Marcos. Da Colônia Conde D’Eu desmembraram-se os atuais municípios de Garibaldi e Carlos Barbosa. O município de Bento Gonçalves representa hoje a antiga Colônia Dona Isabel. (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 50).

⁴⁷ A Colônia Antônio Prado é representada pelo atual município de mesmo nome. Alfredo Chaves compreendia a área dos atuais municípios de Veranópolis, Nova Bassano e parte de Nova Prata. (*Ibidem*, p. 51).

⁴⁸ A Colônia Guaporé é hoje representada pelos municípios de Muçum, Guaporé, Serafina Correa, Casca e o distrito de Vila Maria no município de Marau. Após sua demarcação na década de 1890, para o povoamento entre os rios Carreiro e Guaporé, uma pequena porção de terras é ocupada por imigrantes vindos diretamente da Itália; os lotes restantes são, aos poucos, ocupados por filhos de italianos vindos das Colônias Caxias, Dona Isabel, Alfredo Chaves. (*Ibidem*, p. 51).

⁴⁹ No que diz respeito à Colônia Encantado e parte da Colônia Guaporé, a ocupação de terras assume outro aspecto: a migração interna espontânea é responsável pela formação da Colônia Encantado [das margens do Taquari, iniciou sua expansão em direção ao norte, ocupando as áreas dos atuais municípios de Nova Bréscia, Putinga, Anta Gorda, Ilópolis e Arvorezinha] e pelo povoamento de lotes coloniais de Guaporé. (*Ibidem*, p. 56).

somente às áreas das ex-colônias de natureza pública fundadas entre 1875 e 1892 no território da *Encosta Superior do Nordeste* [do RS] e, por extensão, refere-se a todo o território dos municípios derivados das colônias, ainda que nem todo loteado pela colonização pública⁵⁰.

4.1.3 Aspectos sociolinguísticos

Em 138 anos de sua história, a realidade linguística da RCI/RS vem sofrendo profundas alterações, resultantes, segundo Frosi, Faggion e Dal Corno (2007, p. 02), “dos diversos fatores que afetam a linguagem como uma instituição social, desde as condições para sua transmissão de uma geração a outra, até os próprios interesses de seus usuários.”

No que diz respeito à história linguístico-dialetológica da RCI/RS, desde os inícios da colonização, Frosi e Mioranza (2009) e Frosi, Faggion e Dal Corno (2010) verificam ter-se ela desenvolvido em quatro etapas, com períodos aproximados levando em conta um conjunto de relações entre aspectos de cunho linguístico e extralinguístico (apresentados na sequência) que foram decisivos em momentos distintos do percurso dessa história regional. Assim, “temos para o primeiro período os marcos de 1875 a 1910; para o segundo período, 1910 a 1950; para o terceiro, 1950-1975 e, para o quarto e mais recente período, determinamos seu início a contar de 1975 com extensão até os dias atuais.” (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 110).

O primeiro período (1875-1910) foi um período caracterizado por

- a) constituição do multilinguismo dialetal italiano a partir das falas de várias províncias do norte da Itália⁵¹;
- b) ausência de confronto com outros sistemas de fala. Segundo Frosi, Faggion e Dal Corno (2008, p. 144-145), “não se conheciam restrições linguísticas nem sociais ditadas pela sociedade maior”;
- c) “interinfluência de dialetos afins” (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 87) (predominância de um dialeto de uma região da Itália sobre outro da mesma região);

⁵⁰ **Do original:** “La definizione di Regione di Colonizzazione Italiana é una definizione di origine storica, entrata nel linguaggio comune e ufficiale, Che propriamente spetta soltanto alle aree delle ex colonie di natura pubblica fondate tra il 1875 e il 1892 nel territorio della *Encosta Superior do Nordeste* e, por estensione, all'intero territorio dei municipi derivati dalle colonie, anche se non tutto lottizzato per la colonizzazione pubblica.” (SABBATINI; FRANZINA, 1977, p. 94, *apud* FROSI; MIORANZA, 1983, p. 57).

⁵¹ A distribuição dos imigrantes não se fez segundo critérios étnico-linguísticos, ou seja, não levou em conta sua região de proveniência ou o dialeto falado por seus integrantes. Segundo Frosi e Mioranza (2009) “as terras foram divididas em Linhas ou Travessões, e estes em lotes coloniais numerados. As divisões eram feitas, em geral, sobre mapas, não respeitando acidentes geográficos, a não ser os de maior relevo, como o rio das Antas e afluentes.” (p.50). Diante de um esquema de povoamento que não obedeceu a critérios étnico-linguísticos, “as primeiras comunidades eram mistas, o que contribuiu para que falantes de dialetos italianos afins passassem a conviver numa mesma área no novo país.” (p. 76).

- d) “desaparecimento das formas dialetais menos representativas” (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 87);
- e) adesão a outras formas linguísticas mais influentes na comunidade pelos falantes dos dialetos menos representativas, conforme Frosi e Mioranza (2009, p. 87);
- f) ausência de atitudes linguísticas negativas. Como lembra Frosi (1996, p. 161), não há “estigmatização social, não há sentimento de vergonha em relação à própria fala. Os dialetos são, de fato, o instrumento linguístico normal de comunicação.”

O segundo período (1910-1950) é, por sua vez, marcado por

- a) intensificação dos contatos com a comunidade luso-brasileira, conforme Frosi, Faggion e Dal Corno (2010);
- b) “inauguração da estrada de ferro que ligava Caxias do Sul a Porto Alegre” (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010, p. 17);
- c) “crescimento econômico da região, resultante da industrialização e comercialização de produtos agrícolas” (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010, p. 17);
- d) maior inter-relacionamento das comunidades de imigrantes e seus descendentes possibilitado pelas melhorias nas vias de comunicação (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 17);
- e) “interinfluência de dialetos afins” (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 87);
- f) “formação de grupos dialetais resultantes da fusão de dialetos não afins” (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 87);
- g) “surgimento de uma expressão linguística com traços específicos de dois ou mais dialetos de diferentes regiões da Itália” (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 87);
- h) implantação oficial do “português como língua nacional nas áreas de colonização estrangeira, (re)forçando a nacionalização” (BOLOGNINI; PAYER, 2005 *apud* (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010, p. 18), devida à Campanha de Nacionalização do Ensino, iniciada oficialmente em 1938.

Já o terceiro período (1950-1975) é marcado por

- a) “diversificação das atividades industriais” (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010, p. 18);
- b) “intensificação do crescimento econômico e projeção da RCI/RS no estado e no País” (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010, p. 18);
- c) início do êxodo rural, devida à busca de mais terras ou novas atividades por parte da crescente população rural, conforme Frosi, Faggion e Dal Corno (2010);

- d) “crescente urbanização e suas consequências para a imagem do colono, do trabalhador rural, a quem são atribuídas características de desprestígio” (FROSI, 1996, p. 162);
- e) “abandono progressivo da fala dialetal italiana” (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010, p. 18);
- f) “maior representatividade numérica de um grupo étnico (vênetos) e de seus dialetos” (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 87);
- g) “predomínio de um tipo de fusão dialetal que se denomina *coiné* (fala comum) com caracterização vêneta⁵² - em decorrência dos fatos linguísticos registrados nas etapas anteriores” (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 87);
- h) adesão à fala comum da região pelos grupos menores e dialetologicamente diferenciados, conforme Frosi e Mioranza (2009).

Foi assim que uma mistura de dialetos originou-se desse contato, que Frosi (2003, p.134) descreve como “um supradialeto de características predominantes do dialeto vicentino-paduano-trevisano, mais feltrino-belunês-trentino, com o acréscimo de influências dos dialetos lombardos e da língua portuguesa.” Esse supradialeto será no presente estudo denominado *talian*⁵³, porque o termo tem sido empregado por vários autores e aparece no Ethnologue e em outros referenciais da Internet, conforme esclarece Faggion (2013). Segundo Frosi e Mioranza (1983; 2009), do ponto de vista fonético, a *coiné* segue o quadro geral das realizações fonéticas vênetas⁵⁴, no entanto admite traços particulares de diferentes dialetos, que poderiam ser classificados como nuances dialetais.

Finalmente, no quarto período (1975 – dias atuais), apresentam-se:

- a) “contatos e interinfluências da língua portuguesa e *coiné* de tipo italiano” (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 89);
- b) “uma *coiné* de características não mais exclusivamente italianas devida à considerável faixa de empréstimos do português” (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 89);
- c) “a perspectiva de desaparecimento do sistema linguístico italiano em favor da Língua Portuguesa” (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 89).

⁵² O maior índice de imigrantes era representado pelos vênnetos

⁵³ Segundo Faggion (2012), nessa designação, a palavra original sofreu aférese e apócope, dois processos muito comuns nas línguas de divulgação, sobretudo, oral. A autora acrescenta que *talian* também é conhecido como vênneto do Sul do Brasil (ou vênneto sul-rio-grandense, denominação que aparece em Stawinski, 1987), ou *coiné* de predominância veneta segundo Frosi e Mioranza (1983).

⁵⁴ Sobre as oclusivas alveolares e as africadas no *talian*, ver capítulo 3.

4.1.3.1 Atitudes linguísticas: prestígio e estigmatização linguística

Culturas, como línguas, entram em contato de formas diversas. Segundo Grosjean (2001 [1982]), uma das formas mais comuns de contato entre línguas é quando as pessoas se deslocam de um país para outro e, da noite para o dia, são confrontados com a tarefa de sobreviver em o que parece ser um mundo muito diferente.

Conforme Santos (2006, p.75), com frequência, em países de imigração, a tendência é que uma das línguas em contato se perca de uma geração para outra. O abandono de uma língua em favor de outra, geralmente, acontece de forma lenta e gradativa, a menos que ocorra uma intervenção oficial, determinando o abandono radical da língua minoritária. Na história sociolinguística da Região de Colonização Italiana no nordeste do RS, essa afirmação, segundo Frosi, Faggion e Dal Corno (2010, p.16), “encontra eco em fatos como os que se verificam: num relativamente curto espaço de tempo, seus habitantes passam de uma situação de plurilinguismo a uma de monolinguismo, de um processo de translação cultural da pátria de origem para uma integração com o país acolhedor.” Conforme analisa Santos (2006, p.74),

nas décadas de 30 e 40, com a proibição da fala dialetal italiana em escolas e locais públicos da RCI/RS, o colono italiano buscou, no aprendizado da língua portuguesa, ascender socialmente e salvar-se do estigma que começava a cercar a fala dialetal italiana, a qual passaria a ser usada mais nos âmbitos familiar e pessoal.

É interessante lembrar que a fala dialetal italiana da RCI/RS, por proibição governamental, foi sendo substituída pelo uso da língua portuguesa. Assim, almejando ascender socialmente e procurando proteger-se do preconceito que começava a cercar os dialetos italianos da região, o descendente de imigrantes italianos, consoante Santos (2006), buscou aprender a língua oficial do Brasil. Com a integração à cultura majoritária, percebe-se que a cidade assume um valor simbólico de prestígio, associando desenvolvimento econômico e tecnológico com o uso do português.

Segundo Frosi, Faggion e Dal Corno (2008, p. 143), no tempo compreendido entre a década de 1930 e 1975, data do Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul,

o fenômeno da estigmatização gerou estereótipos linguísticos cujo sentido vai além da comichade. Falar em dialeto italiano ou em português com interferências dialetais italianas era suficiente para ser identificado de modo insultuoso como ‘colono burro’, ou ‘colono grosso’; as marcas fonéticas do dialeto italiano caracterizadoras do português local, o sotaque, a linha melódica desse dialeto e sua transposição para a fala em português e muitos outros elementos constituem vários estereótipos linguísticos de efeito estigmatizador.

Conforme acredita Kramsch (1998), há uma ligação natural entre a língua falada pelos membros de um grupo social e a identidade desse grupo. Por seu sotaque, seu vocabulário, seus padrões de discurso, falantes se identificam e são identificados como

membros desta ou daquela comunidade de fala. A partir desta filiação, obtêm força pessoal e orgulho, bem como um sentido de importância social e continuidade histórica de usar a mesma língua que é utilizada pelo grupo a que pertencem.

Haugen (1956) defende que a língua “é ao mesmo tempo uma instituição social, como as leis, a religião ou a economia da comunidade, e um instrumento social que acompanha e torna possível todas as outras instituições. Como uma instituição pode tornar-se um símbolo do grupo ou da comunidade.”⁵⁵ (HAUGEN, 1956, p. 87, *apud* GROSJEAN, 2001 [1982], p. 117).

A relação entre língua e etnicidade é vista por Ross (1979 *apud* APPEL; MUYSKEN, 1996) sob duas perspectivas: a objetiva e a subjetiva. Na perspectiva objetiva de etnicidade, a relação entre etnicidade e língua é acidental; na perspectiva subjetiva, os membros do grupo social tendem a associar etnicidade à língua. Segundo Appel e Muysken (1996, p. 35), não existe uma relação direta entre identidade e língua. Para eles, nem sempre uma identidade étnica, cultural ou social está vinculada a uma língua distinta, contudo existem grupos profundamente inter-relacionados com línguas distintas.

Frosi, Faggion e Dal Corno (2010) chamam a atenção para o fato de que,

via de regra, quando ocorre uma situação de contato entre línguas, a língua identificada com um grupo de menor poder político, econômico e/ou cultural será a língua minoritária ou estigmatizada, contrastando com a língua majoritária ou de prestígio. Os falantes da língua minoritária são geralmente o grupo mais afetado pelas atitudes dos diferentes grupos sociais – na maioria dos casos, atitudes negativas –, com relação à língua adotada. (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010, p. 15-16).

Segundo as autoras, uma atitude linguística consiste em “uma postura, ou comportamento positivo ou negativo frente a uma língua ou a uma variedade linguística particular, uma reação favorável ou desfavorável face ao modo de falar do outro.” (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010, p. 23). Essas atitudes linguísticas, entretanto, desempenham “importante papel na vida dos usuários de uma língua ou de uma variedade linguística – como um dialeto, por exemplo.” (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010, p. 15-16). Haugen (1956, p.95-96) afirma:

Onde quer que as línguas estejam em contato, é provável encontrar certas atitudes predominantes de favor ou desfavor das línguas envolvidas. Estes podem ter efeitos profundos sobre a psicologia dos indivíduos e sobre o seu uso das línguas. Em última análise estas atitudes são direcionadas para as pessoas que usam as línguas e

⁵⁵ **Do original:** “[...] [language] is at once a social *institution*, like the laws, the religion, or the economy of the community, and a social *instrument* which accompanies and makes possible all other institutions. As an institution it may become a *symbol of the community group*.” (HAUGEN, 1956, p. 87, *apud* GROSJEAN, 2001 [1982], p. 117).

são, portanto, juízos e estereótipos do intergrupo. (HAUGEN, 1956, p. 95-96 *apud* GROSJEAN, 2001 [1982], p. 117-118)⁵⁶.

Para Goffman (2001), é comum que o indivíduo estigmatizado aceite a condição que lhe é imposta, muitas vezes tentando eliminar ou esconder o que o distingue (os símbolos do estigma), demonstrando ter as mesmas crenças que os ditos “normais” têm, autodepreciando-se. Uma das tarefas do psicólogo social e do sociolinguista é explicar as atitudes dos grupos de línguas com relação a si próprios e a outros grupos. As abordagens que podem ser usadas são bastante diversificadas. Por exemplo, o pesquisador pode simplesmente perguntar a membros de um grupo sobre suas atitudes, mas o perigo com esta abordagem é que certas opiniões negativas podem ser retidas. Uma maneira de contornar isso é utilizar testes de reação subjetiva. Esses testes, segundo Hora (2012, p. 49), “podem contribuir para evidenciar a avaliação social que corresponde à estratificação social da fala.”

A abordagem de Lambert e seus colegas (1960), chamada de Teste de pares ocultos ou “contraste entre aspectos” (*the matched-guise approach*), é um teste de reação subjetiva. Nessa técnica, falantes bilíngues perfeitos gravam uma primeira passagem em uma das suas línguas e depois na outra. As gravações são feitas de forma aleatória e depois apresentadas aos “juízes” que são convidados a avaliar as características de personalidade das pessoas cujas vozes estão na gravação segundo os critérios a seguir: liderança, inteligência, caráter, bondade, entre outras. Os resultados mostram que os “juízes” não percebem que os falantes são bilíngues. Além disso, eles não atribuem a mesma pontuação às duas leituras, uma em cada língua, pelo mesmo falante. O que os juízes estão avaliando, de fato, é o grupo que o falante representa, embora durante todo o experimento eles acreditem que estão avaliando a personalidade de uma pessoa.

Esses resultados ilustram claramente os tipos de atitudes que existem em e entre os dois grupos linguísticos quando um é dominante política, econômica e culturalmente. As atitudes negativas do grupo majoritário para com o grupo sem poder e prestígio são adotadas, em parte ou no todo, por esse grupo, e são, muitas vezes, amplificadas de tal modo que os membros do grupo minoritário se menosprezam até mais do que são menosprezados pelo grupo dominante. A consequência, por mais paradoxal que possa parecer, é que os membros do grupo majoritário às vezes são mais positivos para com o grupo minoritário do que os pertencentes a esse grupo.

⁵⁶ **Do original:** “Wherever languages are in contact, one is likely to find certain prevalent attitudes of *favor* or *disfavor* towards the languages involved. These can have profound effects on the psychology of the individuals and on their use of the languages. In the final analysis these attitudes are directed at the people who use the languages and are therefore inter-group judgments and stereotypes.” (HAUGEN, 1956, p. 95-96 *apud* GROSJEAN, 2001 [1982], p. 117-118).

Como afirma Faggion (2010, p.108-109), com base nos estudos de Goffman (1998), o sotaque tem o poder de estereotipar seu portador e revesti-lo de preconceito, tornando-o consciente da estranheza que as marcas fonéticas de sua fala podem causar. Como consequência, é possível que esse preconceito “concorra com a informação intencional da mensagem desse falante, relegando esta última a uma posição secundária ou anulando-a”, utilizando as palavras da autora (2010, p.109).

Os resultados obtidos por Frosi, Faggion e Dal Corno no projeto *Estigma (Linguagem da Região de Colonização Italiana: Prestígio e Estigmatização)*, que buscou verificar a existência de atitudes de estigmatização linguística e social enquadrada no contexto RCI/RS⁵⁷, apontam que “a permanência de traços fonológicos da língua minoritária – o *talian* ou a coíné vêneta – e a alternância de código frequente, com uso do léxico do *talian*, dão a sensação de conhecimento insuficiente da língua portuguesa.” (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010, p. 25). Os dados analisados (provenientes da adaptação da metodologia de Lambert (1960) pelas pesquisadoras⁵⁸) apontam que a língua de maior prestígio é a variedade linguística do português padrão, seguida pela variedade dialetal italiana. Como resultado tem-se também que a variedade do português com sotaque do dialeto italiano, para este grupo de informantes, é a de menor prestígio social.

Faggion (2010, p. 64) adiciona: “muitos assumem o estigma, muitos o encobrem, ou tentam eliminá-lo alterando a própria pronúncia, ou passam a desconsiderá-lo, mantendo sua pronúncia característica”.

A bibliografia sobre a linguagem da RCI/RS, vasta por sinal (FROSI; MIORANZA; 1983; FROSI, 1987a, 1987b, 1989, 1996; DAL CORNO; SANTINI, 1998; PAVIANI, 2001; SANTOS, 1998, entre outros), menciona não apenas os traços característicos dessa linguagem em nível fonético-fonológico e lexical, mas também a existência de estigmatização, quer da fala dialetal italiana, quer da variedade de língua portuguesa marcada por esse dialeto. Além dos estudos supracitados, destaca-se uma pesquisa desenvolvida por Mauri (2008) como dissertação do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, intitulada “Palatalização das oclusivas alveolares e práticas sociais em capelas de Forqueta, Caxias do Sul (RS)”. A investigação realizada por Mauri teve como foco mensurar a aplicação da palatalização das oclusivas alveolares e analisar quais são seus

⁵⁷ Projeto desenvolvido junto ao Departamento de Letras da Universidade de Caxias do Sul, entre 2004 e 2007, com resultados publicados em Frosi, Faggion e Dal Corno (2010), entre outros. Financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e pela Universidade de Caxias do Sul.

⁵⁸ No capítulo referente à metodologia, explora-se com detalhes o método do teste de pares ocultos (adaptado de Lambert (1960).

condicionamentos linguísticos e sociais na comunidade de Forqueta, Caxias do Sul. A análise de dados revelou que há uma taxa de palatalização de 28%, sendo os jovens moradores de uma das capelas os condicionadores da regra, interpretando-se que, nessa localidade, há uma tendência maior de abrir-se a inovações sociais e econômicas.

Em uma pesquisa linguístico-dialetológica realizada na RCI/RS, Frosi e Mioranza (1983) conseguiram registrar elementos que demonstram algumas características peculiares da fala de língua portuguesa ali observada. Na RCI/RS, o fenômeno da não realização das africadas correspondentes a /t/ e /d/ constitui-se “numa interferência fônica do dialeto italiano no sistema fonológico da língua portuguesa, [...] é uma regra fonológica do dialeto italiano que o falante ítalo-brasileiro aplica em sua fala de língua portuguesa.” (FROSI; MIORANZA, 1983, p. 365). Segundo os dialetólogos, as consoantes africadas /tʃ/ e /dʒ/ do dialeto italiano

são foneticamente semelhantes às do português. Entretanto a distribuição das mesmas no sistema dialetal italiano não coincide com a da de língua portuguesa [...]. Em princípio, as duas africadas, surda e sonora, realizam-se diante de qualquer vogal e, em qualquer posição da palavra, no sistema dialetal italiano. [...] Mas em se tratando de sua fala em língua portuguesa, o informante aplica somente uma das regras, ou seja, realiza as oclusivas t e d. [...] O fenômeno linguístico da realização de t e d, diante da vogal anterior alta, encontra explicação no fato de que o falante opera transferindo para sua fala de língua portuguesa a estrutura específica que mantém t e d como oclusivas no sistema fonológico de sua língua materna, em qualquer contexto vocálico. (FROSI; MIORANZA, 1983, p. 364)

Essa transferência do dialeto italiano para a língua portuguesa é assim explicada por Paviani (2001, p. 630):

O falante herda, habituado à frequência de uso em seu meio, sons do sistema dialetal que caracterizam a pronúncia do português com sotaque italiano. Geralmente esse falante aprende, com o passar do tempo, a língua portuguesa, já com traços fônicos de outra língua nela assimilados.

A língua, como bem explica Grosjean (2001, p. 117), além de um instrumento de comunicação, é “também um símbolo de identidade social ou de um grupo, um emblema de pertencimento e de solidariedade de um grupo⁵⁹.” A interferência linguística, portanto, pode ocasionar preconceito linguístico. Bagno (1999, p. 40) assim o explica: “os fenômenos fonéticos produzidos pela classe social desprestigiada ou por determinada fala típica de uma região são classificados como erros gramaticais, desprestigiados e muitas vezes

⁵⁹ **Do original:** “It is also a symbol of social or group identity, an emblem of group membership and solidarity.” (GROSJEAN, 2001, p.117).

ridicularizados.” Os indivíduos ridicularizados podem ser levados a vivenciarem sentimentos de ordem contraditória em relação à língua desprestigiada.

Essa transferência do talian para o português encaixa-se no que Labov (1972 *apud* HORA, 2012, p. 48) considera estereótipo. Ao avaliar os diferentes níveis de saliência entre as variáveis e suas variantes, Labov distingue entre “indicadores”, “marcadores” e “estereótipos”:

Indicadores são variáveis linguísticas das quais o falante não tem consciência e não estão sujeitas a mudanças de estilo. *Marcadores*, variáveis de que o falante tem consciência e que podem ter um papel fundamental na estratificação da classe social, além disso estão sujeitas à mudança de estilo. *Estereótipos* são aquelas formas de que os falantes e a comunidade têm consciência e, em geral, são avaliadas negativamente. (grifo do autor)

Hora (2012, p. 49) dá exemplo de alguns estereótipos facilmente identificáveis no português brasileiro:

Não é difícil identificar, em termos do português brasileiro, alguns estereótipos: prontamente alguém pode citar as oclusivas dentais /t, d/, em formas como ‘tia’ e ‘dia’, como sendo características do nordeste; o mesmo acontecendo com o rótico retroflexo, como marca do falar caipira de São Paulo, apesar de sua presença em outros estados brasileiro [...], e ainda a palatalização das fricativas /s, z/ no falar carioca.

Ao que tudo indica o fenômeno da não realização das africadas correspondentes a /t/ e /d/, que se constitui numa interferência fônica do dialeto italiano no sistema fonológico da língua portuguesa, é um estereótipo no português brasileiro. Levantamos a hipótese de que a produção fonética desses fonemas seja variável e condicionada (extra)linguisticamente. Isso porque “diferenças entre a língua-alvo e a língua do aprendiz podem não ser necessariamente erros, mas sim a evidência de que os usuários estão visando uma variedade em particular que não é necessariamente a padrão ou marcando sua identidade ao usar certa variante em uma situação específica com interagentes específicos. Em outras palavras, [...] desempenho na L2 pode ser socialmente condicionado⁶⁰” (EDWARDS, 2009, p. 258). Ou seja, “aprendizes podem ser agentes ativos na escolha de quais variantes usar e adquirir, podendo utilizá-las, propositalmente para marcar gênero e identidade étnica e social, bem como podem relutar em utilizar certas variantes se é percebido que com isso se cria uma

⁶⁰ **Do original:** “[...] differences between the target language and the language of the learner may not necessarily be errors, but may be evidence of users targeting a particular variety that is not necessarily the standard or marking their identity by using a certain variant in a specific situation with particular interactants. In other words, [...] performance in the L2 may be socially conditioned.” (EDWARDS, 2009, p. 258).

identidade em L2 que não é viável⁶¹.” (EDWARDS, 2009, p. 260). Como se verifica, a presença de uma variante estigmatizada pode assinalar elemento de identidade ou de processo identitário e pode resultar de livre escolha do falante.

⁶¹ **Do original:** “[...] learners may be active agents in targeting which variants to use and acquire and may use the variants purposefully to mark gender, social, and ethnic identity. Learners may also resist using certain variants if they perceive that doing so creates a L2 identity that is not viable.” (EDWARDS, 2009, p. 260).

5 METODOLOGIA

“[...] é preciso também reconhecer que a própria opção por uma metodologia é ditada pela teoria abraçada, com todas as suas crenças e pressupostos a respeito da natureza de seu objeto de estudo⁶².”

Maria Cecília Perroni

5.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo tem por objetivo descrever a metodologia adotada nesta pesquisa sobre a africação espúria na interlíngua português-inglês em uma comunidade de fala e de prática na RCI/RS. Devida à natureza dos questionamentos que suscitaram o desenvolvimento desse projeto de pesquisa, esse estudo requer análises de dados de cunho quantitativo. Este capítulo descreve o método da investigação empírica realizada, a fim de abordar as questões de pesquisa e hipóteses nesse capítulo indicadas. Os dados foram coletados no primeiro semestre de 2013, no Laboratório Multilínguas do Programa de Línguas Estrangeiras (PLE) da Universidade de Caxias do Sul (UCS), tratados e avaliados pela pesquisadora. O capítulo descreve a região da pesquisa, a constituição da amostra e o método de coleta e análise de dados para o estudo da africação espúria na interlíngua português-inglês e seus possíveis fatores (extra)linguísticos intervenientes.

5.2 A REGIÃO DE ESTUDO

5.2.1 O município de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul

Conforme Frosi, Faggion e Dal Corno (2008), o município de Caxias do Sul “é uma comunidade formada por indivíduos provenientes de todos os municípios da RCI/RS, representativa, portanto, da fala dessa região.” (p. 141).

A Pérola das Colônias, título mais popular dado a Caxias do Sul pelo destaque que tem no estado, localiza-se no Nordeste rio-grandense, em uma região conhecida como “Roteiro da Uva e do Vinho”. Distante aproximadamente 128 quilômetros da capital do

⁶² Perroni (1996, p. 25).

estado, Porto Alegre, Caxias do Sul possui 441.332 habitantes e uma área de 1.643 quilômetros quadrados⁶³. A história de Caxias do Sul começa quando a região era percorrida por tropeiros, ocupada por índios e chamada Campo dos Bugres. Em 1875, chegaram os primeiros imigrantes italianos. Dois anos após, a sede da colônia do Campo dos Bugres recebeu a denominação de Colônia de Caxias. No dia 20 de junho de 1890 foi então criado o Município e, no dia 1º de junho de 1910, Caxias foi elevada à categoria de cidade e, nesse mesmo dia, chegava o primeiro trem, ligando a região à capital do Estado⁶⁴.

Vários ciclos econômicos marcaram a evolução de Caxias do Sul ao longo destes séculos: do cultivo da uva e do vinho ao segundo polo metalmeccânico do Brasil. Segundo Frosi & Mioranza (2009), o desenvolvimento econômico-regional alterou de modo notável a composição étnica da RCI/RS, com perdas numéricas para os italianos e seus descendentes e ganhos para os indivíduos de outras etnias, pois atraiu elevado número de indivíduos, oriundos de outras localidades, não só do Rio Grande do Sul, mas também de outros estados do Brasil:

Para citar um exemplo, os índices percentuais da composição étnica da RCI/RS, calculados na década de setenta (FROSI; MIORANZA, 1983, p. 65-67), deram como resultado, para Caxias do Sul, 75,1% de ítalo-descendentes e 24,9% de outras etnias (afro-brasileiros, teuto-brasileiros, indígenas, luso-brasileiros, polono-brasileiros e outras). Consideramos aproximativos os percentuais estabelecidos para Caxias do Sul, naquela época, por terem sido obtidos por amostragem. Hoje, esses índices, provavelmente, estão bastante alterados. Há um consenso entre os habitantes da cidade, isto é, o de que os ítalo-descendentes de Caxias do Sul não ultrapassam os 30%, com ganho significativo para os percentuais das demais etnias, acredita-se, em torno de 70%. (FROSI & MIORANZA, 2009, p. 109).

Figura 4: Localização de Caxias do Sul em relação ao estado e ao país.



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Caxias_do_Sul. Acesso em: 31.08.2013.

⁶³ Estimativa Populacional 2011. Censo Populacional 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (01 de julho de 2011). Acesso em: 31.08.2013.

⁶⁴ Histórico do município disponível em <http://www.caxias.rs.gov.br/cidade/>. Acesso em: 31.08.2013.

5.2.2 A amostra

A amostra é constituída de participantes voluntários a serem selecionados conforme os seguintes critérios:

- a) ter idade mínima de 18 anos;
- b) ter vivido a maior parte de sua vida em algum dos municípios pertencentes à RCI/RS;
- c) ser residente no município de Caxias do Sul;
- d) não ter residido em outro país;
- e) ter concluído o Ensino Médio;
- f) estar no mesmo nível inicial de aprendizado do inglês (de 70 a 140 horas de instrução prévia⁶⁵);

Desse modo, os dezesseis⁶⁶ participantes voluntários foram distribuídos da seguinte maneira:

- a) em relação à variável sexo, 50% são homens e 50% são mulheres. Em números absolutos há oito participantes em cada grupo;
- b) quanto à variável faixa etária, 12,5% está na faixa etária “menos de 20 anos de idade”, 75% estão na faixa etária “20-30 anos de idade” e 12,5% estão na faixa etária “30-40 anos de idade”. Em números absolutos: dois, doze e dois participantes, respectivamente;
- c) em relação à ascendência, sete participantes declararam ter mais de uma ascendência. Sendo assim, temos 75% ítalo-brasileiros, 31,3% luso-brasileiros e 25% teuto-brasileiros. Em números absolutos: doze, cinco e quatro participantes, respectivamente;
- d) quanto à exposição a mais de uma segunda língua (dialeto e/ou língua estrangeira), 43,8% estiveram ou estão expostos a mais de uma L2, ao passo que 56,3% não. Em números absolutos: sete e nove participantes, respectivamente;

⁶⁵ Geralmente, instituições de ensino de idiomas oferecem, em cada nível de aprendizado de um idioma, 70 horas/aula.

⁶⁶ Contamos com a participação de um total de dezesseis voluntários, os quais atenderam a todos os critérios estipulados para a constituição da amostra.

5.3 QUESTÕES DE PESQUISA E HIPÓTESES

O presente estudo investiga a produção variável dos fonemas /t/ e /d/ seguidos de [i] ou [ɪ] na interlíngua português-inglês de aprendizes nativos da RCI/RS, com o objetivo de, em havendo o processo de africacão na interlíngua português-inglês de aprendizes nativos da RCI/RS, identificar como se dá o processo a partir de seu(s) possível(is) condicionante(s) linguístico(s) e/ou extralinguístico(s). As seguintes questões de pesquisa e hipóteses buscam fornecer dados nos quais um melhor entendimento da questão possa ser construído. Essas questões de pesquisa e hipóteses foram baseadas na observação do desempenho dos alunos brasileiros de inglês durante mais de cinco anos de minha experiência de ensino, bem como na fundamentação teórica deste trabalho e nos resultados de dissertações e teses cuja temática é africacão no português brasileiro e interlíngua português-inglês, aqui também mencionados. As perguntas e hipóteses correspondentes são as seguintes:

A observação direta permite que se identifique a produção variável dos fonemas /t/ e /d/ seguidos de [i] na interlíngua português-inglês de aprendizes nativos da RCI/RS. Acredita-se que a africacão espúria na L2 possa ser favorecida pelos seguintes fatores linguísticos e sociais:

- transferência da L1;
- exposição a mais de uma L2;
- ambiente linguístico;
- gênero;
- ascendência;
- atitudes linguísticas em relação à variedade de língua portuguesa padrão e à variedade de língua portuguesa com marcas fonético-fonológicas do talian.

Frente a isso, elaboram-se os seguintes questionamentos com suas respectivas hipóteses a serem corroboradas ou refutadas ao longo da investigação aqui proposta:

- a) ocorre africacão espúria na L2? Em que medida? Levanta-se a hipótese de que na amostra observada ocorra africacão espúria na interlíngua português-inglês e que a média do percentual de aplicação dessa regra seja aproximada à média do percentual de africacão na língua portuguesa-L1, devido ao fato de a transferência

- da L1 operar com bastante força, principalmente, em níveis iniciais de aprendizado de uma L2⁶⁷;
- b) há correlação significativa entre a frequência de africacão na L1 e a frequência de africacão espúria na L2? Acredita-se na hipótese de que a transferência da língua materna opere com expressiva força na interlíngua por se tratar de uma amostra de aprendizes com baixo nível de proficiência no inglês (L2). Pensa-se que a taxa percentual de africacão na L1 e na L2 dos participantes seja similar, principalmente devido ao fato de a interferência linguística da L1 para a L2 ocorrer com mais frequência em níveis mais iniciais de aprendizagem de uma L2;
- c) na L2, a africacão espúria é mais frequente quando a consoante-alvo /t/ ou /d/ é seguida de (1) vogal, (2) vogal em fronteira lexical ou (3) ø (zero)? Acredita-se que a africacão espúria na interlíngua é mais frequente quando a consoante-alvo /t/ ou /d/ é seguida de (1) vogal ou (2) vogal em fronteira lexical, pois, nessa circunstância há uma vogal seguida da consoante-alvo /t/ ou /d/ que pode desencadear a africacão, enquanto que em (3) o processo ainda depende da inserção da vogal [i], gatilho do processo de palatalização, conforme explicado por Silva, T. (2012);
- d) a africacão espúria na L2 é mais recorrente quando a consoante-alvo é vozeada ou desvozeada? A qualidade da consoante-alvo, se vozeada /d/ ou desvozeada /t/, pode favorecer a palatalização. Pensa-se que seja da consoante desvozeada esse papel, como verificaram os estudos reportados sobre africacão no português brasileiro na seção 3.2.1, Consoantes oclusivas alveolares e processos alofônicos na L1. Considera-se também a explicação de Quilis (1999) na qual os segmentos desvozeados concentram maior quantidade de energia articulatória, devido ao fato de esses segmentos não utilizarem parte dessa energia na vibração das pregas vocais, como ocorre com os segmentos vozeados;
- e) o que mais favorece a africacão espúria na L2: consoante-alvo /t/ ou /d/ situada em (1) sílaba tônica, (2) sílaba átona ou em (3) monossílabo? A proeminência da sílaba pode potencializar a palatalização. De acordo com Bisol (1991, p. 156) “na palatalização que, muitas vezes converte uma oclusiva dental

⁶⁷ Conforme fundamentação teórica presente na seção 2.1.3, Análise de Interlíngua (AI), presente no capítulo 2: Aquisição fonética/fonológica de segunda língua.

em uma africada palato-alveolar, ocorre um caso típico de reforço das propriedades fonéticas que se aplicam preferentemente em posições fortes.” A nossa hipótese apóia-se nos resultados do estudo de Matté (2009), também realizado com sujeitos residentes na zona urbana de Caxias do Sul, que registra um maior número de africadas em sílaba tônica;

- f) a frequência de africacão espúria na interlíngua português-inglês é menor quando o aprendiz está exposto a mais de uma L2? Acredita-se que a exposição a outra(s) L2 pode favorecer a redução de africacão espúria na L2, já que, por exemplo, a exposição ao espanhol como LE, ou até mesmo a exposição ao talian em situação familiar, devido ao contraste fonêmico existente entre /t/ e /tʃ/ e /d/ e /dʒ/ poderia se caracterizar em transferência positiva na aquisição fonológica desses fonemas na interlíngua em estudo;
- g) em qual grupo ocorre mais africacão espúria na L2: no feminino ou no masculino? Partindo-se do pressuposto de que homens e mulheres possuem papéis sociais diferentes e adotam posturas diversas a respeito da variação, é possível que o gênero do participante exerça influência na escolha das formas linguísticas por ele adotadas. Chesire (2002) argumenta que, a fim de adquirir um status que, na sociedade ocidental, é mais facilmente assegurado aos homens, muitas vezes as mulheres fazem mais uso de variantes-padrão do que os homens. Além disso, para Paiva (2008), às mulheres é normalmente atribuída a responsabilidade pela educação dos filhos. Por causa disso, a mulher assume o papel de transmissora de normas de comportamento, e entre essas normas estão aquelas relacionadas ao comportamento linguístico. Paiva (2008) afirma que as mulheres muitas vezes lideram processos de mudança linguística, adotando alternantes inovadoras. Quando isso ocorre, tais formas possuem prestígio, isto é, não são socialmente estigmatizadas. Nos estudos linguísticos, as mulheres tendem a empregar mais as formas de prestígio do que os homens pelo fato de terem mais consciência do *status* social da variante, tendendo a levar a variante à frente quando essa é prestigiada. A tendência na fala feminina é, portanto, a adoção de formas socialmente prestigiadas. Forma inovadora e, pelo que se percebe da mídia no Brasil, prestigiada, a alternante palatalizada tende a ser favorecida pelas mulheres, o que se verificou na maioria dos estudos revisados – como o de Almeida (2000), Battisti et al. (2007) e Matté (2009) – e se espera observar na presente análise;

- h) em qual grupo ocorre mais africacão espúria na L2: (1) ascendência alemã, (2) ascendência italiana ou (3) ascendência luso-brasileira? Acredita-se que o grupo de ascendência luso-brasileira será aquele no qual a média de africacão espúria na L2 será maior, seguido pelos participantes de ascendência alemã e italiana. Nossa hipótese baseia-se no resultados de Bisol de 1986 e 1991 para o estudo da palatalização das oclusivas alveolares em quatro comunidades do Rio Grande do Sul, a saber, metropolitana, fronteira, alemã e italiana. Quanto à produtividade da palatalização de /t/ e /d/, nos quatro grupos étnicos, Bisol apresentou a seguinte escala descendente: Metropolitanos > Fronteirios > Alemães > Italianos. Espera-se, portanto que os resultados de análise dessa variável venham ao encontro com os da pesquisadora;
- i) há correlação entre a africacão espúria na L2 e a atitude linguística favorável frente à variedade de português padrão? Há correlação entre a africacão espúria na L2 e a atitude linguística desfavorável frente à variedade de português com marcas do talian? Levantamos a hipótese de que o grau de simpatia frente ao português padrão e ao português da RCI/RS (des)favoreçam a africacão, tanto na L1 quanto na L2. Uma das características fonéticas do português da RCI/RS marcado pelo talian é a menor frequência ou até mesmo inexistência de palatalização de /t/ e /d/ antecedendo [i]. Pesquisadores como Hora (2012) afirmam que a africacão é uma variante prestigiada e, portanto, sua não-realização pode ser estigmatizada, não só pelos falantes cujo inventário fonético há a presença dos alofones [tʃ] e [dʒ], mas também pelos falantes que não a realizam. Levantamos a hipótese de que, o prestígio pela variedade de português padrão, na qual ocorre a africacão e, por consequência, a estigmatização do português marcado pelo talian podem favorecer a aumento de africacões espúrias na L2.

5.4 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS

Com a intenção de verificarmos a africacão espúria na interlíngua português-ínglês da amostra analisada, bem como o que a condiciona, apresentamos a variável dependente e as variáveis independentes que norteiam o presente trabalho.

Conforme Silva, T., variável dependente é a que será testada, o próprio fenômeno analisado. Já as variáveis independentes, linguísticas ou extralinguísticas, são aquelas que podem produzir o efeito no fenômeno em variação a ser estudado, compostas por fatores que podem favorecer ou inibir o emprego das formas variantes. São, portanto, hipóteses com as quais o pesquisador trabalha a fim de verificar o condicionamento a que a regra está submetida. As variáveis linguísticas dizem respeito ao modo como os elementos da língua podem condicionar a variação; as extralinguísticas referem-se ao papel do social na aplicação da regra.

A variável dependente desta pesquisa é a africacão espúria na interlíngua português-ínglês (L2). Estabeleceram-se seis variáveis independentes, sendo três linguísticas e três extralinguísticas ou sociais. Cada uma pertencente a um grupo maior: ou Transferência ou Variabilidade.

5.4.1 Variável dependente

A variável dependente desta análise é a africacão/palatalização espúria das oclusivas alveolares /t/ e /d/, diante da vogal alta [i] - o que consiste na adição da posição alta frontal da língua à outra articulação, provocando a mudança do traço [+anterior] da consoante para [-anterior] – na interlíngua de aprendizes de uma mesma comunidade de fala e de prática na RCI/RS. Esta consoante pode realizar-se como:

- a) [t] [d] oclusiva alveolar;
- b) [tʂ] [dʒ] africada alveolar;
- c) [tʃ] [dʒ] africada palato-alveolar.

Neste trabalho, qualquer que seja o grau de palatalização/africacão que se apresente, será considerada aplicação da regra, pois serão observadas apenas duas variantes:

- a) [t] [d] – oclusiva dental;
- b) [tʃ] [dʒ] – africada palato-alveolar – ou [tʂ] [dʒ] – africada alveolar.

5.4.2 Variáveis independentes

Formadas por grupos de fatores de natureza linguística e social, internas e externas ao sistema linguístico, as variáveis independentes podem motivar mais ou menos a aplicação

da regra variável em exame. A revisão de literatura a respeito da palatalização variável das oclusivas alveolares no português brasileiro, bem como a fundamentação teórica adotada que se refere às questões de interlíngua deram luz às questões norteadoras e suas respectivas hipóteses (presentes na seção anterior, a 5.3) que, por sua vez, influenciaram na escolha das variáveis independentes a serem consideradas na análise. São elas: transferência: a) da L1 e b) de outra(s) L2 e variabilidade devido(a) à/ao: a) ambiente linguístico; b) gênero; c) ascendência e d) atitude linguística.

5.4.2.1 Transferência

5.4.2.1.1 *Transferência da L1*

Nossa hipótese é a de que, na interlíngua da amostra em estudo, a transferência da língua materna exerça um importante papel (des)favorecendo a africacão espúria de acordo com a frequência da aplicação da regra na L1. Conforme o levantamento de frequências de africacão na L1, controlamos os seguintes fatores:

- a) frequência menor de africacão na L1;
- b) frequência maior de africacão na L1.

5.4.2.1.2 *Transferência de outra(s) L2*

Acredita-se que a exposição à outra(s) L2 pode favorecer a redução de africacão espúria na L2, já que, por exemplo, a exposição ao espanhol como LE, ou até mesmo a exposição ao talian em situação familiar, devido ao contraste fonêmico existente entre /t/ e /tʃ/ e /d/ e /dʒ/ poderia se caracterizar em transferência positiva na aquisição fonológica desses fonemas na interlíngua. Controlam-se, portanto os fatores:

- a) exposição a outra(s) L2;
- b) sem exposição a outra(s) L2.

5.4.2.2 Variabilidade

5.4.2.2.1 Variabilidade devido ao ambiente linguístico

a) Contexto Fonológico Seguinte

A variável Contexto Fonológico Seguinte é composta por segmento vocálico, /i/ ou /ɪ/, ou ambiente vazio que segue a consoante alveolar /t/ ou /d/ no mesmo vocálico ou em vocábulo distinto. São controlados, portanto, três fatores:

- a) /t/ ou /d/ seguido de vogal no mesmo vocábulo;
- b) /t/ ou /d/ seguido de vogal em vocábulo distinto (fronteira lexical);
- c) /t/ ou /d/ seguido de ambiente vazio.

Pretendemos, ao controlar esses grupos, verificar qual é contexto seguinte às consoantes /t/ e /d/ que mais favorece a africacão espúria na L2.

b) Sonoridade

A sonoridade, ou vozeamento, está relacionada à vibração das pregas vocais que caracteriza os segmentos como [+voz] ou [-voz]. Na produção do /t/ não ocorre vibração, considerando-se assim a consoante surda ou desvozeada [-voz]. Na produção do /d/ ocorre vibração, dessa forma a consoante é considerada sonora ou vozeada [+voz]. São fatores da variável Sonoridade:

- a) consoante oclusiva alveolar vozeada;
- b) consoante oclusiva alveolar desvozeada.

c) Tonicidade

A sílaba onde aparece a consoante-alvo da palatalização pode ser tônica, átona ou um clítico. Pensa-se que a tonicidade possa ter papel frente à palatalização, cabendo à sílaba tônica, por sua maior saliência, o condicionamento da regra. Controlam-se os seguintes fatores:

- a) sílaba átona;

- b) sílaba tônica;
- c) monossílabos.

5.4.2.2.2 Variabilidade devido ao gênero

As diferenças de gênero também podem interferir na produção linguística. Como a palatalização parece ser realização prestigiada no português brasileiro, pensa-se que o gênero feminino favoreça o processo. Os fatores controlados nessa variável são:

- a) gênero feminino;
- b) gênero masculino.

5.4.2.2.3 Variabilidade devida à ascendência

Com o fito de analisar se a variável ascendência pode influenciar na produtividade de africacões espúrias na interlíngua da amostra em estudo, controlamos os fatores:

- a) ascendência alemã;
- b) ascendência italiana;
- c) ascendência luso-brasileira.

5.4.2.2.4 Variabilidade devida à atitude linguística

Verificamos aqui se as atitudes linguísticas dos participantes frente à variedade de português da RCI/RS podem influenciar a realização de africadas espúrias em suas interlínguas. Levantamos a hipótese de que o prestígio pela variedade de português padrão, na qual ocorre a africacão e, por consequência, a estigmatização do português marcado pelo talian, na qual a africacão é menor ou inexistente, podem favorecer a aumento de africacões espúrias na L2. Os fatores controlados nessa variável são:

- a) atitude linguística favorável frente à variedade de português padrão;
- b) atitude linguística desfavorável frente à variedade de português com marcas do talian.

5.5 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS⁶⁸

Com o intuito de compreender o processo de africação espúria na interlíngua português-inglês da amostra em estudo, aplicamos, a cada um dos dezesseis participantes voluntários⁶⁹ da pesquisa, os seguintes instrumentos destinados à coleta de dados: a) Questionário sobre Participantes de Pesquisa de Campo, b) Teste de Leitura Oral de Sentenças em Língua Inglesa, c) Teste de Leitura Oral de Sentenças em Língua Portuguesa e d) Teste de Pares Ocultos.

A sessão de coleta de dados foi realizada no laboratório de línguas do PLE/UCS durante o horário das aulas regulares. O primeiro instrumento destinado à coleta de dados foi o Questionário sobre Participantes de Pesquisa de Campo, seguido pelos Testes de Leitura Oral de Sentenças (primeiro o de língua portuguesa e depois o de língua inglesa). Por último foi aplicado o Teste de Pares Ocultos.

5.5.1 Questionário sobre Participantes de Pesquisa de Campo

Primeiro instrumento aplicado aos participantes da pesquisa, o questionário sobre participantes de pesquisa de campo (Anexo E), elaborado visando a obter informações que serão utilizadas para direcionar a análise dos dados da pesquisa, que permitiu uma caracterização geral da amostra. O instrumento foi elaborado com o objetivo de acessar informações relativas ao perfil dos participantes do participantes. A saber: sexo, faixa etária, ascendência, cidade de residência (por mais tempo), bem como informações adicionais sobre fatores que são relevantes para a investigação, como: onde e por quanto tempo estuda o inglês, exposição a outra(s) L2 e vivência no exterior.

5.5.2 Teste de Leitura Oral de Sentenças em Língua Inglesa e em Língua Portuguesa

Conforme Larsen-Freeman e Long (1989, p. 27), o procedimento de leitura em voz alta tem sido utilizado em estudos que pesquisam pronúncia em uma segunda língua: “os sujeitos são convidados a ler em voz alta, palavras, listas de frases ou passagens que têm uma

⁶⁸ Salientamos que o projeto desta pesquisa foi submetido à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa CONEP, recebendo aprovação em 27 de maio do corrente ano (ver Anexo C – Parecer consubstanciado do CEP, nº 303.248 de 27.05.2013).

⁶⁹ A coleta de dados ocorreu após a leitura e a assinatura do TCLE (Anexo D).

abundância de sons particulares em ambientes representativos e o desempenho dos sujeitos é gravado para posterior análise⁷⁰.”

O teste foi aplicado no laboratório de línguas do PLE/UCS, que contém 28 computadores da marca HP de sistema operacional Windows XP. Cada aluno fez o teste na sua própria máquina, com *headsets* (fones e microfone) da marca Tandberg Educational, através do programa de áudio Sanako Lab300. Após instrução prévia de como proceder nos testes, cada participante realizou a gravação de sua leitura oral de sentenças: 13 em língua portuguesa e 13 em língua inglesa⁷¹, levando aproximadamente de 10 a 15 minutos para concluir. A partir do primeiro teste, de leitura oral de sentenças em língua portuguesa (Anexo F), permitiu-nos observar como funciona a aplicação da regra na L1 para posteriores comparações com a sua interlíngua. O teste consistiu de 37 *tokens* presentes em 13 sentenças, projetadas para classificar idioletos dos participantes de acordo com a quantidade de palatalização de /t/ e /d/ em sua L1. Já o segundo teste, de leitura oral de sentenças em língua inglesa (Anexo G), tivemos acesso ao funcionamento da interlíngua português-inglês da amostra investigada, no que se refere às realizações de africções espúrias em consoantes oclusivas alveolares seguidas de /i/ ou /ɪ/, por meio de 59 *tokens*, propícios à aplicação da regra, distribuídos em 13 sentenças desconexas entre si.

5.5.3 Teste de Pares Ocultos

Para Larsen-Freeman e Long (1989, p. 36), o teste de pares ocultos (*the matched guise technique*), elaborado por Lambert e associados em 1960, é usado para capturar impressões subjetivas (atitudes) para com falantes de outras línguas. Nesta técnica

vários bilíngues são gravados individualmente durante a leitura de uma passagem, primeiro em uma língua e, em seguida, em outra. Mais tarde, as gravações são ouvidas por um grupo de indivíduos. Porque as gravações são misturadas, os indivíduos não sabem que eles estão ouvindo os mesmos falantes em duas línguas. Os sujeitos são convidados a fazer julgamentos sobre esses leitores. Uma vez que os leitores em ambas as línguas são idênticos, a diferença na qualidade de voz e a personalidade do leitor permanecem invariáveis, portanto acredita-se que os participantes do teste estejam revelando suas atitudes para com as línguas pelos julgamentos que eles fazem⁷².

⁷⁰ **Do original:** “Subjects are asked to read aloud word lists, sentences or passages which have abundance of particular sounds in representative environments. The subjects’ performance is recorded for later analysis.” (LARSEN-FREEMAN; LONG, 1989, p. 27).

⁷¹ Tanto as sentenças em língua portuguesa quanto as sentenças em língua inglesa foram extraídas de exemplos presentes em dicionários (ver anexos F e G).

⁷² **Do original:** “[...] several bilinguals are recorded individually while reading a passage, first in one language and then in another. Later the tape recordings are played to a group of subjects. Because the recordings are intermingled, the subjects are unaware that they are listening to the same speakers in two languages. The subjects

Na adaptação dessa metodologia pelo projeto Estigma, utilizada também nesta investigação com pequenas alterações⁷³, utilizam-se duas gravações da variedade linguística do português padrão (áudios 01 e 04) e duas do português com sotaque do dialeto italiano falado na RCI/RS (áudios 02 e 03). Após cada gravação de áudio ouvida pelos participantes, aplicamos um questionário para coleta de impressões subjetivas acerca do falante dessa gravação⁷⁴ (Anexo H).

Os indicadores sociais levantados foram relacionados à inteligência, beleza, nível de instrução, laboriosidade, boas maneiras, urbanidade, autoconfiança, estigmatização e modernidade. Os informantes ouviram cada gravação e classificaram subjetivamente os participantes a partir de uma escala diferencial semântica tipo Likert, de “1” a “5”, que varia de “concordo plenamente” a “discordo totalmente”.

No quadro a seguir, apresentam-se as convenções utilizadas na aplicação e análise do teste:

Quadro 08: Convenções utilizadas na aplicação e análise do Teste de Pares Ocultos

(continua)

Declaração utilizada no teste	Indicador social avaliado	Mensuração adotada para os itens Likert
01. Esta pessoa que você ouviu É INTELIGENTE.	Inteligência	- concorda plenamente = 5 - concorda = 4 - nem concorda nem discorda = 3 - discorda = 2 - discorda plenamente = 1
02. Esta pessoa que você ouviu É FEIA.	Beleza	- concorda plenamente = 1 - concorda = 1 - nem concorda nem discorda = 3 - discorda = 4 - discorda plenamente = 5

are asked to make judgements about the readers. Since the readers in both languages are identical, different in voice quality and personality of the speaker remain invariant; thus subjects are thought to be revealing their attitudes towards the languages by the judgements they make.” (LARSEN-FREEMAN; LONG, 1989, p. 36).

⁷³ No desenvolvimento do Projeto Estigma, levou-se em conta: (a) a fala dialetal italiana da RCI/RS; (b) a variedade de fala do português regional; (c) a variedade do português padrão (aqui, representado na fala dos locutores do Jornal Nacional da TV Globo).

⁷⁴ Questionário adaptado por Frosi, Faggion e Dal Corno para a aplicação do Teste de Pares Ocultos no projeto Estigma, já mencionado ao longo deste trabalho.

(continuação)

03. Esta pessoa que você ouviu SENTE VERGONHA DE FALAR ASSIM.	Autoconfiança	- concorda plenamente = 1 - concorda = 1 - nem concorda nem discorda = 3 - discorda = 4 - discorda plenamente = 5
04. Esta pessoa que você ouviu É INSTRUÍDA.	Nível de instrução	- concorda plenamente = 5 - concorda = 4 - nem concorda nem discorda = 3 - discorda = 2 - discorda plenamente = 1
05. Esta pessoa que você ouviu SOFRE PRECONCEITO SOCIAL.	Estigmatização social	- concorda plenamente = 1 - concorda = 1 - nem concorda nem discorda = 3 - discorda = 4 - discorda plenamente = 5
06. Esta pessoa que você ouviu SENTE ORGULHO DE FALAR ASSIM.	Autoconfiança	- concorda plenamente = 5 - concorda = 4 - nem concorda nem discorda = 3 - discorda = 2 - discorda plenamente = 1
07. Esta pessoa que você ouviu É ATRASADA.	Modernidade	- concorda plenamente = 1 - concorda = 1 - nem concorda nem discorda = 3 - discorda = 4 - discorda plenamente = 5
08. Esta pessoa que você ouviu É GROSSA.	Polidez	- concorda plenamente = 1 - concorda = 1 - nem concorda nem discorda = 3 - discorda = 4

(conclusão)

		- discorda plenamente = 5
09. Esta pessoa que você ouviu É TRABALHADORA.	Laboriosidade	- concorda plenamente = 5 - concorda = 4 - nem concorda nem discorda = 3 - discorda = 2 - discorda plenamente = 1
10. Esta pessoa que você ouviu É UM TÍPICO MORADOR DA COLÔNIA.	Urbanidade	- concorda plenamente = 1 - concorda = 1 - nem concorda nem discorda = 3 - discorda = 4 - discorda plenamente = 5

Fonte: a própria autora

5.5.4 Análise estatística dos dados através do SPSS

Os dados da pesquisa foram obtidos por análise estatística através do programa computacional *IBM SPSS Statistics* (Versão 21) - *Statistical Package for the Social Sciences*⁷⁵. Segundo Larson-Hall (2010, p. 7), “SPSS é provavelmente o programa estatístico mais utilizado no campo das ciências sociais em geral (foi originalmente desenvolvido para as ciências sociais) e é usado pela maioria dos pesquisadores que trabalham no campo da pesquisa em segunda língua⁷⁶.”

Utilizamos testes estatísticos paramétricos e não-paramétricos, para variáveis simétricas e assimétricas respectivamente. Para a escolha do teste estatístico mais adequado, diferenciamos as variáveis em análise em simétricas e assimétricas. Para tanto, utilizamos o *Teste de Shapiro-Wilk* (considerado mais poderoso no caso de amostras pequenas). Testes de Normalidade como esse,

testam a hipótese de que os dados da amostra estão normalmente distribuídos baseando-se no valor absoluto da diferença máxima entre a distribuição cumulativa observada e a distribuição cumulativa esperada, assumindo o pressuposto de normalidade. (...) Um valor baixo de significância indica um desvio na distribuição

⁷⁵ SPSS Inc, 233 S Wacker Drive, 11th Floor - Chicago, Illinois 60606 USA.

⁷⁶ **Do original:** “SPSS is probably the most commonly used statistical program in the field of social sciences in general (it was originally developed for the social sciences) and is used by a majority of researchers working in the field of second language research.” (LARSON-HALL, 2010, p. 07).

dos dados em relação ao modelo da curva Normal. Para que o impacto desse desvio seja relevante nos testes paramétricos (testes que dependem de distribuição normal dos dados) a significância deve estar abaixo de 0,05 ou até mesmo em 0,01. (WAGNER; MOTTA; DORNELLES, 2004, p. 58).

Apresentam-se, a seguir, as descrições dos testes paramétricos, e de seus equivalentes não-paramétricos, utilizados na análise estatística dos dados desta investigação⁷⁷:

- a) *coeficiente de correlação de Spearman*: teste não-paramétrico utilizado para avaliar se e em que medida as relações entre os processos são estatisticamente significativas. Testa a força da associação entre variáveis ordinais. É o substituto mais famoso do *coeficiente de correlação de Pearson* na ruptura dos pressupostos paramétricos. O *coeficiente Ró de Spearman* varia entre -1 e 1. Quanto mais próximo estiver destes extremos, maior será a associação linear entre as variáveis. O sinal negativo da correlação significa que as variáveis variam em sentido contrário, isto é, as categorias mais elevadas de uma variável estão associadas a categorias mais baixas da outra variável;
- b) *Kendall's Tau b*: frequentemente apresentado como alternativa ao *Ró de Spearman* para situações em que várias pessoas têm os mesmos valores numa ou nas duas variáveis. O *Kendall's tau b* é preferível ao *Ró de Spearman* quando se tem poucos dados e um grande número de empates;
- c) *teste t de Student* para amostras independentes: Aplica-se sempre que se pretende comparar as médias de uma variável quantitativa em dois grupos diferentes de sujeitos;
- d) *teste U de Mann-Whitney*: utilizado para a comparação de variáveis ordinais ou quantitativas entre dois grupos independentes. Na ruptura dos pressupostos paramétricos, é o substituto mais frequente do *teste t de Student* para amostras independentes. Enquanto o teste paramétrico *t* compara as médias de duas amostras independentes, o *teste de Mann-Whitney* compara o centro de localização das duas amostras, como forma de detectar diferenças entre as populações correspondentes;
- e) *GLM repeated measures* (Modelo Linear Geral para medidas repetidas): utilizado para a situação de três ou mais grupos emparelhados (medidas repetidas);
- f) *teste de Friedman*: Aplica-se quando existem 3 ou mais condições de emparelhamento, onde cada variável é classificada numa escala de nível, pelo

⁷⁷ Informações disponíveis em Wagner, Motta & Dornelles (2004) e Pestana & Gageiro (2005). Aqui, naturalmente, as informações foram sintetizadas.

menos ordinal. Constitui uma alternativa não paramétrica ao *GLM*, quando não se verificam os pressupostos destes modelos;

- g) *teste t de Student* para amostras emparelhadas: permite inferir sobre a igualdade de médias de duas amostras emparelhadas. Testa a hipótese de que duas médias são iguais. Com esse teste, pode-se estabelecer se a diferença entre as médias possui significância estatística. Para aplicá-los em amostras pequenas, a variável observacional deverá apresentar distribuição normal na população;
- h) *teste T de Wilcoxon*: utilizado para a comparação de variáveis ordinais ou quantitativas entre dois grupos emparelhados. Na ruptura dos pressupostos paramétricos, é o substituto mais frequente do *teste t de Student para amostras emparelhadas*.

6 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

“Existem muitas hipóteses em ciência que estão erradas. Isso é perfeitamente aceitável, eles são a abertura para achar as que estão certas.”

Carl Sagan

Neste capítulo, discutiremos os dados obtidos via aplicação dos instrumentos - Teste de Leitura Oral de Sentenças em Língua Inglesa, Teste de Leitura Oral de Sentenças em Língua Portuguesa e Teste de Pares Ocultos – aplicados aos 16 sujeitos que participaram desta pesquisa a fim de investigar variáveis de ordem (extra)linguística que possam intervir na africação espúria na interlíngua português-inglês desses aprendizes de inglês como língua estrangeira.

Para tanto, na seção 6.1, Africação na interlíngua português-inglês, apresentam-se e discutem-se as estatísticas relativas à africação espúria na L2, obtidas via dados coletados por meio do Teste de Leitura Oral de Sentenças em Língua Inglesa.

Por sua vez, nas seções subsequentes, 6.2 Transferência e 6.3 Variabilidade, apresentam-se e discutem-se os resultados do Teste de Leitura Oral de Sentenças em Língua Portuguesa e do Teste de Pares Ocultos. À luz desses resultados, procurar-se-á responder às questões de pesquisa propostas na abertura do trabalho, bem como corroborar ou refutar as hipóteses levantadas a partir desses questionamentos.

6.1 AFRICAÇÃO NA INTERLÍNGUA PORTUGUÊS-INGLÊS (L2)

A partir do levantamento de dados obtidos via aplicação do Teste de Leitura Oral de Sentenças em Língua Inglesa, apresentam-se a frequência e o percentual de africação espúria na interlíngua português-inglês desses participantes. No teste constam 59 *tokens*⁷⁸ propícios à africação espúria na interlíngua.

Com relação às perguntas: “Ocorre africação espúria na L2? Em que medida?”, a hipótese levantada é a de que na amostra observada ocorra africação espúria na interlíngua português-inglês e que a média do percentual de aplicação dessa regra seja aproximada à

⁷⁸ Segundo Silva, T. (2011, p. 211), *token* “relaciona-se com uma unidade ou um conjunto de unidades em um determinado contexto de análise. Uma consoante qualquer, por exemplo [t], pode ser compreendida como um *token* a ser analisado na fala de uma comunidade de fala qualquer. Cada ocorrência da consoante [t] será um *token* a ser analisado.”

média do percentual de africacão na língua portuguesa (L1), devido ao fato de a transferência da L1 operar com bastante força, principalmente, em níveis iniciais de aprendizado de uma L2⁷⁹.

Num total de 944 *tokens* observados, 71 sofreram africacão espúria. A média da aplicação da regra na L2 pelos participantes é 7,42%. No entanto, devido ao desvio padrão⁸⁰ obtido (8,300), faz-se necessário levar em conta a mediana, que é 5,93%. A mediana⁸¹ indica que, para a metade da amostra analisada, a média de africacão espúria na L2 é menor ou igual a 5,93%. A explicação para o fato de o desvio padrão ser maior que a média reside no fato de o fenômeno por nós analisado não ter sido verificado nos testes de 31,3% da amostra (cinco participantes de um todo de dezesseis), fazendo com que na mesma amostra houvesse percentual de africacão mínimo e máximo de 0% e 31%, respectivamente. Na tabela a seguir, confere-se a frequência e o percentual de africacão espúria na L2 por participante.

Tabela 01: Frequência e percentual de africacão espúria na L2 por participante

(continua)

CÓDIGO DO PARTICIPANTE	FREQUÊNCIA DE	FREQUÊNCIA DE	%
	TOKENS ANALISADOS	AFRICAÇÃO ESPÚRIA NA L2	
P01	59	2	3
P02	59	9	5
P03	59	0	0
P04	59	3	15
P05	59	4	7
P06	59	1	2
P07	59	0	0
P08	59	0	0
P09	59	0	0
P10	59	9	15
P11	59	5	8
P12	59	8	14

⁷⁹ Conforme fundamentação teórica presente no capítulo 2, Aquisição fonética/fonológica de segunda língua.

⁸⁰ Quando o desvio padrão não é igual ou menor que a metade da média, torna-se necessário levar em conta a mediana obtida.

⁸¹ “Ponto central em uma série de valores dispostos por ordem de magnitude.” Disponível em: www.michaelis.uol.com.br. Acesso em: 31.08.2013. A mediana é o valor (pertencente ou não à amostra) que a divide ao meio, isto é, 50% dos elementos da amostra são menores ou iguais à mediana e os outros 50% são maiores ou iguais à mediana.

			(conclusão)
P13	59	6	10
P14	59	18	31
P15	59	0	0
P16	59	6	8
Total	944	71	7,42

Fonte: a própria autora

6.2 TRANSFERÊNCIA

6.2.1 Transferência da L1

No que diz respeito à pergunta: “Há correlação significativa entre a frequência de africacão na língua portuguesa-L1 e a frequência de africacão espúria na interlíngua português-inglês (L2)?”, acreditamos na hipótese de que a transferência da língua materna⁸² opere com expressiva força na interlíngua por se tratar de uma amostra de aprendizes com baixo nível de proficiência no inglês (L2).

Para analisar se há, de fato, correlação significativa entre a africacão na L1 e na interlíngua, faz-se necessário conhecer a frequência e o percentual de aplicação da regra na L1 por esses aprendizes. Nos estudos de Mauri (2008) e de Matté (2009) sobre a palatalização de oclusivas alveolares no município de Caxias do Sul, as frequências totais de aplicação da regra foram de 28% e 35%, respectivamente. Acreditamos, portanto que o percentual de africacão na L1 nesse estudo seja maior que 35%, já que a amostra analisada é constituída, em sua maior parte, por adultos de 20 a 30 anos de idade, moradores da zona urbana de Caxias do Sul, com ensino superior em andamento. Estudos como os de Mauri (2008) e Matté (2009)⁸³ evidenciaram que pessoas mais jovens, moradores de zona urbana e com um nível de escolaridade mais alto, tendem a aplicar mais a regra. Além disso, sob o termo africacão, considerar-se-á a não só a realização de africadas alveopalatais, mas também de africadas alveolares⁸⁴, o que permite uma frequência maior de *tokens* a constarem no grupo dos *tokens* que sofreram aplicação da regra.

⁸² Sobre transferência linguística, ver capítulo 2: Aquisição fonética/fonológica de segunda língua.

⁸³ Embora haja muitos outros estudos sobre a palatalização de oclusivas alveolares na RCI/RS, faz-se referência constante aos estudos de Mauri (2008) e Matté (2009), pois a cidade-natal e de residência das amostras desses dois estudos é a mesma dos participantes da investigação que aqui está sendo desenvolvida.

⁸⁴ Sobre as africadas alveolares, ver seção 3.2.1 Consoantes oclusivas alveolares e processos alofônicos no português brasileiro.

O Teste de Leitura Oral de Sentenças em Língua Portuguesa permitiu que, para cada participante, fossem oportunizados 37 *tokens* propícios para a aplicação da regra. Num total de 592 *tokens* analisados, 532 sofreram africacão. Ou seja, houve uma média de 89,9% (percentual mínimo e máximo de 51% e 97%) de africacão na produção oral desses participantes em L1, observada via aplicação do teste. Nas tabelas a seguir, confere-se a frequência e o percentual de africacão na língua portuguesa (L1) por participante.

Tabela 02: Frequência e percentual de africacão na L1 por participante

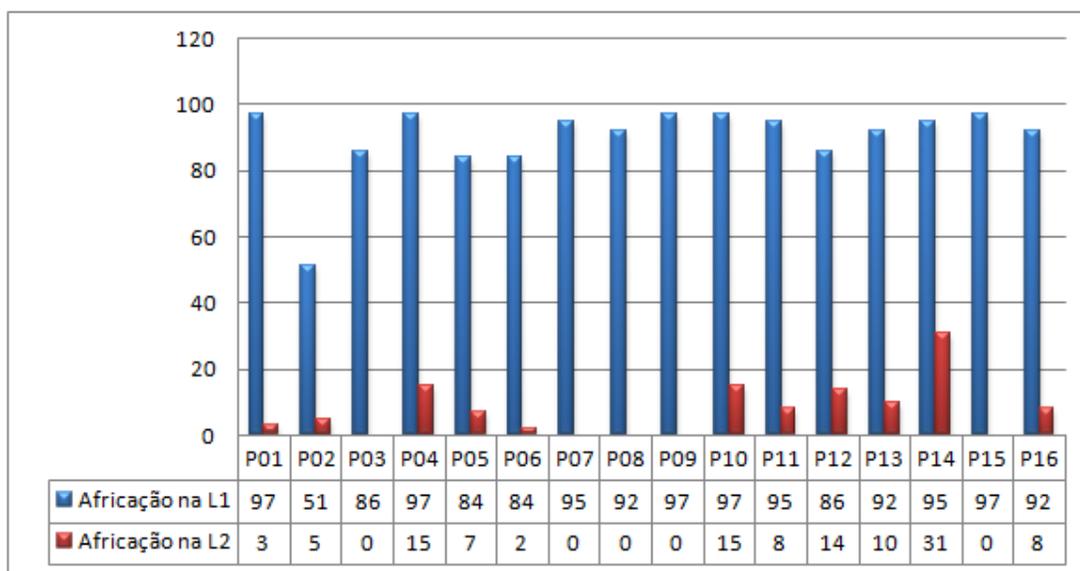
CÓDIGO DO PARTICIPANTE	FREQUÊNCIA DE	FREQUÊNCIA DE	%
	TOKENS ANALISADOS	AFRICAÇÃO NA L1	
P01	37	36	97%
P02	37	19	51%
P03	37	32	86%
P04	37	36	97%
P05	37	31	84%
P06	37	31	84%
P07	37	35	95%
P08	37	34	92%
P09	37	36	97%
P10	37	36	97%
P11	37	35	95%
P12	37	32	86%
P13	37	34	92%
P14	37	35	95%
P15	37	36	97%
P16	37	34	92%
Total	592	532	89,9%

Fonte: a própria autora

A partir do percentual de africacão na L1 e L2, recorreremos ao SPSS para verificarmos se existe correlacão significativa entre a africacão na L1 e a africacão espúria na L2. Ao analisarmos essas duas variáveis via *coeficiente de correlacão de Rô de Spearman* e *Tau-b de Kendall*, que mediram a intensidade da associacão entre as variáveis “Africacão na

L1” e “Africação espúria na L2”, o teste de Spearman indica $Rô = -0,188$ (valor-p = 0,48) e o Tau-b de Kendall, por sua vez, indica valor-p = 0,42. Um terceiro teste, o teste de Wilcoxon, evidencia que a diferença entre as médias dos percentuais entre a africação espúria na L2 e a africação na L1 é estatisticamente significativa⁸⁵ (valor-p = 0,000 < 0,05). Uma vez que os resultados dos testes não são estatisticamente significativos, rejeita-se a hipótese de que a correlação entre “Africação na L1” e “Africação espúria na L2” seja significativa. Ou seja: a frequência de africação na L1 não está associada a uma maior ou menor frequência de africação espúria na L2. Na figura a seguir, apresenta-se um comparativo, por participante, entre o percentual de africação na L1 e o percentual de africação espúria na L2.

Figura 5: Comparativo de percentual entre a africação na L1 e a africação espúria na L2 por participante



Fonte: a própria autora

6.2.2 Transferência de outra(s) L2

Quanto ao questionamento: “A frequência de africação espúria na interlíngua português-inglês é menor quando o aprendiz está exposto a mais de uma segunda língua?”, acredita-se que a exposição a outras L2 pode favorecer a redução de africação espúria na L2,

⁸⁵ “A significância estatística de um resultado é uma medida estimada do grau em que este resultado é “verdadeiro” (no sentido de que seja realmente o que ocorre na população, ou seja no sentido de “representatividade da população”). Mais tecnicamente, o valor do nível-p representa um índice decrescente da confiabilidade de um resultado. Quanto mais alto o nível-p, menos se pode acreditar que a relação observada entre as variáveis na amostra é um indicador confiável da relação entre as respectivas variáveis na população.” Disponível em: Conceitos elementares de estatística. <http://www.inf.ufsc.br/~marcelo/intro.html>. Acesso em: 30.08.2013.

já que, por exemplo, a exposição ao espanhol como LE, ou até mesmo a exposição ao talian em situação familiar, devido ao contraste fonêmico existente entre /t/ e /tʃ/ e /d/ e /dʒ/ poderia se caracterizar em transferência positiva na aquisição fonológica desses fonemas na interlíngua.

A média do percentual de africacão espúria na interlíngua dos participantes que estão expostos a mais de uma L2 é de 4,12% enquanto que a dos participantes que não estão expostos a mais de uma L2 é de 9,98%. No entanto, o valor-p = 0,132, gerado a partir do *teste U de Mann-Whitney*, evidencia que a diferença entre as médias do percentual de africacão espúria na L2 nesses dois grupos não é estatisticamente significativa (valor-p = 0,132 > 0,05).

6.3 VARIABILIDADE

6.3.1 Variabilidade devido ao ambiente linguístico

a) Contexto Fonológico Seguinte:

Para a questão: “Na interlíngua português-ínglês (L2), a africacão é mais frequente quando a consoante-alvo /t/ ou /d/ é seguida de (1) vogal, (2) vogal em fronteira lexical ou (3) ∅ (zero)?”, a hipótese levantada é a de que a africacão espúria na L2 é mais recorrente quando a consoante-alvo /t/ ou /d/ é seguida de (1) vogal ou (2) vogal em fronteira lexical.

Para corroborar ou refutar essa hipótese, classificamos em três categorias os *tokens* alvo de análise presentes no teste de leitura oral de sentenças em língua inglesa. A saber: (1) consoante-alvo seguida de vogal; (2) consoante-alvo seguida de vogal em fronteira lexical e (3) consoante-alvo seguida de ∅ (zero). A seguir, apresentam-se os *tokens* a serem analisados já classificados conforme os fatores controlados na variável contexto fonológico seguinte:

Quadro 09: Relação de *tokens* na L2 cuja consoante-alvo /t/ e /d/ é seguida de vogal

(continua)

ticket /'tɪk.ɪt/ ⁸⁶ (sentença 01)

differ /'dɪf.ər/ (sentença 04)

tease /ti:z/ (sentença 02)

dinner /'dɪn.ər/ (sentença 05)

⁸⁶ Transcrições fonológicas extraídas de: <http://dictionary.cambridge.org/dictionary/american-english/>. Acesso em: 20.06.2013.

(conclusão)

tea /ti:/ (sentença 03)	dear /diər/ (sentença 06)
pol it ical /pə'lit.ɪ.kəl/ (sentença 08)	dealings /'di:.lɪŋz/ (sentença 07)
sensit iv ity /,sen.sɪ'trɪv.ɪ.ti/ (sentença 09)	breed ing /'bri:.dɪŋ/ (sentença 08)
sensitiv it y /,sen.sɪ'trɪv.ɪ.ti/ (sentença 09)	rad ic als /'ræd.ɪ.kəl/ (sentença 08)
fill /tɪl/ (sentença 10)	alread y /ɔ:l'red.i/ (sentença 11)
ticket /'tɪk.ɪt/ (sentença 17)	bo dy /'bɒd.i/ (sentença 12)
	decide /dɪ'saɪd/ (sentença 15)
	dec ide /dɪ'saɪd/ (sentença 15)
	decade /'dek.eɪd/ (sentença 16)
	did /dɪd/ (sentença 19)

Fonte: a própria autora

Quadro 10: Relação de *tokens* na L2 cuja consoante-alvo /t/ e /d/ é seguida de vogal em fronteira lexical

lost it /lɒst ɪt/ (sentença 17)	did it /dɪd ɪt/ (sentença 19)
it is /ɪt ɪz/ (sentença 18)	had it /hæd ɪt/ (sentença 20)

Fonte: a própria autora

Quadro 11: Relação de *tokens* na L2 cuja consoante-alvo /t/ e /d/ é seguida de ø (zero)

(continua)

ticket t /'tɪk.ɪt/ (sentença 01)	l' d /aɪd/ (sentença 01)
just t /dʒʌst/ (sentença 02)	Sydn e y /'sɪd.ni/ (sentença 01)
want t /wa:nt/ (sentença 03)	had d /hæd/ (sentença 05)
bit t /bɪt/ (sentença 04)	friend d /frend/ (sentença 06)
great t /greɪt/ (sentence 09)	had d /hæd/ (sentença 07)
wit t /wɪt/ (sentença 09)	ground d /graʊnd/ (sentença 08)
got t /gɑ:t/ (sentença 13)	and d /ænd/ (sentença 09)

(conclusão)

state /steɪt/ (sentença 13)	end /end/ (sentença 10)
gate /geɪt/ (sentença 14)	paid /paɪd/ (sentença 11)
architect /'ɑː.kɪ.tekt/ (sentença 15)	head /hed/ (sentença 12)
novelist /'nɒv.əl.ɪst/ (sentença 15)	decide /dɪ'saɪd/ (sentença 15)
last /lɑːst/ (sentença 16)	decade /'dek.eɪd/ (sentença 16)
can't /kɑːnt/ (sentença 17)	find /faɪnd/ (sentença 17)
ticket /'tɪk.ɪt/ (sentença 17)	did /dɪd/ (sentença 19)
must /mʌst/ (sentença 17)	had /hæd/ (sentença 20)
lost /lɒst/ (sentença 17)	
it /ɪt/ (sentença 17)	
it /ɪt/ (sentença 18)	
it /ɪt/ (sentença 19)	
it /ɪt/ (sentença 20)	

Fonte: a própria autora

Tabela 03: Estatísticas para os fatores controlados na variável *Variabilidade devido ao ambiente linguístico*: contexto fonológico seguinte

	Africação na L2 contexto fonológico seguinte vogal	Africação na L2 contexto fonológico seguinte zero	Africação na L2 contexto fonológico seguinte fronteira lexical
N	Válido 16	16	16
	Ausente 0	0	0
Média	13,54%	3,39%	0,00%
Mediana	12,50%	0,00%	0,00%
Desvio padrão	14,15%	5,03%	0,00%
Mínimo	0,00%	0,00%	0,00%
Máximo	50,00%	17,00%	0,00%

Fonte: a própria autora

Como não foi verificada africação em *tokens* cuja consoante-alvo /t/ e /d/ é seguida de vogal em fronteira lexical, submetemos os demais fatores controlados ao *teste de*

Wilcoxon. O teste evidencia, a partir do valor-p de 0,003, que a diferença entre as médias é estatisticamente significativa. Ou seja, na amostra analisada a africacão é mais recorrente quando a consoante-alvo /t/ e /d/ é seguida de vogal.

b) Sonoridade

Com base nos estudos reportados sobre africacão no português brasileiro no capítulo 3, A africacão na interlíngua português-ínglês, nos quais a consoante-alvo desvozeada favorece a africacão, acredita-se que também neste estudo a resposta para a pergunta: “A africacão na L2 é mais recorrente quando a consoante-alvo é vozeada ou desvozeada?” será a consoante desvozeada. A seguir, apresentam-se os *tokens* alvo de análise, classificados de acordo com a qualidade da consoante-alvo /t/ ou /d/.

Quadro 12: Relacão de *tokens* na L2 - consoante-alvo /t/

(continua)

t icket /'tɪk.ɪt/ (sentença 01)
ticket t /'tɪk.ɪt/ (sentença 01)
just t /dʒʌst/ (sentença 02)
t ease /ti:z/ (sentença 02)
want t /wa:nt/ (sentença 03)
t ea /ti:/ (sentença 03)
bit t /bɪt/ (sentença 04)
university t /ju:.nɪ'vɜ:.sɪ.ti/ (sentença 08)
poli t ical /pə'lit.ɪ.kəl/ (sentença 08)
great t /greɪt/ (sentence 09)
wit t /wɪt/ (sentença 09)
sensit i ty /,sen.sɪ'trɪv.ɪ.ti/ (sentença 09)
sensitivity t /,sen.sɪ'trɪv.ɪ.ti/ (sentença 09)

till /tɪl/ (sentença 10)
 got /gɑ:t/ (sentença 13)
 state /steɪt/ (sentença 13)
 gate /geɪt/ (sentença 14)
 architect /'ɑ:kɪ.tekt/ (sentença 15)
 novelist /'nɒv.əl.ɪst/ (sentença 15)
 last /lɑ:st/ (sentença 16)
 can't /kɑ:nt/ (sentença 17)
ticket /'tɪk.ɪt/ (sentença 17)
 ticket /'tɪk.ɪt/ (sentença 17)
 must /mʌst/ (sentença 17)
 lost /lɒst/ (sentença 17)
 it /ɪt/ (sentença 17)
 it /ɪt/ (sentença 18)
 it /ɪt/ (sentença 19)
 it /ɪt/ (sentença 20)

Fonte: a própria autora

Quadro 13: Relação de *tokens* na L2 - consoante-alvo /d/

(continua)

I'd /aɪd/ (sentença 01)
 Sydney /'sɪd.ni/ (sentença 01)
differ /'dɪf.ər/ (sentença 04)
 had /hæd/ (sentença 05)
dinner /'dɪn.ər/ (sentença 05)

dear /dɪər/ (sentença 06)
friend /frend/ (sentença 06)
had /hæd/ (sentença 07)
dealings /'di:lɪŋz/ (sentença 07)
breed**ing** /'bri:dɪŋ/ (sentença 08)
ground /graʊnd/ (sentença 08)
rad**icals** /'ræd.ɪ.kəl/ (sentença 08)
and /ænd/ (sentença 09)
end /end/ (sentença 10)
alread**y** /ɔ:l'red.i/ (sentença 11)
paid /peɪd/ (sentença 11)
head /hed/ (sentença 12)
bod**y** /'bɒd.i/ (sentença 12)
decide /dɪ'saɪd/ (sentença 15)
decid**e** /dɪ'saɪd/ (sentença 15)
decade /'dek.eɪd/ (sentença 16)
decad**e** /'dek.eɪd/ (sentença 16)
find /faɪnd/ (sentença 17)
did /dɪd/ (sentença 19)
did /dɪd/ (sentença 19)
had /hæd/ (sentença 20)

Tabela 04: Estatísticas para os fatores controlados na variável *Variabilidade devido ao ambiente linguístico*: sonoridade – africacão espúria na L2

	Africacão na L2 - /t/	Africacão na L2 - /d/
N		
Válido	16	16
Ausente	0	0
Média	10,28%	4,24%
Mediana	9,68%	1,79%
Desvio padrão	11,55%	5,41%
Mínimo	0,00%	0,00%
Máximo	42,00%	18,00%

Fonte: a própria autora

Os resultados obtidos no *teste de Wilcoxon* evidenciam que a africacão é mais recorrente quando a consoante-alvo é desvozeada (valor-p = 0,010 < 0,05). A média do percentual de africacão espúria na L2 em *tokens* cuja consoante-alvo é desvozeada é de 10,28%, ao passo que a média do percentual de africacão em *tokens* cuja consoante-alvo é vozeada é de 4,24%.

Averiguamos se a consoante-alvo desvozeada também favorece a aplicação da regra na L1 da amostra em estudo. A seguir, apresentam-se os *tokens* alvo de análise classificados de acordo com a sua qualidade sonora: /t/ ou /d/.

Quadro 14: Relação de *tokens* na L1 - consoante-alvo /t/

(continua)

fanti (sentença 01)
antiga (sentença 01)
buri (sentença 02)
relativas (sentença 04)
debates (sentença 06)
politicante (sentença 06)
politicante (sentença 06)
éticos (sentença 07)
políticos (sentença 07)
tipologizar (sentença 08)

obje**ti**vo (sentença 09)

noite**e** (sentença 10)

tirania (sentença 11)

ressent**ti**do (sentença 12)

uti**li**dade (sentença 13)

Fonte: a própria autora

Quadro 15: Relação de *tokens* na L1 - consoante-alvo /d/

de (sentenças 01, 02, 04, 07, 08, 10, 11, 13)

Í**ndi**a (sentença 03)

Hin**di** (sentença 03)

San**di** (sentença 04)

desdisse (sentença 05)

des**di**sse (sentença 05)

dito (sentença 05)

distrito (sentença 09)

duen**de** (sentença 10)

dirigia (sentença 12)

utilida**de** (sentença 13)

Fonte: a própria autora

Tabela 05: Estatísticas para os fatores controlados na variável *Variabilidade devido ao ambiente linguístico*: sonoridade – africação na L1

	Africação na L1 - /t/	Africação na L1 - /d/
N	16	16
	0	0
Média	97,92%	84,38%
Mediana	100,00%	88,64%
Desvio padrão	5,29%	15,83%
Mínimo	80,00%	32,00%
Máximo	100,00%	95,00%

Fonte: a própria autora

Na L1 da amostra analisada a média de africação em *tokens* cuja qualidade da consoante-alvo é desvozeada é de 97,92% enquanto que, quando a consoante-alvo é desvozeada, a média cai para 84,38%. O teste *t de Student para amostras emparelhadas* confirma a diferença estatisticamente significativa entre as médias (p-valor = 0,000).

c) Tonicidade

No que tange à questão: “O que mais favorece a africação na interlíngua português-inglês (L2): consoante-alvo /t/ ou /d/ situada em (1) sílaba tônica, (2) sílaba átona ou em (3) monossílabo?”, nos apoiamos nos resultados de Matté (2009) para apoiar nossa escolha pela sílaba tônica. Nos quadros a seguir, apresentam-se os *tokens* alvos de análise já classificados conforme as necessidades de observação para essa variável.

Quadro 16: Relação de *tokens* na L2 – sílaba tônica

(continua)

t icket /'tɪk.ɪt/ (sentença 01)	Sy d ney /'sɪd.ni/ (sentença 01)
poli t ical /pə'li:t.ɪ.kəl/ (sentença 08)	d iffer /'dɪf.ər/ (sentença 04)
sensi t ivity /,sen.sɪ'trɪv.ɪ.ti/ (sentença 09)	d inner /'dɪn.ər/ (sentença 05)
t icket /'tɪk.ɪt/ (sentença 17)	d ealings /'di:.lɪŋz/ (sentença 07)
	ra d icals /'ræd.ɪ.kəl/ (sentença 08)
	alrea d y /ɔ:l'red.i/ (sentença 11)
	bo d y /'bɒd.i/ (sentença 12)

(conclusão)

decide /dɪ'saɪd/ (sentença 15)
decade /'dek.eɪd/ (sentença 16)

Fonte: a própria autora

Quadro 17: Relação de *tokens* na L2 – sílaba átona

ticket /'tɪk.ɪt/ (sentença 01)	breeding /'bri:.dɪŋ/ (sentença 08)
universi ty /,ju:.nɪ'vɜ:.sɪ.ti/ (sentença 08)	decide /dɪ'saɪd/ (sentença 15)
sensitivi ty /,sen.sɪ'trɪ.vɪ.ti/ (sentença 09)	decad e /'dek.eɪd/ (sentença 16)
architect t /'ɑ:.kɪ.tekt/ (sentença 15)	
novelist t /'nɒv.əl.ɪst/ (sentença 15)	
ticket /'tɪk.ɪt/ (sentença 17)	

Fonte: a própria autora

Quadro 18: Relação de *tokens* na L2 – monossílabos

(continua)

just /dʒʌst/ (sentença 02)	I'd /aɪd/ (sentença 01)
tease /ti:z/ (sentença 02)	had /hæd/ (sentença 05)
want t /wa:nt/ (sentença 03)	dear /dɪər/ (sentença 06)
tea /ti:/ (sentença 03)	friend d /frend/ (sentença 06)
bit t /bɪt/ (sentença 04)	had /hæd/ (sentença 07)
great t /greɪt/ (sentença 09)	ground d /graʊnd/ (sentença 08)
wit t /wɪt/ (sentença 09)	and d /ænd/ (sentença 09)
till /tɪl/ (sentença 10)	end d /end/ (sentença 10)
got t /gɔ:t/ (sentença 13)	paid d /peɪd/ (sentença 11)
state t /steɪt/ (sentença 13)	head d /hed/ (sentença 12)
gate t /geɪt/ (sentença 14)	find d /faɪnd/ (sentença 17)

last /la:st/ (sentença 16)	did /dɪd/ (sentença 19)
can't /kɑ:nt/ (sentença 17)	did /dɪd/ (sentença 19)
must /mʌst/ (sentença 17)	had /hæd/ (sentença 20)
lost /lɒst/ (sentença 17)	
it /ɪt/ (sentença 17)	
it /ɪt/ (sentença 18)	
it /ɪt/ (sentença 19)	
it /ɪt/ (sentença 20)	

Fonte: a própria autora

Tabela 06: Estatísticas para os fatores controlados na variável *Variabilidade devido ao ambiente linguístico*: tonicidade – africacão espúria na L2

	Africacão na L2 sílabo tônica	Africacão na L2 sílabo átona	Africacão na L2 monossílabo
N	16	16	16
	0	0	0
Média	21,15%	8,33%	2,46%
Mediana	19,23%	0,00%	0,00%
Desvio padrão	19,96%	16,97%	3,71%
Mínimo	0,00%	0,00%	0,00%
Máximo	62,00%	67,00%	12,00%

Fonte: a própria autora

A partir desses resultados apontados para cada um dos fatores da variável Tonicidade - L2 rodamos o *teste de Friedman* para averiguar se há diferença de médias entre as mesmas. O valor-p gerado = $0,001 < 0,05$, evidencia que há diferença estatisticamente significativa entre as médias. Devido a esse resultado, rodamos o *teste de Wilcoxon* para amostras emparelhadas combinando os fatores “tônica”, “átona” e “monossílabo” entre si. Os valores-p gerados a partir da execução do *teste de Wilcoxon* (menores que 0,05), evidenciam que na L2, *tokens* cuja consoante-alvo localiza-se em sílabo tônica a média de africacão (21,15%) é significativamente maior quando comparada às médias de africacão nos dois fatores restantes da variável analisada: “sílabo átona” (8,33%) e “monossílabo” (2,46%). Entre essas a diferença de médias não chega a ser significativa.

A variável Tonicidade também foi observada na L1 da amostra. Da mesma forma que na última análise realizada, classificamos os *tokens* alvo de análise na L1 em três grupos, que são os fatores levados em consideração nessa variável. A saber: consoante-alvo /t/ ou /d/ situada em (1) sílaba tônica, (2) sílaba átona ou em (3) monossílabo.

Quadro 19: Relação de *tokens* L1 – sílaba tônica

des di sse (sentença 05)	an ti ga (sentença 01)
di to (sentença 05)	bur ti (sentença 02)
	rela ti vas (sentença 04)
	obje ti vo (sentença 09)
	ressen ti do (sentença 12)

Fonte: a própria autora

Quadro 20: Relação de *tokens* L1 – sílaba átona

Í ndi a (sentença 03)	fant i (sentença 01)
hind i (sentença 03)	debat es (sentença 06)
sand i (sentença 04)	poli ti zante (sentença 06)
de sdisse (sentença 05)	poli ti zant e (sentença 06)
de bates (sentença 06)	é ti cos (sentença 07)
di strito (sentença 09)	poli ti cos (sentença 07)
duend e (sentença 10)	ti pologizar (sentença 08)
di rigia (sentença 12)	noit e (sentença 10)
utilidad e (sentença 13)	ti rania (sentença 11)
	uti li dade (sentença 13)

Fonte: a própria autora

Quadro 21: Relação de *tokens* L1 – monossílabos

de (sentenças 01, 02, 04, 07, 08, 10, 11, 13)

Fonte: a própria autora

Tabela 07: Estatísticas para os fatores controlados na variável *Variabilidade devido ao ambiente linguístico*: tonicidade – africacão na L1

	Africacão na L1 sílabas tônicas	Africacão na L1 sílabas átonas	Africacão na L1 monossílabo
N	16	16	16
	0	0	0
Média	100,00%	90,28%	83,33%
Mediana	100,00%	94,44%	87,50%
Modelo padrão	0,000	7,45%	24,72%
Mínimo	100,00%	67,00%	0,00%
Máximo	100,00%	94,00%	100,00%

Fonte: a própria autora

O teste de análise de variância das medidas repetidas (*GLM repeated measures*) para os fatores controlados na variável em análise (que resultou no valor-p < 0,01) evidencia que a diferença entre as médias de percentual da africacão na L1 é significativa. Os valores-p gerados a partir do teste *t de Student para amostras emparelhadas* indicam que a média de percentual na africacão na L1 em consoante-alvo localizada em sílaba tônica (100%) é significativamente diferente das demais médias.

Esse resultado vem ao encontro dos apresentados por Matté (2009), no qual a sílaba tônica é condicionadora da aplicação da regra. No estudo de Mauri (2008), no entanto, o fator “pretônica” favorece a aplicação da palatalização, sendo o fator clítico desfavorecedor. Em Almeida (2000), é das postônicas finais esse papel. Apesar das posições distintas, na maioria desses estudos são as sílabas átonas as favorecedoras, tendência apontada por Bisol (1991) para grupos bilíngues (português-fala dialetal italiana, português-fala dialetal alemã): “Nos grupos bilíngues, inversamente, as posições mais fracas são favorecidas⁸⁷.” (BISOL, 1991, p.107 *apud* MAURI, 2008, p. 62).

⁸⁷ **Do original:** “In the bilingual groups, inversely, the weakest positions are favored.” (BISOL, 1991, p. 107 *apud* MAURI, 2008, p. 62).

6.3.2 Variabilidade devido ao gênero

Estudos de africacão na RCI/RS, como o de Almeida (2000), Battisti *et al.* (2007) e Matté (2009), apontam que o fator gênero feminino favoreça a aplicação da regra quando comparado ao fator gênero masculino. Supõe-se que o gênero feminino tende a levar a variante à frente quando essa é prestigiada. Por essa razão levantamos a hipótese de que neste estudo também será esse o fator desencadeador de um maior número de aplicações da regra. Portanto, para a questão “Em qual grupo ocorre mais africacão espúria na L2: no feminino ou no masculino?”, espera-se que o grupo feminino seja favorecedor da aplicação da regra neste estudo.

Considerando-se o gênero dos participantes, a média de africacão na L2 foi maior entre o sexo feminino – 10,81% – do que entre o masculino – 4,03%. No entanto, ao rodar o *teste U de Mann-Whitney* (valor-p = 0,122), revela-se que a diferença entre essas médias não é significativa estatisticamente.

Os resultados desse estudo vêm ao encontro dos resultados obtidos no estudo de Mauri (2008), no qual a frequência de aplicação foi quase igual nos dois grupos (28% feminino, 27% masculino) o que levou a pesquisadora a concluir que não haja distinção de gênero envolvida no processo nas Capelas de Forqueta.

Na L1, mulheres africam em média 93,92% enquanto que os homens 85,81%. A diferença entre médias para a africacão na L1 para a variável Gênero não chega a ser estatisticamente significativa (*teste t de Student para amostras independentes* – valor-p = 0,160).

6.3.3 Variabilidade devida à ascendência

Quanto à questão: “Em qual grupo ocorre mais africacão na L2: (1) ascendência alemã, (2) ascendência italiana ou (3) ascendência luso-brasileira?”, levantamos a hipótese de que o grupo de ascendência luso-brasileira será aquele no qual a média do percentual de africacão, tanto na L1 quanto na L2, será maior, seguido pelos participantes de ascendência alemã e italiana. Isso porque, em 1986 e em 1991, Bisol estudou a palatalização das oclusivas alveolares em quatro comunidades do Rio Grande do Sul, a saber, metropolitana, fronteira, alemã e italiana. Quanto à produtividade da palatalização de /t/ e /d/, nos quatro grupos étnicos, Bisol apresentou a seguinte escala descendente: Metropolitanos > Fronteiriços >

Alemães > Italianos. Esperamos, portanto que os resultados de análise dessa variável venham ao encontro dos da pesquisadora. A seguir apresentam-se as estatísticas para a africação espúria na L2 dos três grupos controlados.

Tabela 08: Estatísticas de grupo (ascendências alemã, italiana e luso-brasileira) para a africação espúria na L2

	Ascendência alemã	N	Média	Desvio padrão	Erro padrão da média
Africação na L2	sim	4	5,93%	6,266	3,133
	não	12	7,91%	9,065	2,617
	Ascendência italiana	N	Média	Desvio padrão	Erro padrão da média
Africação na L2	sim	12	8,05%	8,943	2,582
	não	4	5,51%	6,691	3,345
	Ascendência luso-brasileira	N	Média	Desvio padrão	Erro padrão da média
Africação na L2	sim	5	11,53%	11,332	5,068
	não	11	5,55%	6,300	1,900

Fonte: a própria autora

Pelo teste *U de Mann-Whitney*, em nenhum dos pares analisados a diferença entre as médias foi significativa estatisticamente. Isso significa que nenhum dos fatores da variável ascendência favorece ou desfavorece a africação espúria na L2, nesta amostra.

Procuramos averiguar também se algum dos fatores controlados nessa variável favorece ou desfavorece a africação da L1. As estatísticas para a africação na L1 entre descendentes de alemães, italianos e luso-brasileiros consta a seguir:

Tabela 09: Estatísticas de grupo (ascendências alemã, italiana e luso-brasileira) para a africação na L1

(continua)

	Ascendência alemã	N	Média	Desvio padrão	Erro padrão da média
Africação na L1 percentual	sim	4	88,51%	4,054	2,027
	não	12	90,32%	13,062	3,771
	Ascendência italiana	N	Média	Desvio padrão	Erro padrão da média
Africação na L1 percentual	sim	12	89,19%	12,987	3,749
	não	4	91,89%	4,413	2,207

(conclusão)

	Ascendência luso-brasileira	N	Média	Desvio padrão	Erro padrão da média
Africação na L1 percentual	sim	5	94,05%	2,261	1,011
	não	11	87,96%	13,370	4,031

Fonte: a própria autora

Na amostra em estudo, das três ascendências consideradas no estudo – alemã, italiana e luso-brasileira –, os luso-brasileiros são os que mais aplicam a regra – 94,05% –, seguido dos participantes de ascendência italiana – 89,19% – e alemã – 88,51%. No entanto, as diferenças entre as médias não é significativa estatisticamente. Nas aplicações do *teste t de Student para amostras independentes*, em nenhum dos grupos controlados foi apontada significância para a diferença entre essas médias. Isso significa que nenhum dos fatores controlados na variável ascendência favorece ou desfavorece a africação na L1.

6.3.4 Variabilidade devida à atitude linguística

Verificamos aqui se as atitudes linguísticas dos participantes frente à variedade de português da RCI/RS podem influenciar a realização de africadas espúrias em suas interlínguas. Uma das características fonéticas do português da RCI/RS, marcado pelo talian, é a menor frequência ou até mesmo inexistência de palatalização de /t/ e /d/ antecedendo [i]. Pesquisadores como Hora (2012) afirmam que a africação é uma variante prestigiada e, portanto, sua não-realização pode ser estigmatizada, não só pelos falantes em cujo inventário fonético há a presença dos alofones [tʃ] e [dʒ], mas também pelos falantes que não a realizam. Levantamos a hipótese de que o prestígio pela variedade de português padrão, na qual ocorre a africação e, por consequência, a estigmatização do português marcado pelo talian, na qual a africação é menor ou inexistente, podem favorecer a aumento de africadas espúrias na L2.

A seguir apresentam-se e discutem-se os resultados obtidos no Teste de Pares Ocultos, (adaptação feita por Frosi, Faggion e Dal Corno para o Projeto ESTIGMA) que busca evidenciar as atitudes do participante frente às variedades linguísticas analisadas no teste.

Tabela 10: Teste de Pares Ocultos – áudio 01 – Variedade de português brasileiro padrão – falante masculino – frequência e percentual

Declaração	DISCORDO PLENAMENTE		DISCORDO		NEM CONCORDO NEM DISCORDO		CONCORDO		CONCORDO PLENAMENTE		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
01	1	6,3%	-	-	2	12,5%	10	62,5%	3	18,8%	16	100
02	1	6,3%	-	-	15	93,8%	-	-	-	-	16	100
03	9	56,3%	7	43,8%	-	-	-	-	-	-	16	100
04	1	6,3%	-	-	-	-	11	68,8%	4	25%	16	100
05	4	25%	7	43,8%	5	31,3%	-	-	-	-	16	100
06	-	-	1	6,3%	3	18,8%	5	31,3%	7	43,8%	16	100
07	5	31,8%	8	50%	3	18,8%	-	-	-	-	16	100
08	8	50%	5	31,3%	3	18,8%	-	-	-	-	16	100
09	-	-	1	6,3%	10	62,5%	5	31,3%	-	-	16	100
10	5	31,8%	6	37,5%	4	25%	-	-	1	6,3%	16	100

Fonte: a própria autora

Tabela 11: Teste de Pares Ocultos – áudio 02 – Variedade de português brasileiro com marcas fonético-fonológicas de talian – falante feminino – frequência e percentual (continua)

Declaração	DISCORDO PLENAMENTE		DISCORDO		NEM CONCORDO, NEM DISCORDO		CONCORDO		CONCORDO PLENAMENTE		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
01	-	-	2	12,5	9	56,3	5	31,3	-	-	16	100
02	-	-	1	6,3	13	81,3	1	6,3	1	6,3	16	100
03	4	25	7	43,8	4	25	1	6,3	-	-	16	100
04	2	12,5	9	56,3	4	25	1	6,3	-	-	16	100
05	1	6,3	-	-	3	18,8	9	56,3	3	18,8	16	100
06	-	-	2	12,5	7	43,8	7	43,8	-	-	16	100
07	3	18,8	4	25	6	37,5	3	18,8	-	-	16	100

08	4	25	6	37,5	4	25	2	12,5	-	-	16	100
09	-	-	-	-	5	31,3	6	37,5	5	31,3	16	100
10	-	-	-	-	1	6,3	3	18,8	12	75	16	100

Fonte: a própria autora

Tabela 12: Teste de Pares Ocultos – áudio 03 – Variedade de português brasileiro com marcas fonético-fonológicas de talian – falante masculino – frequência e porcentual

Declaração	DISCORDO PLENAMENTE		DISCORDO		NEM CONCORDO, NEM DISCORDO		CONCORDO		CONCORDO PLENAMENTE		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
01	-	-	-	-	8	50	8	50	-	-	16	100
02	-	-	-	-	14	87,5	2	12,5	-	-	16	100
03	1	6,3	9	56,3	3	18,8	3	18,8	-	-	16	100
04	-	-	3	18,8	6	37,5	7	43,8	-	-	16	100
05	-	-	3	18,8	6	37,5	6	37,5	1	6,3	16	100
06	-	-	4	25	8	50	4	25	-	-	16	100
07	1	6,3	5	31,3	10	62,5	-	-	-	-	16	100
08	2	12,5	7	43,8	6	37,5	1	6,3	-	-	16	100
09	-	-	-	-	7	43,8	6	37,5	3	18,8	16	100
10	-	-	-	-	3	18,8	8	50	5	31,3	16	100

Fonte: a própria autora

Tabela 13: Teste de Pares Ocultos – áudio 04 – Variedade de português brasileiro padrão – falante feminino – frequência e porcentual

(continua)

Declaração	DISCORDO PLENAMENTE		DISCORDO		NEM CONCORDO, NEM DISCORDO		CONCORDO		CONCORDO PLENAMENTE		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
01	-	-	-	-	3	18,8	10	62,5	3	18,8	16	100
02	-	-	4	25	11	68,8	1	6,3	-	-	16	100

03	8	50	6	37,5	1	6,3	1	6,3	-	-	16	100
04	-	-	-	-	1	6,3	13	81,3	2	12,5	16	100
05	5	31,3	9	56,3	1	6,3	1	6,3	-	-	16	100
06	-	-	1	6,3	2	12,5	8	50	5	31,3	16	100
07	6	37,5	8	50	2	12,5	-	-	-	-	16	100
08	5	31,3	9	56,3	2	12,5	-	-	-	-	16	100
09	-	-	-	-	7	43,8	8	50	1	6,3	16	100
10	8	-	5	31,3	3	18,8	-	-	-	-	16	100

Fonte: a própria autora

As frequências observadas nas respostas do teste evidenciam que inteligência, autoconfiança, grau de instrução, modernidade, polidez e urbanidade são os indicadores sociais mais relacionados à variedade de português padrão, ao passo que estigmatização social, laboriosidade e ruralidade são os indicadores sociais mais relacionados à variedade de português da RCI/RS. Ou seja, os resultados da amostra revelam que o falante de português padrão é considerado ser mais inteligente, polido, moderno, urbano e instruído, bem como o que tem orgulho de falar essa variedade da língua portuguesa. O falante da variedade de português da RCI/RS, por sua vez, é visto como um típico morador da colônia, trabalhador, porém menos instruído e moderno, e estigmatizado socialmente.

A seguir, apresentam-se e discutem-se os resultados do Teste de Pares Ocultos, analisando sua pontuação total.

Tabela 14: Resultado do Teste de Pares Ocultos para áudios 01, 02, 03 e 04

(continua)

Testes de Pares Ocultos				
Código do participante	Teste – áudio 01	Teste – áudio 02	Teste – áudio 03	Teste - áudio 04
P01	31	30	30	30
P02	38	35	36	38
P03	41	35	31	42
P04	37	30	33	33
P05	42	31	36	47

P06	39	28	31	39
P07	41	30	29	43
P08	38	28	28	41
P09	39	33	33	39
P10	36	32	31	37
P11	43	24	28	43
P12	45	27	29	39
P13	38	29	31	40
P14	41	34	33	44
P15	41	33	32	43
P16	38	24	33	44

Fonte: a própria autora

Tabela 15: Estatísticas para os resultados do Teste de Pares Ocultos

	TPO - áudio 01	TPO - áudio 02	TPO - áudio 03	TPO - áudio 04
N				
Válido	16	16	16	16
Ausente	0	0	0	0
Média	39,25	30,19	31,50	40,13
Modelo padrão	3,235	3,449	2,449	4,303
Mínimo	31	24	28	30
Máximo	45	35	36	47

Fonte: a própria autora

A pontuação obtida no teste deve ser interpretada no sentido de que, quanto maior o número de pontos, maior é a simpatia do participante frente à variedade linguística analisada e vice-versa. Os áudios 01 e 04 contêm amostras de fala de falantes de português padrão, enquanto que os áudios 02 e 03 contêm amostras de fala de falantes de português da RCI/RS, marcado pelo talian. No teste aplicado, o português padrão obteve médias significativamente maiores (áudio 01 = 39,25 e áudio 04 = 40,13) que o português da RCI/RS (áudio 2 = 30,19 e áudio 03 = 31,50). O que nos permite afirmar que a amostra analisada demonstra ter preferência pelo português padrão em detrimento do português marcado pelo talian da RCI/RS. Submetemos as médias obtidas em cada teste de pares ocultos ao *teste de análise de variância das medidas repetidas* e ao *teste t de Student para amostras emparelhadas*. Em

ambos os testes os resultados foram significativos. Ou seja, a diferença entre as médias é estatisticamente significativa. O que pode ser verificado no quadro a seguir.

Quadro 22: Teste de amostras emparelhadas – Resultados do Teste de Pares Ocultos

	Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)	
	Média	Desvio padrão	Erro padrão da média	95% Intervalo de confiança da diferença					
				Inferior	Superior				
Par 1	TPO - ÁUDIO 01	9,063	4,973	1,243	6,413	11,712	7,290	15	,000
	TPO - ÁUDIO 02								
Par 2	TPO - ÁUDIO 01	7,750	4,203	1,051	5,510	9,990	7,375	15	,000
	TPO - ÁUDIO 03								
Par 3	TPO - ÁUDIO 01	-,875	2,986	,747	-2,466	,716	-1,172	15	,259
	TPO - ÁUDIO 04								
Par 4	TPO - ÁUDIO 02	-1,313	3,071	,768	-2,949	,324	-1,710	15	,108
	TPO - ÁUDIO 03								
Par 5	TPO - ÁUDIO 02	-9,938	5,709	1,427	-12,980	-6,895	-6,962	15	,000
	TPO - ÁUDIO 04								
Par 6	TPO - ÁUDIO 03	-8,625	4,660	1,165	-11,108	-6,142	-7,403	15	,000
	TPO - ÁUDIO 04								

Fonte: a própria autora

A partir dos resultados obtidos pelo Teste de Pares Ocultos, levantamos as seguintes questões:

- há correlação entre a atitude linguística favorável frente à variedade de português padrão e a africção espúria na L2?
- há correlação entre a atitude linguística desfavorável frente à variedade de português com marcas do talian e a africção espúria na L2?

Levantamos a hipótese de que o grau de simpatia frente ao português padrão e ao português da RCI/RS (des)favoreçam a africção, tanto na L1 quanto na L2. Para tanto, realizamos o teste de coeficiente de correlação de Spearman combinando as variáveis Africção na L1, Africção na L2 e os Resultados do Teste de Pares Ocultos para o áudio 01, 02, 03 e 04. A seguir apresentam-se os resultados obtidos no teste, com seu valor-p, para cada uma das combinações feitas entre as variáveis.

- Africção na L2 – Resultado do Teste de Pares Ocultos/Áudio 01: ($\rho = -0,062$, valor-p = 0,819).

- b) Africação na L2 – Resultado do Teste de Pares Ocultos/Áudio 02: ($\rho = -0,028$, valor-p = 0,919).
- c) Africação na L2 – Resultado do Teste de Pares Ocultos/Áudio 03: ($\rho = 0,257$, valor-p = 0,337).
- d) Africação na L2 – Resultado do Teste de Pares Ocultos/Áudio 04: ($\rho = -0,061$, valor-p = 0,823).
- e) Africação na L1 – Resultado do Teste de Pares Ocultos/Áudio 01: ($\rho = -0,339$, valor-p = 0,199).
- f) Africação na L1 – Resultado do Teste de Pares Ocultos/Áudio 02: ($\rho = 0,079$, valor-p = 0,772).
- g) Africação na L1 – Resultado do Teste de Pares Ocultos/Áudio 03: ($\rho = -0,132$, valor-p = 0,627).
- h) Africação na L1 – Resultado do Teste de Pares Ocultos/Áudio 04: ($\rho = -0,253$, valor-p = 0,345).

Como podemos observar, em nenhum dos testes efetuados, o valor de significância, valor-p, foi menor que 0,05, não havendo, portanto, correlação significativa entre a africação, tanto na L1 quanto na L2, e os resultados do teste de pares ocultos. Portanto, esses resultados evidenciam que a atitude linguística dos participantes da amostra não favoreceu nem desfavoreceu a africação na L1 e na L2 em termos de frequência.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo averiguar, em havendo africacão espúria na L2, em que medida a regra se aplica e quais são seus intervenientes linguísticos e sociais. Por meio de procedimentos da Análise de Interlíngua, de natureza quantitativa, investigamos neste trabalho a L2 de dezesseis participantes aprendizes de língua inglesa como língua estrangeira em nível inicial de aprendizagem, oriundos e/ou residentes no município de Caxias do Sul (RCI/RS). Para esta pesquisa, elaboraram-se dez hipóteses acerca do fenômeno da africacão espúria na L2. Reportar-se-ão, na sequência, o que o estudo permitiu verificar a respeito dessas suposições.

Hipótese 01: *Ocorre africacão espúria na L2 e a diferença entre as médias dos percentuais de africacão na L1 e na L2 não é estatisticamente significativa. Ou seja, as médias dos percentuais de africacão na L1 e na L2 são aproximadas.*

CORROBORADA EM PARTES. Ocorre africacão espúria na L2, porém a diferença entre as médias dos percentuais de aplicacão dessa regra na L1 (89,9%) e na L2 (7,42%) é estatisticamente significativa (*teste T de Wilcoxon*: valor-p = 0,000 < 0,05), o que vem de encontro com o proposto na hipótese, de que a diferença entre essas médias não seria estatisticamente significativa.

Hipótese 02: *Há correlacão significativa entre a frequência de africacão na L1 e a frequência de africacão espúria na L2.*

REFUTADA. A intensidade da associacão entre as variáveis *africacão na L1* e *africacão espúria na L2* foi testada via *coeficiente de correlacão de Rô de Spearman* (valor-p = 0,48 > 0,05) e *Tau-b de Kendall* (valor-p = 0,42 > 0,05), que apontam para a inexistência de correlacão estatisticamente significativa entre as variáveis.

Hipótese 03: *A africacão espúria na L2 é mais frequente quando a consoante-alvo /t/ ou /d/ é seguida de (1) vogal ou (2) vogal em fronteira lexical.*

CORROBORADA EM PARTES. Dos fatores controlados na variável ambiente linguístico – contexto seguinte, a africacão espúria na L2 é mais recorrente quando a consoante-alvo /t/ ou /d/ é seguida de vogal (*teste T de Wilcoxon*: valor-p = 0,003 < 0,05). Dos *tokens* analisados, nenhum caso de africacão espúria na L2 seguida de vogal em fronteira lexical foi registrado.

Hipótese 04: *A consoante-alvo desvozeada /t/ é mais suscetível à africacão espúria na L2 que sua contraparte vozeada /d/.*

CORROBORADA. Essa hipótese é confirmada via *teste T de Wilcoxon*, cujo valor-p é igual a 0,010 (<0,05).

Hipótese 05: *Consoante-alvo /t/ ou /d/ situada em sílaba tônica favorece a africacão espúria na L2.*

CORROBORADA. O *teste de Friedman* (valor-p = 0,001 < 0,05) confirma essa hipótese.

Hipótese 06: *A frequência de africacão espúria na L2 é menor quando o aprendiz está (ou esteve) exposto a mais de uma segunda língua.*

REFUTADA. O *teste U de Mann-Whitney* (valor-p = 0,132 > 0,05) evidencia que a diferença entre as médias dos percentuais de africacão espúria na L2 dos participantes expostos a outra(s) L2 (4,12%) e dos não expostos a outra(s) L2 (9,98%) não é estatisticamente significativa.

Hipótese 07: *A africacão espúria na L2 é mais recorrente entre os participantes de gênero feminino.*

REFUTADA. A diferença entre as médias dos percentuais de africacão espúria na L2 entre o sexo feminino – 10,81% – e o masculino – 4,03% não é estatisticamente significativa, segundo o *teste U de Mann-Whitney* (valor-p = 0,122 > 0,05).

Hipótese 08: *A africacão espúria na L2 é mais frequente entre os participantes de ascendência luso-brasileira, seguida pelos de ascendência alemã e italiana.*

REFUTADA. A diferença entre as médias dos percentuais de africacão espúria na L2 entre os luso-brasileiros (11,53%), ítalo-brasileiros (8,05%) e teuto-brasileiros (5,93%) não é significativa estatisticamente (*teste U de Mann-Whitney*: 1ª rodada [luso-brasileiros] – valor-p = 0,274 > 0,05; 2ª rodada [ítalo-brasileiros] – valor-p = 0,579 > 0,05; 3ª rodada [teuto-brasileiros] – valor-p = 0,853 > 0,05).

Hipótese 09: *A africacão espúria na L2 é favorecida pela atitude linguística favorável à variedade de português padrão por parte do participante.*

Hipótese 10: *A africacão espúria na L2 é favorecida pela atitude linguística desfavorável à variedade de português com marcas do talian por parte do participante.*

Hipóteses 09 e 10 REFUTADAS. O *teste de análise de variância das medidas repetidas* e ao *teste t de Student para amostras emparelhadas* evidenciam que, no Teste de Pares Ocultos, a variedade de português padrão obteve médias significativamente maiores (áudio 01 = 39,25 e áudio 04 = 40,13) que o português da RCI/RS (áudio 2 = 30,19 e áudio 03 = 31,50). Ou seja, os sujeitos participantes desta investigação demonstram ter uma atitude

mais positiva frente ao português da variedade padrão em detrimento do português marcado pelo talian da RCI/RS. Através do *teste de coeficiente de correlação de Spearman* averiguamos, no entanto, que não há correlação significativa entre essa atitude linguística e a africacão espúria na L2.

No processo de confirmação/refutação das hipóteses supracitadas a respeito da africacão espúria na L2, o processo de africacão na L1 também foi analisado. Dessa análise chegamos às seguintes conclusões:

- a) a média do percentual de africacão na L1 é de 89,9%. Tal índice diverge significativamente dos resultados apontados por Mauri (2008) – 28% – Matté (2009) – 35% –, os quais analisaram o mesmo processo alofônico no município de Caxias do Sul;
- b) no que diz respeito à sonoridade, assim como na africacão espúria na L2, a africacão na L1 é mais recorrente quando a consoante-alvo é desvozeada (*teste t de Student para amostras emparelhadas*: consoante vozeada – consoante desvozeada – valor-p = 0,000 > 0,05];
- c) com relação à tonicidade, a africacão na L1 ocorre com mais frequência quando a consoante-alvo /t/ ou /d/ está situada em sílaba tônica, assim como na africacão espúria na L2 (*teste t de Student para amostras emparelhadas*, par 1 [sílaba átona – sílaba tônica – valor-p = 0,000 > 0,05] e par 2 [sílaba tônica – monossílabos – valor-p = 0,017 > 0,05]);
- d) a diferença entre as médias dos percentuais de africacão na L1 entre o sexo feminino – 93,92% – e o masculino – 85,81% não é estatisticamente significativa, segundo o *teste t de Student para amostras independentes* (valor-p = 0,160 > 0,05);
- e) a diferença entre as médias dos percentuais de africacão na L1 entre os luso-brasileiros (94,05%), ítalo-brasileiros (89,19%) e teuto-brasileiros (88,51%) não é significativa estatisticamente (*teste t de Student para amostras independentes*: 1ª rodada [luso-brasileiros] – valor-p = 0,337 > 0,05; 2ª rodada [ítalo-brasileiros] – valor-p = 0,695 > 0,05; 3ª rodada [teuto-brasileiros] – valor-p = 0,794);
- f) com relação à atitude linguística favorável frente ao português da variedade padrão em detrimento do português marcado pelo talian da RCI/RS, averiguamos, através do *teste de coeficiente de correlação de Spearman*, que não há correlação significativa entre essa atitude linguística e a africacão na L1.

Sumarizando o que foi exposto anteriormente, das variáveis controladas, a variabilidade devido ao ambiente linguístico (composta por contexto seguinte, sonoridade, e tonicidade) foi considerada significativa pelo testes estatísticos realizados para o estudo. Na comunidade de fala investigada, a africção espúria na interlíngua português-ínglês é condicionada favoravelmente pelos fatores: a) consoante-alvo /t/ e /d/ seguida de vogal, b) consoante-alvo desvozeada e c) consoante-alvo localizada em sílaba tónica.

Espera-se estar contribuindo para o ensino de inglês como língua estrangeira, ampliando a visão do professor de inglês, chamando-lhe a atenção para aspectos que podem ser despercebidos, mas que podem contribuir sobremaneira para que o aluno atinja um desempenho melhor na língua-alvo:

- a) a compreensão do funcionamento a interlíngua de aprendizes de línguas estrangeiras como não-linear é “saber conviver com a interlíngua do aluno sem conflitos, é poder ajudá-lo a superar possíveis dificuldades encontradas em seu processo de ensino/aprendizagem”, conforme afirma Konzen (1997, p.108);
- b) devido às características semelhantes e divergentes entre L1 e L2, compartilha-se a opinião de Bettoni-Techio (2005) de que seja válido projetar materiais para públicos específicos quando se trabalha a instrução de pronúncia do inglês como LE e, quando isso não for possível, os professores devem ter ciência dos possíveis erros que seus alunos são suscetíveis de produzir e fornecer ajuda para preveni-los ou corrigi-los;
- c) estudos em fonologia da interlíngua podem, conforme Bettoni Techio (2005), oferecer insights de grande valia sobre as formas de reduzir o sotaque, melhorando, assim, a comunicação. Além disso, os resultados desse tipo de investigação constituem num insumo que podem contribuir para a elaboração de materiais e métodos para ajudar os alunos a superar a produção da fala e dificuldades de compreensão de ensino.

As hipóteses investigadas responderam às questões propostas para a pesquisa. Acredita-se, assim, que os objetivos propostos para o trabalho foram cumpridos considerando-se que se oportunizou uma melhor compreensão do processo alofônico da africção espúria na interlíngua português-ínglês na comunidade de fala pesquisada.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marco Antônio B. de. *A variação das oclusivas dentais na comunidade bilingüe de Flores da Cunha: uma análise quantitativa*. 2000. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguística Aplicada) – PUCRS, Porto Alegre.
- AMARAL, Marisa Porto. *A síncope e a africada alveolar*. Porto Alegre: Edipucrs, 2009. p. 93-113. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela (org.). *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.
- ALVES, Ubiratã Kickhöfel. *A aquisição das seqüências finais de obstruintes do inglês (L2) por falantes do sul do Brasil: análise via teoria da otimidade*. 2008. 309 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguística Aplicada) – PUCRS, Porto Alegre.
- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. *Bilinguismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Ariel, 1996.
- ARCHIBALD, John. *Second language phonology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1998.
- BABINI, Maurizio. *Fonética, fonologia e ortoépia da língua italiana*. São Paulo: Annablume, 2002.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BARALO OTTONELLO, M. La interlengua del hablante no nativo. In: LOBATO, J. Sánchez; SANTOS GARGALLO, I. (ed.). *Vademécum para la formación de profesores de español como segunda lengua (L2)/lengua extranjera (LE)*. Madri: SGEL, 2004, p. 369-389.
- BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO, Adalberto A.; LUCAS, João I. P.; BOVO, Niníve M. P. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. *Revista Virtual de estudos da linguagem – REVEL*. v.5, n.9, agosto de 2007.
- BATTISTI, Elisa; GUZZO, Natália B. A palatalização das oclusivas alveolares em Chapecó (SC). In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela. *Português do Sul do Brasil: Variação Fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 114-140.
- BENKO, Georges; LIPIETZ, Alain. O novo debate regional: Posições em confronto. In: _____. (Org.). *As regiões ganhadoras: os novos paradigmas da geografia econômica*. Oeiras: Celta, 1994.
- BETONNI-TECHIO, M. *Production of final alveolar stops in Brazilian Portuguese/English interphonology*. 2005, 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Língua Inglesa e Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- BISOL, Leda. A palatalização e sua restrição variável. *Estudos*, Salvador, n. 5, p. 163-77, 1986.
- _____. Palatalization and its variable restriction. *International Journal of Sociology of Language*, n. 89, p. 107-124, 1991. In: BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO, Adalberto

A.; LUCAS, João I. P.; BOVO, Niníve M. P. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. *Revista Virtual de estudos da linguagem – REVEL*. v.5, n.9, agosto de 2007.

_____. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3.ed. rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____; COLLISCHONN, Gisela (org.). *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

BOÉSSIO, C. P. D. *A transferência indevida do infinitivo flexionado no ensino de línguas próximas – português e espanhol*. 2003. 120f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas.

BOLOGNINI, Carmen Z.; PAYER, Maria Onice. Línguas de imigrantes. *Ciências e cultura*, São Paulo, v. 57, n. 2, abr./jun. 2005. Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br>. Acesso em: 13.03.2013.

CHAVES, Flávio Loureiro; BATTISTI, Elisa. *Cultura regional: língua, história e literatura*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004.

CHESHIRE, J. Sex and gender in variationist research. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.). *The handbook of language variation and change*. Malden/Oxford: Blackwell, 2002, p.423-443.

CORDER, S. P. The significance of learners errors. *IRAL*, V (4): 161-170, 1967.

_____. Idiosyncratic dialects and error analysis. *IRAL*, IX (2): 147-160, 1971.

_____. *Introducing Applied Linguistics*. Harmondsworth: Penguin Books, 1973.

_____. Describing the language learners language. In: _____. *Error analysis and interlanguage*. Oxford: Oxford University Press, 1981a, p. 26-34.

_____. The study of Interlanguage. In: _____. *Error analysis and interlanguage*. Oxford: Oxford University Press, 1981b, p. 65-78.

_____. *La importancia de los errores del que aprende en la lengua segunda*. In: LICERAS, J. M. *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Madri: Visor Dis, p 123-141, 1992.

CRYSTAL, David. *Dictionary of Linguistics and Phonetics*. London: Blackwell Publishing, 2008.

DAL CORNO, Giselle O. M.; SANTINI, Mara Suzana. Reações subjetivas à fala com sotaque italiano na Região de Colonização Italiana (RCI) do Rio Grande do Sul. In: MANTOVANI, Giselle; ZINANI, Cecil; PRESSANTO, Isabel (org.). *Coletânea Cultura e Saber*, Caxias do Sul, v.2, n. 1, p. 35-45, 1998.

DIAS, Ana Lourdes Cardoso. *Processo de palatalização no Português: Lagoa da Pedra e Canabrava – TO*. 2009. 121f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás.

DICKERSON, L. J. The learner's interlanguage as a system of variable rules. *TESOL Quarterly*, 9: 401-408. [1975].

DULAY, H.; BURT, M.; KRASHEN, S. *La seconda lingua*. Bologna, Il Mulino, 1993.

DURÃO, Adja Balbino de Amorin Barbieri. *Análisis de errores e interlengua de lusohablantes aprendices de español y de españoles aprendices de portugués*. Londrina, EDUEL, 1999.

_____. *Análisis de errores e interlengua de lusohablantes aprendices de español y de españoles aprendices de portugués*. 2.ed. (modificada). Londrina, EDUEL, 2004a.

_____. Os três modelos da Linguística Contrastiva frente a frente. In: _____ (org.). *Linguística Contrastiva: teoria e prática*. Londrina, Moriá, 2004b, p.14-23.

_____. *La interlengua*. Madri: Arco Libros, 2007.

ECKMAN, Fred R. From phonemic differences to constraint rankings: research on second language phonology. *Studies in Second Language Acquisition* 26, p. 513-549, 2004.

EDWARDS, Jette G. Hansen; ZAMPINI, Mary L. (ed.) *Phonology and Second Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008.

ELLIS, Rod. Sources of variability in Interlanguage. *Applied Linguistics*, 6/2: 118-131, 1985.

_____. *Second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

FAGGION, Carmen Maria. Estigma, cultura e atitude: investigações preliminares sobre o binômio prestígio/estigmatização na linguagem da Região de Colonização Italiana da Serra Gaúcha. In: FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: Educ, 2010. p. 61-76.

_____. Bilinguismo e Cultura. In: FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: Educ, 2010. p. 99-119

_____. Aspectos morfossintáticos do vêneto do Sul do Brasil. In: CASANOVA HERRERO, Emili; CALVO RIGUAL, Cesáreo (eds.). *Actas del XXVI Congreso Internacional de Lingüística y Filología Románicas*. Vol. VI. Berlin: Walter De Gruyter, 2013, p. 131-142.

FARIAS, Maria Solange de. *Estudo da interlingua de brasileiros estudantes de espanhol apoiado na análise de erros*. 2007, 103f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará. 2005

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. 'Região': desenhando os fundamentos de um conceito superestrutural (parte 1). In: CHAVES, Flávio Loureiro; BATTISTI, Elisa. *Cultura regional: língua, história e literatura*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004, p. 97-109.

FOULKES, Paul; SCOBIE, James M.; WATT, Dominic. Sociophonetics. In: HARDCASTLE, William J.; LAVER John; GIBBON, Fiona E. (ed.) *The handbook of Phonetic Sciences*. 2. ed. Wiley-Blackwell, 2012, p. 703-754.

FRIES, C. *Teaching and learning English as a foreign language*. Ann Arbor, Michigan University Press, 1945.

FROSI, Vitalina Maria. I dialetti italiani nel Rio Grande do Sul e il loro sviluppo nel contesto socioculturale ed economico: prevalenza del dialetto veneto. In: LO CASCIO, Vincenzo (Org.). *L'italiano in America Latina*. Firenze: Felice Le Monnier, 1987a. p. 136-163.

_____. Interrelazioni fra il dialetto veneto e la língua portoghese-brasilian. In: MEO ZILIO, G. (Org.). *Presenza, cultura, língua e tradizioni dei veneti nel mondo*. Venezia: Giunta Regionale Regione Veneto, 1987b, p. 215-236.

_____. *Provérbios dialetais italianos: uma linguagem em extinção*. Porto Alegre: 1989, 244 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1989.

_____. A linguagem oral da região de colonização italiana no sul do Brasil. In: MAESTRI, Mário (Org.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1996. p. 158-167.

_____. Proveniência dos imigrantes italianos e suas falas dialetais. In: ZUGNO, P. L., HERÉDIA, V. B. M. (Orgs.) *Seminário Internacional Vêneto/RS: modelos de desenvolvimento comparados (1945-2000)*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle O. Mantovani. Linguagem da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul: Prestígio e Estigmatização. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 5, p. 9, 2007.

_____. Prestígio e estigmatização: dialeto italiano e língua portuguesa da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul. *Revista da ABRALIN*, v. 7, p. 139-167, 2008.

_____. *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: Educs, 2010.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul, RS: Educs, 1983.

_____. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. 2. ed. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2009.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1998. 2001

- GROSJEAN, François. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. 11. Impressão [1982]. Cambridge, Massachusetts/London: Harvard University Press, 2001.
- GUZZO, Natália Brambatti. *A elevação da vogal média anterior átona em Flores da Cunha (RS)*. Caxias do Sul, RS, 2010. 158 f.: Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, 2010.
- HALLIDAY, M. A.; McINTOSH, A.; STREVEN, P. *As ciências linguísticas e o ensino de línguas*. Trad. Miriam Freire Morau. Petrópolis: Cortez, 1974. p. 98-135.
- HAUGEN, Einar. *Bilingualism in the Americas: a bibliography and research guide*. Montgomery: University of Alabama Press, 1956.
- HERÉDIA, Vania B. M. Etnicidade e cultura regional. In: CHAVES, Flávio Loureiro; BATTISTI, Elisa. *Cultura regional: língua, história e literatura*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2004, p. 71-80
- HORA, Dermeval da. Prestígio e estigma associados a um processo fonológico. In: TEIXEIRA, Marlene; FLORES, Valdir do Nascimento (org.). *O sentido na linguagem: uma homenagem à professora Leci Borges Barbisan*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.
- JARVIS, S. Methodological rigor in the study of transfer: indentifying L1 influence in the interlanguage lexicon. *Language Learning*, 50/2: 245-309. [2000].
- JOHNSON, Keith. *Acoustic and auditory phonetics*. 2.ed. Oxford: Blackwell, 2005.
- KONZEN, Maura Pereira. *O processo de aquisição da regra de palatalização do português como segunda língua, por falantes nativos de espanhol*. 1997. 118f. Dissertação (Pós-graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- KRAMSCH, Claire. *Language and culture*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell, 1996.
- LADO, Robert. *Linguistics across cultures*. Ann Arbor, Michigan University Press: 1957.
- _____. *Introdução à linguística aplicada*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1972.
- LAMBERT, W. E.; HODGSON, R. C.; GARDNER, R. C.; FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. *Journal of Abnormal and Social Psychology*. v. 60, nº 1, 1960.
- LARSEN-FREEMAN, Diane; LONG, Michael H. *An introduction to second language acquisition research*. London: Longman, 1991.
- LARSON-HALL, Jeniffer. *A guide to doing statistics in second language research using SPSS*. New York: Routledge, 2010.

- LICERAS, J. M. *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Madri: Visor Dis, p. 123-141, 1992.
- LIMA; Marília dos Santos; FONTANA, Niura Maria. (Org.). *Língua estrangeira e segunda língua: estudos descritivos*. Caxias do Sul: Educs, 2006.
- MATTOS e SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-histórica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.
- MATTÉ, Gabriel Duso. A palatalização variável de /t, d/ em Caxias do Sul. *Cadernos do IL*. Porto Alegre, n. 38, junho de 2009. p. 43-55.
- MAURI, Cristina. *Palatalização das oclusivas alveolares e práticas sociais em capelas de Forqueta, Caxias do Sul (RS)*. 2008, 77 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul.
- MONARETTO, V. N. O.; QUEDNAU, L. R.; HORA, D. da. As consoantes do Português. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3.ed. rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- NEMSER, W. Approximative systems of foreign language learners. *IRAL*, IX (2): 115-123. [1971].
- NEVINS, Andrew; BRAUN, David. The role of underlying representations in L2 Brazilian English. In: CALABRESE, Andrea; WETZELS, Leo W. (ed.). *Loan phonology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2009.
- OLIVEIRA, Graciele Turchetti. *Análise de erros em alunos de espanhol do ensino fundamental e médio: pronomes pessoais átonos*. 2006. 138f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas.
- PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. Estigma social da pronúncia no ensino do português. In: FELTES, Heloisa Pedrosa de Moraes; ZILLES, Urbano (orgs.). *Filosofia: diálogo de horizontes*. Caxias do Sul: Educs; Porto Alegre: Edipucrs, 2001. p. 627-634.
- PAVÓN, Maria Esther Arcos. *Análisis de errores, contrastivo e interlengua, en estudiantes brasileños de español como segunda lengua: verbos que rigen preposición y/o ausencia de ella*. 2009. 361f. Tese (Facultad de Filología) – Universidad Complutense de Madrid.
- PERCEGONA, Marcélia Silva. *A fossilização no processo de aquisição de segunda língua*. 2005. 100f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná.
- PERRONI, Maria Cecília. O que é o dado em aquisição da linguagem. In: CASTRO, M. F. P. (org.). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: UNICAMP, 1996.

PESTANA, Maria Helena; GAGEIRO, João Nunes. *Análise de dados para ciências sociais: a complementariedade do SPSS*. 4.ed. rev. e aum. Lisboa: Sílabo, 2005.

PINHEIRO, L. S. Correlações entre língua e espaço: configurações linguísticas e extralinguísticas. *Sociodialeto*, 2012.

POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento, 1974.

_____. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: Educs, 2003. (Coleção Cultura e Identidade).

_____. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes; ZILLES, Urbano. *Filosofia: diálogo de horizontes*. Caxias do Sul: Educs; Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

QUILIS, Antonio. *Tratado de fonología y fonética españolas*. 2. ed. Madri: Editorial Gredos, 1999.

ROCA, Iggy; JOHNSON, Wyn. *A course in phonology*. Oxford: Blackwell Publishing, 1999.

ROMAINE, Suzanne. Variation. In: DOUGHTY, C. J.; LONG M. L. (eds.). *The handbook of second language acquisition*. Malden-Oxford: Blackwell, 2005. p. 409-435.

SABBATINI, Mario; FRANZINA, Emilio. *I Veneti in Brasile nel Centenario dell'Emigrazione (1876-1976)*. Vicenza, Accademia Olimpica, 1977.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi. O uso da fala dialetal italiana por falantes urbanos como marca de identidade cultural. *Cadernos do IL*, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998. p. 29-50.

_____. O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: identidade, atitudes linguísticas e manutenção do bilinguismo. In: LIMA; Marília dos Santos; FONTANA, Niura Maria. (Org.). *Língua estrangeira e segunda língua: estudos descritivos*. Caxias do Sul: Educs, 2006.

SANTOS GARGALLO, I. *Análisis contrastivo, Análisis de Errores e Interlengua en el marco de la Lingüística Contrastiva*. Madrid: Arco Libros, 1993.

SELINKER, L. Interlanguage. *IRAL*, 10: 209-231. [1972].

SILVA, Helton Bartholomeu da, Jr. *A africada alveolar na fala de duas comunidades fronteiriças no extremo sul do Brasil: uma análise variacionista*. 2009, 131 f. Dissertação (Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *Pronúncia do inglês: para falantes do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVEIRA, R.; Baptista, B. O. A pesquisa em interfonologia: percepção, produção e ensino. In: IX Congresso Nacional e III Congresso Internacional de Fonética e Fonologia, 2006, Belo Horizonte. *Caderno de Resumos do IX Congresso Nacional e III Congresso Internacional de Fonética e Fonologia*, 2006. p. 47-47.

STAWINSKI, Alberto Victor (1987). *Dicionário do dialeto vêneto sul-rio-grandense - português*. Porto Alegre: EST S. Lourenço de Brindes / Caxias do Sul: Educus.

TARONE, E. Systematicity and attention in interlanguage. *Language Learning*, 29/1: 181-191, 1982.

_____. *Variation in Interlanguage*. London: Edward Arnold, 1988. In: DURÃO, Adja Balbino de Amorin Barbieri. *La interlengua*. Madri: Arco Libros, 2007

THOMAS, Erik R. *Sociophonetics: an introduction*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2011.

TOMIELLO, Marciana. *A variação do ditongo nasal tônico -ão como prática social no português de São Marcos/RS*. 2005. 110f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul.

WAGNER, Mario Bernardes; MOTTA, Valter Teixeira da; DORNELLES, Cristina. *SPSS passo a passo: statistical package for the social sciences*. Caxias do Sul, RS: Educus, 2004.

WARDHAUGH, R. The Contrastive Analysis Hypothesis. *TESOL Quartely*, 4: 123-130. [1970].

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: findings and problems*. The Hague: Mouton de Gruyter, 1979.

YAVAŞ, Mehmet. *Applied English Phonology*. 2. ed. Reino Unido: Wiley-Blackwell, 2011.

**ANEXO A - COLÔNIAS ORIGINAIS E SEUS DESDOBRAMENTOS EM
MUNICÍPIOS**

(continua)

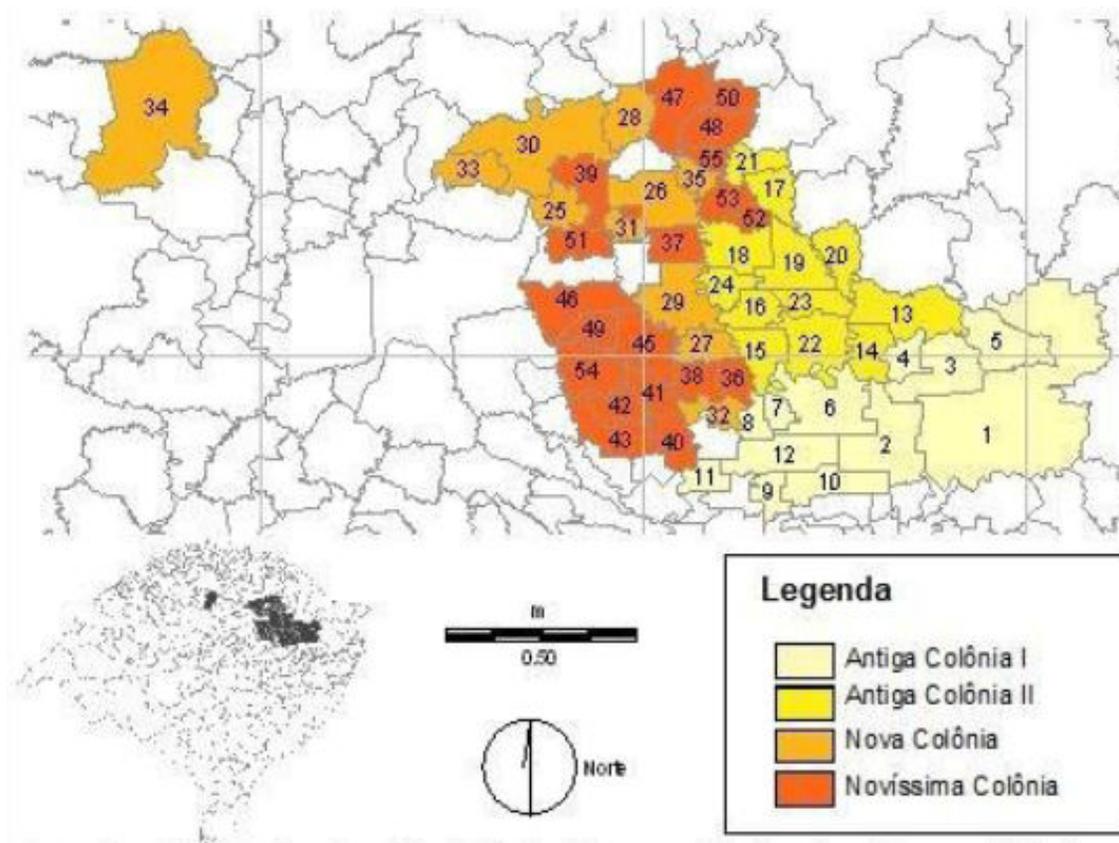
Denominação	Colônia	Municípios em 2001
Antiga Colônia I (1875-1885)	Caxias	1. Caxias do Sul
	(Barracão – Nova Milano)	2. Farroupilha
	Dona Isabel	3. Flores da Cunha
	Conde D’Eu	4. Nova Pádua
		5. São Marcos
		6. Bento Gonçalves
		7. Monte Belo do Sul
		8. Santa Teresa
		9. Boa Vista do Sul
		10. Carlos Barbosa
		11. Coronel Pilar
		12. Garibaldi
Antiga Colônia II (1884-1896)	Antônio Prado	13. Antônio Prado
	Alfredo Chaves	14. Nova Roma do Sul
		15. Cotiporã
		16. Fagundes Varela
		17. Guabiju
		18. Nova Bassano
		19. Nova Prata
		20. Protásio Alves
		21. São Jorge
		22. Veranópolis
		23. Vila Flores
		24. Vista Alegre do Prata
Nova Colônia	Guaporé	25. Camargo
		26. Casca
Encantado: (1882-1900)	Encantado	27. Dois Lajeados
Guaporé: (1892-1900)		28. Gentil
		29. Guaporé
		30. Marau
		31. Montauri
		32. Muçum
		33. Nicolau Vergueiro
		34. Santa Bárbara do Sul
		35. São Domingos do Sul
		36. São Valentim do Sul
		37. Serafina Corrêa
		38. Vespasiano Correa
		39. Vila Maria
		40. Encantado
		41. Doutor Ricardo
		42. Relvado
		43. Nova Brésia

44. Coqueiros do Sul

Novíssima Colônia (1900 em diante, até, aproximadamente 1920)	(Expansões das diversas colônias anteriores)	45. Anta Gorda
		46. Arvorezinha
		47. Ciríaco
		48. David Canabarro
		49. Ilópolis
		50. Multiterno
		51. Nova Alvorada
		52. Nova Araçá
		53. Paraí
		54. Putinga
		55. Vanini

Fonte: Frosi e Mioranza, 2009 (p. 105-106).

ANEXO B – MAPA DOS MUNICÍPIOS DERIVADOS DAS COLÔNIAS ITALIANAS OFICIAIS



Fonte: Pinheiro (2012)

ANEXO C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP, Nº 303.248 DE 27.05.2013

UNIVERSIDADE DE CAXIAS
DO SUL-RS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A africacão na interlíngua português-inglês na Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul

Pesquisador: Carmen Maria Faggion

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 12076512.2.0000.5341

Instituição Proponente: Universidade de Caxias do Sul-RS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 303.248

Data da Relatoria: 27/05/2013

Apresentação do Projeto:

A pesquisa, orientada pela Sociolinguística e Linguística Aplicada, visa verificar como os falantes de português da Região de Imigração Italiana realizam as oclusivas simples /t/ e /d/ em seu aprendizado de língua inglesa, visto que, no português da região, a africacão de /t/ e /d/ diante de /i/ é vista como marca de prestígio. Será que os aprendizes de inglês terão a tendência de realizar a forma que tem prestígio em português também nas palavras inglesas?

QUESTÕES NORTEADORAS

- (a) Poder-se-ia afirmar que esses aprendizes de língua inglesa nativos da RCI-RS transferem os padrões de variação dos fonemas /t/ e /d/ em sua língua nativa para a sua interlíngua?
- (b) Em que medida isso ocorre?(c) O que condiciona a (não) transferência?
- (d) Há fatores extralinguísticos, além de linguísticos, envolvidos nesse processo?

METODOLOGIA

SELEÇÃO DOS SUJEITOS PARTICIPANTES DO EXPERIMENTO 16 alunos (8 M e 8 F) aprendizes de inglês como língua estrangeira no ensino regular, nascidos na localidade ou oriundos de algum município pertencente à RCI.

INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

1 Questionário sobre participantes de pesquisa de campo.

Continuação do Parecer: 303.248

2 Teste de leitura oral de sentenças na L1 (português brasileiro) - Leitura de uma sequência de sentenças em língua portuguesa nas quais apareçam itens lexicais nos quais o contexto /t/ ou /d/ seguido de /i/ ou /y/apareça em sua estrutura fonológica, a fim de mensurar a aplicação de palatalização de oclusivas alveolares.

3 Teste de leitura oral de sentenças na L2 (inglês) - Leitura de uma sequência de sentenças em língua inglesa nas quais apareçam itens lexicais nos quais, em sua realização fonética, presencie-se um contexto aproximado ao da língua portuguesa /t/ ou /d/ seguido de /i/ ou /y/, com o objetivo de mensurar a aplicação de palatalização de oclusivas alveolares na interlíngua português-ínglês de aprendizes nativos da RCI.

4 Teste de pares ocultos de Lambert - Aplicação do teste dos pares ocultos (the matched guise approach) de Lambert, com o objetivo de capturar impressões subjetivas dos participantes da pesquisa acerca da variedade linguística de língua portuguesa típica da RCI que possui traços fonético-fonológicos pertencentes à coíné de base vêneta.

RECURSOS TÉCNICOS E TRANSCRIÇÃO A leitura das sentenças será gravada em arquivo de áudio mp3 e transcrita foneticamente segundo os padrões do IPA (Alfabeto Fonético Internacional).

ANÁLISE DOS DADOS

A Metodologia de Análise de Dados prevê a análise comparada (quantitativa) dos índices de palatalização de oclusivas alveolares na língua portuguesa e na interlíngua português-ínglês dos participantes da pesquisa sob o princípio da Análise Contrastiva (AC), a fim de identificar o(s) possível(is) fator(es) linguístico(s) condicionante(s) da aplicação da palatalização das oclusivas alveolares na interlíngua português-ínglês de aprendizes nativos da RCI. Além disso, proceder-se-á uma análise comparativa (qualitativa) do teste dos pares ocultos com os resultados dos índices de palatalização de oclusivas alveolares na língua portuguesa e na interlíngua português-ínglês a fim de identificar o(s) Possível(is) fator(es) extralinguístico(s) condicionante(s) da aplicação da palatalização das oclusivas alveolares na interlíngua português-ínglês de aprendizes nativos da RCI.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral:

Verificar como os falantes de português da Região de Imigração Italiana realizam as oclusivas simples /t/ e /d/ em seu aprendizado de língua inglesa, identificando como se dá o processo a partir de seu(s) possível(is) condicionante(s) linguístico(s) e/ou extralinguístico(s).

Objetivos Específicos:

Continuação do Parecer: 303.248

- a) Mensurar a africação na língua portuguesa de aprendizes de língua inglesa nativos da RCI-RS;
- b) Mensurar a africação na interlíngua português-inglês de aprendizes nativos da RCI-RS; c) Identificar o(s) possível(is) fator(es) linguístico(s) condicionante(s) da africação na interlíngua português-inglês de aprendizes nativos da RCI-RS, além do contexto fonológico seguinte [i] e suas variantes [y, ɨ];
- d) Identificar o(s) possível(is) fator(es) extralinguístico(s) condicionante(s) da africação na interlíngua português-inglês de aprendizes nativos da RCI-RS.
- e) Analisar, de forma interdisciplinar, nas áreas de Sociolinguística e de Linguística Aplicada, os dados que serão obtidos a partir dos instrumentos aplicados na pesquisa.
- f) Discutir a importância dos resultados obtidos na pesquisa a fim de fornecer subsídios teóricos à área de estudos voltada para a interfonologia de aprendizes brasileiros de inglês, bem como aos profissionais envolvidos no ensino da pronúncia do inglês no contexto da RCI-RS.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O projeto informa que não há riscos.

Benefícios:

Aumentar o conhecimento científico relacionado aos estudos de aquisição fonológica de segunda língua.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa pretende verificar como 16 moradores (8M e 8F) da Região de Imigração Italiana do RS realizam as oclusivas simples T e D na aprendizagem do inglês no ensino regular, identificando como se dá o processo a partir de condicionantes linguísticos ou extralinguísticos, a partir de questionário e teste de leitura oral. Como resultado, espera-se ampliar o conhecimento científico relacionado aos estudos de aquisição fonológica de segunda língua.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O Cronograma foi atualizado.

O TCLE está completo.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS
DO SUL-RS



Continuação do Parecer: 303.248

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências ou inadequações.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

13 de Junho de 2013

Assinador por:
Wilson Paloschi Splandorello
(Coordenador)

Endereço: Rua Francisco Getúlio Vargas 1130

Bairro: Petrópolis

CEP: 95.070-560

UF: RS

Município:

Telefone: (543)218-2829

Fax: (543)218-2100

E-mail: cep-ucs@ucs.br

ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

RESOLUÇÃO 196/96

O/a Sr.(a) _____ foi escolhido para participar do projeto de pesquisa “A africação na Interlíngua Português-Ingês na Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul”, de responsabilidade da pesquisadora docente Dr.^a Carmen Maria Faggion, e de autoria da pesquisadora discente Luana Tiburi Dani, ambas relacionadas ao Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, da Universidade de Caxias do Sul. O objetivo desse projeto é, em havendo o processo de africação na interlíngua português-inglês de aprendizes nativos da RCI/RS, identificar como se dá o processo a partir de seu(s) possível(is) condicionante(s) linguístico(s) e/ou extralinguístico(s), para que se possa, futuramente, fornecer subsídios teóricos aos profissionais envolvidos no ensino da pronúncia do inglês no contexto da RCI/RS. Para tanto, será aplicado, primeiramente, um questionário que visa obter informações que serão utilizadas para direcionar a análise de dados da pesquisa. Posterior a isso, serão disponibilizadas duas listas de sentenças em línguas portuguesa e inglesa para que o participante proceda a uma leitura oral, que será gravada para futura análise de aspectos fonéticos, ou seja, relacionados à pronúncia. Por último, haverá a aplicação do teste de pares ocultos, no qual, primeiro, o participante procederá à audição de um mesmo texto lido por diferentes pessoas, e depois, responderá a um questionário que visa coletar impressões subjetivas do participante acerca dessa audição.

As respostas e os dados obtidos neste estudo serão tratados de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome. Quando for necessário exemplificar determinada situação, os nomes serão substituídos por siglas, assegurando a sua privacidade. Os dados coletados utilizados nessa pesquisa serão divulgados em eventos e/ou revistas científicas, além, é claro, na dissertação final da mestranda Luana Tiburi Dani.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionados à sua participação no desenvolvimento deste trabalho. O benefício relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico relacionado aos estudos de aquisição fonológica de segunda língua.

O/a Sr(a) receberá uma cópia deste termo, onde constam o celular e e-mail do pesquisador responsável e demais membros da equipe, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Nome da pesquisadora docente responsável: Prof.^a Dr.^a Carmen Maria Faggion

Celular: (54) 9151.4687

E-mail: carmenfaggion@gmail.com

Nome da pesquisadora discente responsável: Luana Tiburi Dani

Celular: (54) 9906.8399

E-mail: ltdani1986@gmail.com

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo com a participação no estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Professor Responsável pelo Projeto

Assinatura do Aluno Pesquisador Responsável

Caxias do Sul, ____ de _____ de 2013.

Comitê de Ética em Pesquisa – CEPUCS

Rua Francisco Getúlio Vargas, nº. 1130, Sala 321, Bloco A

Caxias do Sul – RS. CEP: 95070-560

Telefone: (54) 3210.2829

ANEXO E - QUESTIONÁRIO SOBRE PARTICIPANTES DE PESQUISA DE CAMPO

Participante nº ____

Universidade de Caxias do Sul

Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade – Mestrado Acadêmico

Mestranda: Luana Tiburi Dani

Orientadora: Prof^a Dr^a Carmen Maria Faggion

QUESTIONÁRIO SOBRE PARTICIPANTES DE PESQUISA DE CAMPO

Por favor, responda as perguntas abaixo. Este questionário visa somente obter informações que serão utilizadas para direcionar a análise dos dados da pesquisa conduzida pela mestranda acima citada. As respostas e os dados obtidos neste estudo serão tratados de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome. Quando for necessário exemplificar determinada situação, os nomes serão substituídos por siglas, assegurando a sua privacidade.

Responda as perguntas abaixo tendo em mente que o objetivo é traçar um perfil de seu contato com o inglês. Tente ser o mais específico/a possível. Faça qualquer tipo de comentário que julgar interessante para dar uma visão fiel deste contato.

1. Sexo:

() Feminino

() Masculino

2. Faixa etária:

() menos de 20 anos de idade

() 20-30 anos de idade

() 30-40 anos de idade

3. Qual é a sua ascendência?

() alemã

() italiana

() luso-brasileira

() outra

4. Em qual cidade morou por mais tempo?

5. Estudou a língua inglesa no Ensino Fundamental? E no Ensino Médio?

6. Estudou o idioma em outro instituto de línguas? Por quanto tempo?

7. Tem vivência em algum país de língua inglesa? Caso a resposta seja sim, informe qual país, quanto tempo durou essa vivência lá e qual era a sua idade na época.

8. Estuda, estudou ou tem contato com outra língua estrangeira? Caso a resposta seja sim, informe qual língua e em que contexto esse contato ocorre (escola, família...).

ANEXO F – TESTE DE LEITURA ORAL DE SENTENÇAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

TESTE DE LEITURA ORAL DE SENTENÇAS EM LÍNGUA PORTUGUESA⁸⁸

- 1) Fanti é a pessoa nascida ou que vive na antiga Costa do Ouro, República de Gana.
- 2) Buriti é uma palmeira de cujas folhas se extraem fibras, e de cujo fruto se obtém óleo rico em caroteno;
- 3) A mais falada das línguas oficiais da Índia é o Hindi.
- 4) Sandi é o conjunto das regras eufônicas relativas ao encontro de palavras no sânscrito.
- 5) Desdisse o que havia dito.
- 6) Os debates sobre temas comunitários têm um efeito politizante sobre a população.
- 7) Aos éticos repugna o comportamento leviano de certos políticos.
- 8) Tem a mania de tipologizar as pessoas.
- 9) O objetivo do novo distrito naval na Amazônia é ampliar presença do governo na região.
- 10) Duende: pequeno ser imaginário, de aspecto humano, orelhas pontudas e dotado de poderes mágicos, que penetraria à noite nas casas para fazer travessuras e amedrontar os moradores.
- 11) “...o autor passa em revista a história de sua terra, cheia de lances de tirania sanguinária...”
- 12) Ressentido, não se dirigia ao amigo nem para cumprimentar.
- 13) “Há material aqui que me parece de utilidade para tua exposição.”

⁸⁸ Sentenças formuladas a partir de informações encontradas em dicionários de língua portuguesa online Aulete e Aurélio.

ANEXO G – TESTE DE LEITURA ORAL DE SENTENÇAS EM LÍNGUA INGLESATESTE DE LEITURA ORAL DE SENTENÇAS EM LÍNGUA INGLESA⁸⁹

- 1) I'd like a return ticket to Sydney.
- 2) He's just a tease. Ignore him.
- 3) Do you want some more tea?
- 4) I beg to differ with you a bit there.
- 5) We had chicken for dinner.
- 6) She is a very dear friend of mine.
- 7) We've had no dealings with their company for years.
- 8) The university was a breeding ground for political radicals.
- 9) He is a man of great wit, sensitivity, and passion.
- 10) Are you going to stay till the end of the game?
- 11) I've already paid for everything.
- 12) His head looks too big for his body.
- 13) By the time he got home, he was in a terrible state.
- 14) Be sure to close the gate to the drive when you leave.
- 15) Julia has to decide between being an architect or a novelist.
- 16) Prices have risen sharply in the last decade.
- 17) I can't find my ticket. I think I must have lost it.
- 18) It is a glorious day.
- 19) Oops! I did it again.
- 20) I never knew she had it in her.

⁸⁹ Sentenças extraídas de Macmillan English Dictionary for Advanced Learners CD-ROM 2nd Edition.

ANEXO H – TESTE DE PARES OCULTOS

TESTE DE PARES OCULTOS⁹⁰

ÁUDIO Nº _____

Declarações	concordo plenamente	concordo	nem concordo nem discordo	discordo	discordo plenamente
01 Esta pessoa que você ouviu É INTELIGENTE.					
02 Esta pessoa que você ouviu É FEIA.					
03 Esta pessoa que você ouviu SENTE VERGONHA DE FALAR ASSIM.					
04 Esta pessoa que você ouviu É INSTRUÍDA.					
05 Esta pessoa que você ouviu SOFRE PRECONCEITO SOCIAL.					
06 Esta pessoa que você ouviu SENTE ORGULHO DE FALAR ASSIM.					
07 Esta pessoa que você ouviu É ATRASADA.					
08 Esta pessoa que você ouviu É GROSSA.					

⁹⁰ Adaptado por Frosi, Faggion e Dal Corno para o projeto ESTIGMA, desenvolvido na Universidade de Caxias do Sul, sob coordenação de Vitalina Maria Frosi no período de agosto de 2004 a julho de 2007.

09 Esta pessoa que você ouviu É TRABALHADORA.					
10 Esta pessoa que você ouviu É UM TÍPICO MORADOR DA COLÔNIA.					

Fonte: Frosi, Faggion e Dal Corno (2004-2007).